



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - SISTEMA CARCERÁRIO

EVENTO: Audiência Pública Externa	Nº: 0036/08	DATA: 22/02/2008
INÍCIO: 13h57min	TÉRMINO: 18h58min	DURAÇÃO: 5h01min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 4h59min	PÁGINAS: 169	QUARTOS: 60

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

MAURÍCIO DE OLIVEIRA CAMPOS JÚNIOR - Secretário de Defesa Social do Estado de Minas Gerais.  
DIVINO MARTINS DOS SANTOS - Pai de uma das vítimas do incêndio na Delegacia de Rio Piracicaba, Estado de Minas Gerais.  
EXPEDITO RIBEIRO - Carcereiro da Delegacia de Rio Piracicaba.  
SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO - Policial Militar.  
ANDRÉ LUIZ DE FREITAS - Delegado da Cadeia Pública de Rio Piracicaba.  
JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA - Perito Criminal.

SUMÁRIO: Explicação sobre os dados do Estado de Minas Gerais em investimento e administração do sistema carcerário e sobre o episódio ocorrido na cidade de Rio Piracicaba, onde 8 detentos morreram queimados na cela no início do ano de 2008. Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Reunião realizada na Assembléia Legislativa de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.  
Houve exibição de imagens.  
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.  
Há palavras ininteligíveis.  
Há orador não identificado.  
Não foi gravado o final da reunião.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Declaro abertos os trabalhos desta Comissão Parlamentar de Inquérito criada pela Câmara Federal com a finalidade de investigar e diagnosticar o Sistema Carcerário brasileiro.

Informo aos senhores presentes que vamos tomar alguns depoimentos de pessoas convocadas para falarem sobre o sistema prisional de Minas Gerais e também tomar depoimentos de citados e testemunhas do caso ocorrido na cidade de Rio Piracicaba, onde 8 detentos morreram queimados na cela, no início do ano de 2008.

Quero, neste momento, passar a palavra ao Secretário de Defesa Social do Estado de Minas Gerais, Dr. Maurício, que terá oportunidade de fazer uma explanação sobre os dados do Estado de Minas Gerais em investimento e administração do sistema carcerário e, posteriormente, será indagado pelos Parlamentares sobre as ações do Governo nessa área.

Com a palavra o Dr. Maurício.

**O SR. MAURÍCIO DE OLIVEIRA CAMPOS JÚNIOR** - Sr. Presidente, apenas solicito aguardar a chegada do operador, porque ele esteve presente na reunião o tempo inteiro, aguardando para poder fazer, mas acho que, com o intervalo do almoço, ele deve estar voltando. Foi convidado ali para a apresentação das lâminas. *(Pausa.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Com a palavra o Dr. Maurício.

**O SR. MAURÍCIO DE OLIVEIRA CAMPOS JÚNIOR** - Sr. Presidente, Deputado Neucimar Fraga; Sr. Relator, Deputado Domingos Dutra; Deputado Alexandre Silveira; Deputado Paulo Abi-Ackel; Deputado Adalclever; meu dileto amigo e parceiro, grande ídolo da minha juventude e também da minha fase adulta, antes como goleiro do meu glorioso Atlético Mineiro, hoje como grande um Parlamentar mineiro, Deputado João Leite.

Cumprimento os demais Deputados presentes, o Deputado Sargento Rodrigues, também um grande Parlamentar desta Casa, que cumpre na Comissão de Segurança Pública papel espinhoso e fundamental para a boa qualidade dos trabalhos de segurança pública e defesa social. Cumprimento o Dr. Genilson Zeferino, Subsecretário de Administração Prisional, também um parceiro de esforços



dentro da Secretaria de Estado de Defesa Social, as demais autoridades, especialmente policiais militares e civis, agentes de segurança penitenciários e entidades representativas da sociedade civil e mesmo de profissionais da área de segurança pública. Cumprimento o Dr. Nelson Missias, Presidente da AMAGIS também. Enfim, os que aqui pude identificar com uma passada de olhos.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Gostaria, em primeiro momento, Sr. Presidente, de apresentar, em linhas gerais, o trabalho que vem sendo feito pelo Governo de Minas Gerais quanto à expansão e modernização do sistema prisional e penitenciário, notadamente do ano de 2003 ao ano de 2008. Quero crer que isso seja importante — e muito importante —, porque, se a presença da CPI constitui uma oportunidade para que esse debate relevante e fundamental ao Brasil sobre a questão carcerária ganhe notoriedade, publicidade e evidência, é também importante que esta CPI conheça as ações de governo em cada Estado da Federação, para buscar mitigar, já que é muito difícil a transformação imediata, adequar e resolver da melhor maneira possível esses problemas.

Vale dizer que Minas Gerais — e V.Exas. viram — tem os mesmos problemas que qualquer outro Estado da Federação, e, quero crer, a primeira fase desta reunião já tornou isso evidente pela palavra de cada um dos Deputados componentes desta Comissão Parlamentar de Inquérito. Minas Gerais tem os mesmos problemas. As constatações relativas ao 2º Distrito de Contagem, a realidade referente ao 16º Distrito, de mulheres, ou mesmo o esforço relativamente à divisão de tóxicos, de fato, constituem uma realidade importante, e a Secretaria de Estado de Defesa Social, ao longo dos últimos dias, atenta e ansiosa pela presença da Comissão Parlamentar de Inquérito, quis manter tal como se encontrava a superlotação existente naquelas unidades. Para quê? Para que tornássemos público o problema que Minas Gerais enfrenta, e que não é diferente de problemas de outros Estados. Estranho seria se aqui a Comissão chegasse e não encontrasse realidade assim, até porque esse problema é histórico, centenário, para não dizer de outra maneira. E Minas Gerais, com todo o esforço e empenho que veremos, conseguiu diminuir, e muito, o problemas, mas, para resolvê-lo — quem sabe? — mais alguns anos serão necessários.



Expansão e modernização do sistema prisional e penitenciário do Governo de Minas Gerais 2003/2008.

Em primeiro lugar, é importante destacar: de fato, Minas é o Estado que mais investe em segurança pública em relação à despesa orçamentária: 13,5% em 2006. Isso tem constituído uma prioridade. Essa prioridade do Governador Aécio Neves na área de segurança pública se evidencia pela presença de recursos no limite da capacidade do Estado de Minas Gerais. Posso dizer a V.Exa. que, apenas em 2006, cerca de 245 milhões foram investidos em segurança pública em Minas Gerais, contrastando com a capacidade inicial em 2003, primeiro ano de governo do Governador Aécio Neves, em que cerca de 13 milhões apenas puderam ser investidos nesta área.

Vale dizer: é uma prioridade absoluta a segurança pública em Minas Gerais. Os recursos destinados a expansão e modernização do sistema prisional — para que V.Exa. tenha uma idéia, e os membros da CPI — cresceram mais de 1.100% de 2004 a 2007. Vale dizer: é prioridade absoluta. Minas Gerais gasta com segurança pública, ou gastou com segurança pública entre 2003 e 2007, o total de 16 bilhões e 600 milhões de reais, destinados a essa única área de ação da Administração Pública.

Lamentavelmente — e esse é um fato que o número, um dado concreto e objetivo, é capaz de ilustrar —, apenas 1,1% deste volume de recursos é oriundo do Governo Federal. Sem nenhuma crítica ou qualquer outra interpretação que se faça relativamente a essa constatação, isso apenas evidencia, nada além, que Minas Gerais tem feito a sua parte relacionada à dedicação de recursos em grande quantidade, mas no seu componente de recursos não figura como expressivo o recurso federal.

Se verificarmos a próxima lâmina, isso se evidencia também em relação a 2002 até 2007. Ou seja, os investimentos executados através do Fundo Penitenciário Nacional têm apresentado também um componente muito pouco significativo no esforço de segurança pública em Minas Gerais. Também em relação aos investimentos executados pelo Fundo Nacional de Segurança Pública, que em 2006 chegaram a um patamar irrisório e, em 2007, apesar de todo o esforço da Secretaria, com apresentação de projetos, não foi muito expressivo.



A expansão e modernização do sistema prisional, iniciada em 2003, acrescentou, portanto, 2 vezes mais vagas no sistema do que as vagas produzidas em toda a história do sistema penitenciário, e, naturalmente, no âmbito da antiga Secretaria de Estado de Justiça. É importante, Sr. Presidente, apenas para compreendermos algumas ações, alguns institutos, alguns órgãos, algumas terminologias que aqui em Minas adotamos para identificarmos cada uma das potencialidades de ação que temos e os problemas que enfrentamos, diagnosticamos e temos de enfrentar.

O sistema prisional, penitenciário e socioeducativo é composto por penitenciária, assim compreendida aquela unidade destinada ao condenado a uma pena privativa de liberdade... Presídio aqui em Minas designamos o estabelecimento para presos provisórios, mas que se diferencia das unidades destinadas a presos provisórios do sistema prisional da Polícia Civil, que são as cadeias públicas.

Convivemos com 2 realidades nessa fase. Há um sistema da Subsecretaria de Administração Prisional, que evoluiu de 5 mil presos em 2003 para 22 mil presos em 2007. Hoje, já em fevereiro, temos 24 mil presos sob a administração da Subsecretaria de Administração Prisional. E há um remanescente de presos ainda na Polícia Civil, no ambiente de cadeias públicas. A determinação do Governador Aécio Neves nessa matéria é fazer migrar toda a carceragem da Polícia Civil para a Subsecretaria de Administração Prisional, e isso tem sido feito e cumprido à risca, como V.Exas. vão ver. Lamentavelmente, a velocidade desse acontecimento por vezes tem uma cadência que se impõe contra a nossa vontade de realizar algumas coisas. Contudo esta é a meta: zerar a carceragem da Polícia Civil, permitir aos briosos policiais civis e militares de Minas Gerais que eles exerçam o papel de segurança pública da missão constitucional, liberando-os definitivamente da carceragem, que hoje se encontra ainda na Polícia Civil. Contudo, temos contado com a compreensão desses profissionais, já que isso não se faz da noite para o dia. E estamos agora numa nova fase, procurando instrumentalizá-los, para terem condições de aguardar e manter na mesma velocidade, ou até em velocidade maior, essa transferência de presos.

A APAC é, de fato, uma das meninas dos olhos, pois não há uma só ação que seja exclusiva. A APAC é uma das ações prioritárias do Governo de Minas Gerais.



Essa APAC, assim entendida Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, é uma entidade civil de Direito Privado que se dedica à recuperação e à reintegração social dos condenados a penas privativas de liberdade. A APAC se distingue do sistema carcerário comum especialmente pela co-responsabilidade existente entre os parceiros da sociedade civil, que têm inclusive o trabalho voluntário. A APAC tem se constituído num grande fator de ressocialização e reinserção produtiva do preso, inclusive melhorando as condições para o custo de manutenção do preso.

O Centro Socioeducativo é unidade que visa manter programas de atendimento para execução de medidas de semiliberdade e internação, inclusive internação provisória, competência exclusiva da esfera estadual do Governo, segundo o SINASE.

Os CERESPs são centros de remanejamento de segurança pública, termo usado no conceito operacional. Porém, têm o mesmo conceito de presídio, dependendo de quem esteja sob a custódia, o preso. A cadeia pública, finalmente, é a unidade destinada ao recolhimento de presos provisória que ainda se encontram sob a responsabilidade da Polícia Civil.

A próxima lâmina, Sr. Presidente, Sr. Relator, demais Deputados, é muito expressiva do que tem sido feito em Minas Gerais. Para que se tenha uma idéia, esse quadro é capaz de resumir, sintetizar uma realidade que vai se transformando ao longo dos anos e que tem rendido em Minas Gerais uma unidade importante: a unidade que envolve a percepção da Comissão de Segurança Pública desta Casa, da Comissão de Direitos Humanos desta Casa, do Poder Judiciário, do Ministério Público, da Defensoria Pública.

Todos esses têm sido parceiros no sentido de compreender um esforço governamental que avança a passos largos. Se até 2002 eram acumuladas 5.300 vagas no sistema da Secretaria, em todas as unidades aí consideradas penitenciárias, presídios, APACs assumidas pela Secretaria através de convênios ou APACs criadas pelo fomento da Secretaria junto a outros órgãos, em 2003 incorporaram-se mais 1.188; em 2004, mais 938; em 2005, mais 388; em 2006, mais 5.324; em 2007, mais 1.657 vagas. Para 2008, pretendemos ainda mais 4.131, totalizando 18.927 vagas, num esforço de Governo fundamental no processo de



compreensão de tratamento digno do preso, de qualidade na execução penal e de contenção também de qualidade.

Há um trabalho — e é relevante também entender que as vagas das unidades da Polícia Civil têm sido assumidas pela Secretaria de Estado de Defesa Social... O que significa assumidas? As unidades da Polícia Civil têm sido incorporadas como unidades prisionais à Subsecretaria de Administração Prisional, com agentes penitenciários liberando de vez aqueles policiais civis e militares, briosos, como se diz, para atividades da sua missão constitucional.

A evolução de vagas acumuladas vai, então, num gráfico que pode ser percebido também de maneira — aqui gráfica — violenta, assustadora, numa velocidade realmente que tem até nos sufocado profundamente, porque é difícil fazer uma gestão com tanta velocidade de acontecimentos.

No sistema prisional e penitenciário, com a criação de 5.358 vagas em 2008, aqui não incluída a PPP Penitenciária — e serão mais 3 mil vagas, via PPP —, cerca de um terço da atual população carcerária da Polícia Civil pode passar para o sistema prisional. Ou seja, é a atenção da Secretaria de Estado com uma política de Governo e com a atenção da Secretaria de Estado, o que constitui também a essência da vontade dos órgãos de defesa social.

Conheço e compreendo as demandas da Polícia Civil nessa matéria e tenho procurado, na qualidade do que é possível fazer e num esforço o maior possível, incorporar esta iniciativa: absorver a carceragem da Polícia Civil.

Aliás, apenas um registro: na contratação de 3 mil vagas via PPP, essa PPP está hoje sob consulta pública. Nos próximos 30 dias, incorporaremos as sugestões dos debates e, na seqüência, lançaremos edital. De tal maneira que, em 18 meses, será possível contar, se tudo der certo, com mais uma iniciativa do Governo de Minas como forma de equacionar o problema em tempo recorde. É a iniciativa privada, no limite do que é possível fazer, participando com recursos e oportunidades da gestão prisional e da construção de unidades e vagas.

Enfim, são presídios e penitenciárias tradicionais; é a APAC como modelo de gestão; é também a PPP como uma alternativa para o sistema prisional.

Contratação de pessoal.



O Estado criou a Guarda Penitenciária no dia 31 de julho de 2003, ainda no início do Governo Aécio Neves. Essa criação trouxe também uma velocidade impressionante ao trabalho de assunção dessas unidades prisionais. Se é normal que se critique a contratação administrativa de agentes penitenciários, é importante dizer que essa contratação administrativa só se faz exatamente para atender a necessidade dessa velocidade, pois não é possível fazer tantos concursos públicos em tão curto espaço de tempo, e a necessidade é maior do que a capacidade de fazer os concursos. Contudo, é diretriz da Secretaria a forma democrática de acesso. E encontra-se publicada, desde o mês de maio do ano passado, uma resolução que delimita e estabelece critérios objetivos para o processo de seleção e recrutamento de agentes penitenciários a serem contratados. Há uma resolução que disciplina minimamente essa matéria, exatamente para evitar que qualquer tipo de ingerência ou pressão, ou mesmo interferência externa, possam trazer agentes penitenciários. São muito bem-vindos os currículos que quaisquer órgãos ou pessoas queiram encaminhar, mas eles serão submetidos a um critério objetivo conhecido, que é uma resolução publicada em maio do ano passado.

Paralelamente a isso, os concursos públicos.

Somente agora está em curso — para que se tenha idéia — um concurso público para 1.250 agentes penitenciários. São 1.250 vagas num único ano para agentes penitenciários. E, numa ação paralela, a partir do episódio de Rio Piracicaba, compreendidas as dificuldades estruturais do Polícia Civil quanto aos administrativos da Prefeitura, a Secretaria está fazendo um esforço concentradíssimo para selecionar cerca de mil agentes de segurança penitenciários, sob o critério daquela resolução objetiva, para oferecer à Polícia Civil instrumentos humanos para continuar fazendo a gestão daquelas unidades, até que a Secretaria possa absorvê-las em caráter definitivo.

Para que se tenha idéia dessa velocidade, Sr. Relator — e é importante compreender e ter a sensibilidade de compreender esse avanço —, em 2003, eram 3.735 o pessoal de suporte, expansão e modernização de pessoal do sistema prisional; em 2004, 5 mil; em 2005, 5.200; em 2006, 8.200; em 2007, 9.931; em 2008, está previsto (inclusive com o concurso para 1.250 agentes e a seleção para





mil, que serão através de convênios oferecidos à Polícia Civil), 12.181 agentes penitenciários.

É esse o contingente que libera policiais civis e militares para suas ações típicas de policiamento, de investigação e policiamento ostensivo tão caras à comunidade mineira.

Quanto à segurança do sistema prisional — e é importante também que se compreenda isso —, o que temos feito é procurado dar qualidade e sustentação a esse sistema.

O índice de fugas caiu de 4,3 para 0,8 fugas por mil vagas entre 2005 e 2007. No período de 2000 a 2003, a média anual de rebeliões foi de 10,7 rebeliões por ano; no período de 2004 a 2007, essa média caiu para 2,25 rebeliões por ano. Em 2006/2007, houve uma rebelião em cada ano.

Enfim, se buscarmos em termos de números absolutos, número de vagas sob a custódia do sistema, em 2005, 8.800; fugas por transposição, 36, e rebeliões, 5. São índices que falam como qualidade do que se tem feito no sistema prisional, especialmente esse que se tem tentado estruturar para receber os presos da Polícia Civil no âmbito da Subsecretaria de Administração Prisional.

As cadeias públicas, no ano de 2007, devido ao esforço empreendido pelo Governo de Estado, pela primeira vez na história, contêm presos em menor número que a Subsecretaria de Administração Prisional. É a evidência da política pública que se estabeleceu nessa área. Um processo que avança e que faz com que em 2007, pela primeira vez na história, a Secretaria possua mais presos do que a Polícia Civil em sua carceragem. Em 2008, foi aberto um processo licitatório para reforma de mais 50 cadeias públicas no valor de 14 milhões de reais.

O que se percebeu é que, se a passos largos nos encaminhamos para a estruturação da Subsecretaria de Administração Prisional, por outro lado, vimos a necessidade de ajudarmos a Polícia Civil, dotando-a de recuperação daquelas unidades — parte elétrica, parte hidráulica, combate e prevenção a incêndios e pânico. Hoje há um comitê integrado de política prisional na Secretaria que conta com o esforço de todos os órgãos de defesa social que participam, de algum modo, desta gestão e dessa ação, que envolve a estruturação de 50 unidades.



Diga-se aqui também para V.Exas.: a unidade do 16º, a unidade de Contagem, do 2º Distrito de Contagem, estão dentro dessa ação governamental, que vem sendo inclusive realizada há alguns dias. Todas as semanas são retirados presos do 2º Distrito de Contagem — basta olhar a grade —, todas. Exatamente por quê? Porque ali há um problema evidente que nos preocupa a todos, e a mim especialmente. Minha formação, e V.Exa. me instigava, Deputado Relator, a freqüentar as unidades... Devo dizer que minha origem é na Defensoria Pública. Eu fui Defensor Público durante muitos anos. Defendi alguns milhares de carentes e freqüentei muitas cadeias públicas naquela condição. Hoje, tenho um dever e uma obrigação: a de tentar amparar aquele mesmo contingente através de uma ação de Governo. É uma tentativa, um esboço de resgatar ou, pelo menos, manter a coerência em relação ao que fazia no passado e ao que me proponho a fazer hoje.

Então, essa é uma ação que procura dar estrutura à Polícia Civil para poder manter-se em condições razoáveis. Um delegado de polícia que mantém uma carceragem lotada, sem instrumentos, é, antes de tudo, um herói. É um herói. Por quê? Porque ele se dispõe e se expõe a esse esforço. Estamos procurando estruturar esses policiais, até que a Secretaria possa de uma vez por todas assumir aquele contingente.

Paralelamente a isso tudo — e a Secretaria é muito ampla —, é importante compreender que o sistema de defesa social em Minas Gerais a partir do ano de 2003, com o Governador Aécio Neves, sofreu modificações extremas. Desapareceu, foi extinta a Secretaria de Estado de Segurança Pública. Foi extinta a Secretaria de Estado de Justiça, e a Secretaria de Estado de Defesa Social, composta ou integrada de algum modo pela relação com órgãos autônomos, é a coordenadora de um sistema que tem órgãos autônomos. E essa coordenação envolve ações tanto as da Polícia Militar quanto as da Polícia Civil, passa por programas de prevenção à criminalidade, avança sobre o sistema prisional e penitenciário e até mesmo sobre medidas socioeducativas. É um complexo que temos sobre os nossos ombros. Aqui digo não por mim, mas por todos que compõem o sistema: o Comandante-Geral da Polícia Militar, o Chefe da Polícia Civil, o Subsecretário de Administração Prisional. Enfim, é um mundo de ações.



Ali, por exemplo, há a Central de Penas Alternativas. O Programa Central de Penas Alternativas do Estado de Minas Gerais — CEAPA, política pública que visa a implementação de penas não privativas de liberdade, foi incorporado à Secretaria de Estado em 2002 e, a partir de 2003, tem sido expandido. Foi para Contagem, que é também ação preocupada da Secretaria de Prevenção à Criminalidade, Ribeirão da Neves, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Betim, Santa Luzia, Montes Claros, Uberlândia, Uberaba, Ipatinga e Governador Valadares, até que alcançasse, em 2007, 8.369 penas alternativas monitoradas e acompanhadas pela Secretaria. Para 2008 estão previstos mais 350 milhões do Tesouro Estadual para expansão e modernização do sistema prisional.

Fiz encaminhar ao Deputado Relator tudo quanto solicitou ontem durante a reunião na Secretaria. Para que se tenha idéia, aqui, em 2008, estão previstos 350 milhões do Tesouro Estadual para essa ação de Governo.

Para que se tenha idéia ainda, para 2008, estão previstas a inauguração das seguintes unidades penitenciárias, ou prisionais, construções ou ampliações: José Maria Alckmin, em Ribeirão das Neves, ampliação; presídios: João Pinheiro, Caratinga, Coronel Fabriciano, Guaxupé, Guaranésia, Teófilo Otoni, para o mês que vem — aliás, diga-se, Fabriciano foi inaugurado terça-feira passada —, São Joaquim de Bicas, Alfenas, Itaobim, Oliveira, Ponte Nova, Itabira, Pouso Alegre e Itajubá. Está andando, e muito, o sistema prisional em Minas Gerais, considerando ações estas só para geração de vagas em 2008.

Mais da metade dos presos que estão no sistema da Subsecretaria estão trabalhando ou estudando; aos que estão na carceragem da Polícia Civil, até pela precariedade das instalações antigas, não é possível fazer tal ação, mas no ambiente da Secretaria há metas e entre as metas o maior número de presos estudando ou trabalhando. O Dr. Genilson Zeferino tem um contingente de presos e, do seu contingente, a metade estuda ou trabalha.

Detentos como os da Penitenciária Inácio Oliveira fazem curso superior a distância, com meios eletrônicos. As presas, como acontece na Estevão Pinto, recebem, sim, cuidados especiais na área de saúde.



Há também — é até considerada a auto-estima das presas —, em relação à Penitenciária Feminina Estevão Pinto, salão, para que elas possam cortar cabelo e se cuidar.

Aqui, apenas uma indicação sobre o que tem sido uma referência no sistema prisional em termos construtivos: o Presídio de Montes Claros, inaugurado no ano passado. A cozinha, estruturada para que dê condições de dignidade para alimentação do preso.

Hoje, a orientação da Secretaria de Estado da Defesa Social junto à Defensoria Pública é para que o defensor público daquela unidade se alimente na mesma unidade. É uma forma de fiscalização externa da qualidade do alimento.

Aqui tivemos o depoimento do Dr. Joaquim, que se alimenta em unidade e que não reclama da alimentação que recebe. Talvez, se perguntarem ao preso, nas diligências que V.Exas. fazem, pode ser que ele reclame daquele alimento, mas é até natural a reclamação de quem se encontra preso. Mas é importante: estamos tratando de colocar a Defensoria Pública para fazer a verificação da qualidade da alimentação que se serve a presos.

Aqui, a área de trabalho na Penitenciária Ariosvaldo Campos Pires, em Juiz de Fora; aqui, uma ilustração da assunção da Guarda Penitenciária na Nelson Hungria, em Contagem, quando foram liberados 92 policiais para o trabalho de combate ao crime; aqui, também, a solenidade da troca da guarda, ocorrida em 6 de dezembro de 2006 — já vai ficando longínquo —, quando, na penitenciária feminina, também, a Subsecretaria incorporou os agentes penitenciários.

Procurando uma qualidade de gestão e buscando essa qualidade de gestão, Srs. Deputados, o interior das celas hoje conta com essa aparência. Aqui, por exemplo, é o presídio de Sete Lagoas, inaugurado em janeiro de 2006. Nesse interior, a cela tem um *kit* para presos, inclusive. Esse *kit* é composto por toalha, roupa de cama, uniforme, pasta de dente, escova de dente, papel higiênico, prato, caneca. Enfim, ele tem um *kit*, que é o *kit* do preso.

A Defensoria Pública — e já vou encaminhando para terminar, Sr. Presidente — teve um crescimento de 146% nos recursos do Governo do Estado de Minas Gerais desde o ano de 2003. A Defensoria Pública vem se estruturando de maneira fortíssima. São várias ações de governo ocorrendo ao mesmo tempo, numa tentativa



de sistema de defesa social. Não é possível falar em dignidade e tratamento humano a preso sem uma defensoria pública forte, e é o que se tem tentado fazer: construir uma defensoria pública forte.

Se, em 2003, o orçamento executado da Defensoria Pública foi de 24 milhões; em 2004, 24 e 600; em 2005, 42 milhões; em 2006, 60 milhões; em 2007, 59 milhões, valor executado, o planejado, segundo ação de governo, para o ano de 2008, na Defensoria Pública, são 95 milhões de reais como recurso destinado àquela instituição.

Enfim, é uma tentativa também de avanço, sempre insuficiente, se considerarmos a velocidade dos acontecimentos. Mas aqui, não há como negar, quero crer — e aqui o meu depoimento é a tentativa de demonstrar a esta Comissão —, tudo quanto se tem feito nessa área.

Quanto à Defensoria Pública, o aumento do número de defensores entre 2002 e 2007 foi de 40%, e após 8 anos sem aumento do número de defensores foram realizados, em 2004, concursos públicos para provimento de 284 cargos na Defensoria Pública. Em 2007, o quadro da carreira foi ampliado em 30%, totalizando mais 1.200 cargos. Autorizado em 2008 já concurso público para mais 150 defensores.

Os programas de prevenção à criminalidade social. A prevenção social no Estado, como fica vivo, constitui uma referência internacional como associação de ação de prevenção para sustentabilidade da redução da criminalidade.

E não é por outra razão, Sr. Presidente, Srs. Deputados, que Minas Gerais tem apresentado índices muito significativos. Pegando apenas 2003, para buscar e resgatar o que tem sido o Governo Aécio Neves, enquanto os índices de criminalidade estão crescentes em boa parte do País, em Belo Horizonte, em Minas Gerais e região metropolitana se identifica uma redução. Aqui, a lâmina indica uma redução, de 2003 até 2007, dos crimes violentos em Minas Gerais. A lâmina seguinte, nos crimes violentos, na Região Metropolitana de Belo Horizonte e, finalmente, uma redução da criminalidade, dos crimes violentos, em Belo Horizonte também.

Eram essas as ilustrações iniciais, Sr. Presidente. Eu me impunha o dever de fazer tal apresentação como forma de dar a publicidade necessária aos membros da



CPI, que constitui, naturalmente, o foro ideal e adequado para que possamos estar levando à frente esse debate.

Se ontem a Secretaria procurou garantir e assegurar aos membros da CPI que conhecessem as mazelas ainda presentes, também hoje gostaríamos de apresentar à CPI o que tem sido feito no Estado de Minas Gerais. E posso dizer, creio eu, sem chance de errar: temos buscado, cada vez mais, uma unidade; unidade que garanta, em Minas Gerais, uma transformação social e faça de Minas Gerais — e é esta a meta do Governador Aécio Neves — o melhor Estado para se viver neste País. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Muito bem, Dr. Maurício.

Encerradas as considerações iniciais do Secretário de Defesa Social do Estado de Minas Gerais, passo a palavra ao Relator da CPI.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, eu vou fazer algumas perguntas bem objetivas, em função do tempo, mas também porque uma boa parte desses dados deve estar no INFOPEN, do Ministério da Justiça.

Eu queria que o Dr. Maurício, de preferência, fosse objetivo e pudesse traçar, rapidamente, o perfil dos presos — quem está preso em Minas Gerais, origem, cor, renda —, para termos uma noção de quem hoje compõe essa massa de 24 mil presos.

**O SR. MAURÍCIO DE OLIVEIRA CAMPOS JÚNIOR** - Eu não tenho esse dado aqui de memória e, naturalmente, ele não foge à realidade brasileira em relação à escolaridade, em relação à cor de pele, em relação à capacidade econômica.

Há um estudo na Subsecretaria, realizado pelo próprio Prof. Genilson Zeferino, e é um estudo que tem sido referência até nacional. Posso colocá-lo à sua disposição, imediatamente, até porque isso já foi apresentado como estudo também ao Governo Federal. A Secretaria tem procurado dar publicidade a esses levantamentos. Seria, de minha parte, difícil indicar, mas não foge à regra brasileira a condição de cor e escolaridade em relação ao nosso contingente carcerário.

Devo dizer a V.Exa., inclusive, que, nessa matéria, ou seja, dar voz a essas pessoas, que são pessoas desfavorecidas econômica e culturalmente, enfim, existe



um projeto hoje na Secretaria aliado a esse esforço de compreender o fenômeno de quem está encarcerado. É um projeto a que, no ambiente da Secretaria, demos o nome de Falando para as paredes.

Percebemos, Sr. Relator, que, ao longo dos últimos anos, à medida que se tem desativado unidades ou reformado unidades, as paredes das celas constituem um documento formidável, e temos fotografado as paredes dessas celas para dar voz a esses presos que lá se encontram. São esses desfavorecidos que o senhor bem conhece.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Queria que o senhor pudesse informar — o senhor não falou sobre as mulheres — quantas mulheres estão presas em penitenciárias femininas, quantas estão em ambiente misturado com homens, quantas engravidaram por conta desse ambiente, se tem menores e também, se puder, informar sobre doenças que afetam essas mulheres.

**O SR. MAURÍCIO DE OLIVEIRA CAMPOS JÚNIOR** - Bom, em primeiro lugar, é preciso dizer — e acho que, aqui, a própria representante da Pastoral Carcerária foi muito explícita ao responder a sua pergunta — que não existe, em Belo Horizonte, essa realidade de misturar mulheres e homens em uma mesma unidade. Aliás, em Minas Gerais, não se misturam mulheres e homens em unidade nenhuma, pelo menos no mesmo ambiente de cela. O que existe é uma realidade, que também é nacional, de impossibilidade de acolhida de mulheres em todos os municípios.

Em Minas Gerais, então, o problema é ainda mais grave, porque temos 853 municípios — uma realidade bem peculiar do Estado. Esses 853 municípios não poderiam ser dotados de unidades femininas. Pelo menos, não seria possível que o Governador Aécio Neves e tampouco os Secretários que me antecederam pudessem ter, naturalmente, resolvido esse problema.

Então, a lei não impede e os juízes permitem, e fiscalizam junto, que mulheres estejam também em cadeias públicas. O que impõe ao gestor daquela unidade é a separação, como regra de segurança, das mulheres em relação aos presos. E isso acontece, sim, no interior.



Por levantamentos da Polícia Civil, quero crer que no dia de hoje existam cerca de 700, em números redondos, mulheres em unidades prisionais, em cadeias públicas, mas distribuídas de maneira separada de homens, sempre.

Quanto às adolescentes, também temos um fenômeno que é preocupante. Em relação a Minas Gerais, posso afirmar a V.Exa. que são cerca de 250 adolescentes em unidades prisionais também mantidas separadamente de adultos. O que ocorre é que, quanto a meninas ou adolescentes do sexo feminino — quero crer que o dado de anteontem eram 4 adolescentes do sexo feminino em unidades da Polícia Civil no Estado de Minas Gerais, apenas 4 —, elas são mantidas separadamente, com o conhecimento, naturalmente, do juiz e do promotor, que acompanham essa separação, que é uma garantia.

Em Minas Gerais, há notícia recentíssima de que uma moça de 17 anos teria engravidado no ambiente de uma unidade prisional. E as apurações preliminares dão conta de que se tratava de uma jovem de 17 anos que se enamorou por um preso, que tinha a condição de preso-faxina daquela unidade. E, segundo as informações preliminares, o namoro consentido por ambos, eles burlaram a regra de segurança daquela unidade prisional e tiveram relacionamento sexual, o que teria redundado na sua gravidez.

Esse o quadro que se tem em Minas Gerais ao longo dos seus 853 municípios.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor poderia informar qual é o índice de reincidência aqui em Minas Gerais?

**O SR. MAURÍCIO DE OLIVEIRA CAMPOS JÚNIOR** - O índice de reincidência é um conceito difícil. Hoje, para que V.Exa. tenha uma idéia, há uma comissão dentro da Secretaria tentando definir, junto com a Universidade Federal de Minas Gerais, o conceito de reincidência, até porque o conceito de reincidência é variável. Há um conceito de reincidência que é técnico-jurídico: uma pessoa pode eventualmente praticar 10 crimes, ser condenada 10 vezes, por 10 sentenças, e ser primária, tecnicamente; e há outros conceitos que são mais do ponto de vista do fenômeno social do crime ou da criminalidade, que é a simples reincidência ou reiteração na prática de crimes independentemente de a sentença criminal, por exemplo, ter transitado em julgado.





Esse conceito está sendo construído. Não há um conceito estabelecido. E isso constitui, hoje, como eu disse, uma pesquisa. É um estudo, e queremos que até o final deste ano esse estudo esteja pronto, até porque, mesmo a APAC, que é um esforço fundamental, tem indicado uma reincidência menor do que 10%. Mas o conceito de reincidência, mesmo em relação à APAC, não está claro, é preciso que compreendamos.

Estamos tentando construir um conceito de reincidência hoje que envolva aquele que volta para o sistema, não importa em que condição ele tenha voltado; o que voltou para o sistema. Com certeza, esse índice também é um índice muito próximo dos índices gerais do País, que devem beirar os 80%.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Há comissão de classificação nas penitenciárias?

**O SR. MAURÍCIO DE OLIVEIRA CAMPOS JÚNIOR** - Sim. Em Minas Gerais, temos, e essa é uma ação que a Subsecretaria de Administração Prisional tem como fundamental. Não é possível tratar o preso sem classificá-lo tecnicamente. Sem a CTC, não é possível dar trato ao preso.

Há duas áreas fundamentais hoje entre a nossa segurança penitenciária e prisional: a área de inteligência, que também se ocupa de antecipar as ações de finalidade organizada ou de organização dentro dos presídios; a CTC, que é uma comissão que classifica. Em cada unidade penitenciária temos CTC funcionando.

Temos uma dificuldade, Sr. Relator. A dificuldade, muitas vezes, é de alguns profissionais. A Secretaria tem feito contratos administrativos em relação a alguns e, sobretudo, concursos públicos. Neste exato instante, está encaminhado à SEPLAG — Secretaria de Planejamento e Gestão pedido de concurso público, na Secretaria, para corpo técnico: enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, inclusive técnicos jurídicos, que não podem ser advogados, no teor da palavra, até porque não podemos confundir a ação técnico-jurídica de assistência em unidade prisional de um bacharel em Direito com a ação da Defensoria Pública como instituição encarregada dessa missão constitucional. Mas temos, sim, em todas as nossas unidades, a CTC.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor poderia fazer um resumo para a Comissão sobre o pessoal que trabalha no sistema penitenciário, o nível



salarial deles e a forma de ingresso no serviço público? Já foi dito aqui que há 8 mil servidores contratados, pessoas que renovam, a cada 6 meses, o contrato; há pessoas com até 13 anos, 15, que, quando adoecem, não têm garantia nenhuma, que trabalham sem segurança jurídica; quando são processados pelos presos, eles também não têm nenhuma garantia do Estado; se adoecem, da mesma forma. Se o senhor pudesse colocar qual o salário do policial civil, do agente penitenciário, do psicólogo, do assistente social e dos demais integrantes que trabalham no sistema.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Eu tenho aqui. São dados públicos e de público conhecimento. Posso assegurar que aos agentes penitenciários tem-se procurado garantir o mesmo piso em relação aos policiais civis e policiais militares no início da própria carreira e na menor patente: cerca de 1.300 reais — 1.200 a 1.300 reais. Se tomássemos eventualmente nesse valor os limites estabelecidos até por convenções coletivas ou sindicatos na mesma área...

Seguramente esses salários são melhores do que aqueles estabelecidos minimamente nos respectivos sindicatos. Contudo — e aí, sim, uma advertência importante —, hoje a Secretaria é obrigada a conviver com a urgência do avanço das ações de governo na área penitenciária e prisional. Imagine V.Exa., como Deputado Relator, que concentra demandas gerais, visões gerais do problema, ângulos gerais do problema... Imagine V.Exa... Eu tenho certeza de que V.Exa. é capaz de imaginar qual não foi a pressão no ambiente da Secretaria de Estado de Defesa Social, especialmente a partir do episódio de Ponte Nova. Qual não foi a pressão. Pressão de quê? Todas as unidades de Polícia Civil, especialmente, que se encontravam em condições que não eram as ideais... Algumas tantas muito precárias, outras menos precárias, mas todas com alguma dificuldade estrutural, às vezes por falta de investimento de muitos anos, sem reparos ou reformas. Às vezes são reparos ou reformas daqueles convênios que o esforço do Delegado de Polícia, junto ao Prefeito Municipal, foi capaz de fazer. E de repente acontece um episódio como o de Rio Piracicaba, onde alguns presos morrem. E todas as autoridades, menos o Ministério Público — delegados de polícia, juízes de direito, prefeitos municipais, todos —, numa única ação, encaminham seus ofícios à Secretaria de Estado de Defesa Social. Tirando do seu próprio colo — o que é verdade e é importante; eles têm que ter uma ação positiva —, mas trazendo à Defesa Social a



necessidade de dar soluções, e que são imediatas quanto impossíveis. E a Secretaria então se esforça. E aí ela toma algumas decisões, que não são as decisões ideais. Queria eu ter a capacidade de fazer concursos públicos para agentes penitenciários num único ano — para 10 mil agentes penitenciários. Queria eu. Queria eu que o Estado tivesse essa capacidade. Lamentavelmente, nem inscrições nesse número talvez tivéssemos. E não teríamos aprovados nessa quantidade, ou não teríamos aprovados em condições de assumir função tão relevante como essa de agente penitenciário.

Então, as contratações administrativas, mais do que uma opção, são uma obrigação, dada a pressão que se fez. E hoje a Secretaria está fazendo uma seleção, como eu disse, segundo critérios minimamente objetivos. Estão expostos numa resolução: a Resolução nº 853, de 2006. Fui eu mesmo quem determinou a sua edição. O salário me passam exato: 1.277, mais 54, mais 178 de alimentação. Cinqüenta e quatro de auxílio fardamento e 178 de alimentação. Devo dizer, finalmente, Sr. Relator, que temos uma corregedoria muito atuante. Ela tem-se estruturado. Aliás, hoje, a Corregedoria, no âmbito da Defesa Social, integra um colegiado. Há um colegiado de corregedorias, há um sistema integrado de colegiado de corregedorias que integra a Corregedoria da Polícia Militar, Corregedoria da Polícia Civil, Corregedoria da Secretaria de Estado de Defesa Social e, ainda, Corregedoria da Defensoria Pública. Esse órgão colegiado conta com a participação da Assembléia Legislativa, na pessoa do Deputado Durval Ângelo, que é da Comissão de Direitos Humanos. E as reuniões são mensais, com a presença desse Deputado. Além deles, ainda participa a OAB, também no esforço de presença nesse colegiado. Finalmente, V.Exa. me indagou mais alguma coisa que não me ocorre agora. Mas acho que respondi...

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Sim, tenho aqui. Os técnicos, psicólogos, médicos, enfermeiras, assistentes sociais e advogados, 1.100 reais, mais 110 de alimentação, por 30 horas semanais. Sr. Relator, espero ter respondido todas as indagações de V.Exa.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Obrigado, Dr. Maurício.



Eu queria fazer só uma pergunta mais genérica e depois entrar no caso de Rio Piracicaba.

Nós constatamos a existência de muitos presos, principalmente mulheres, com envolvimento com drogas. E o perfil delas é sempre de pessoas pobres.

Eu faço 2 perguntas. Primeiro, aqui em Minas Gerais há grandes traficantes? Se há, por que a gente não encontra nenhum grande traficantes atrás das grades? Pergunto se há indício da presença de alguma articulação de organizações criminosas tipo PCC, Comando Vermelho e outras aqui em Minas Gerais.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Sim. Em primeiro lugar, Minas tem uma atenção muito especial para essa área. Devo dizer a V.Exa. que, se é verdade que, na maioria das vezes, as prisões se referem a presos de menor importância, é bom lembrar: foi Minas Gerais que prendeu, processou e condenou o traficante Fernandinho Beira-Mar. Foi aqui em Minas Gerais, Sr. Relator, que ele encontrou as grades. É verdade, teve também possibilidade de fuga em alguma situação, mas foi Minas Gerais que conseguiu processá-lo em condições de destaque nacional naquela época, inclusive confiscando bens, propriedades, imóveis que ele mantinha nesta região.

Por outro lado, devo dizer a V.Exa. que o fenômeno do encarceramento de mulheres é algo que tem preocupado profundamente a Secretaria. Há um estudo relativamente a isso, ou seja, o fenômeno do encarceramento de mulheres. E já há alguma atenção da Secretaria de Estado de Defesa Social, através da Subsecretaria de Administração Prisional. Neste exato instante, o Prof. Genilson Zeferino trata da alocação e adequação de um espaço que se constitua num centro de referência e tratamento da mulher presa, numa unidade para receber mulheres mais idosas e grávidas. Exatamente neste instante. E há um esforço da Secretaria, que hoje, junto com a Assessoria de Comunicação, está produzindo material audiovisual e outras formas para esclarecimento das mulheres, especialmente as que fazem visitas às unidades prisionais. Temos percebido...

Para que V.Exa. tenha idéia, numa única transferência de presas, no ano passado — cerca de 27 presas, salvo engano —, 24 das 27 presas que eram transferidas naquela oportunidade, todas eram por tráfico de drogas, 24 delas, salvo engano, tinham sido presas dentro do próprio sistema. Ou seja, elas estavam indo



visitar filhos, maridos, companheiros e foram presas carregando ou transportando drogas para dentro do presídio. Isso revelava uma efetividade da revista em relação à qualidade do sistema penitenciário prisional, mas, por outro lado, revelava um grande problema de ordem social.

A partir daí, nós passamos a trabalhar com a idéia de orientar tais mulheres. Elas são, muitas vezes, donas de casa, empregadas domésticas, pessoas de vida simples e absolutamente ordeiras, mas são premidas pela circunstância ou pela ameaça em relação à proteção do filho, ou pela insistência, e de algum modo se arriscam a algo que vai ser absolutamente inevitável: serão presas. E uma mulher dessas custa muito dinheiro para o sistema penitenciário, além daqueles problemas que V.Exa. viu no 16º, em termos de lotação.

Então, temos algumas ações: não só criar estabelecimentos adequados, como estamos procurando fazer, mas também uma ação de orientação e esclarecimento dessas mulheres, já que a participação delas tem sido cada vez mais crescente. Nem tanto até... Claro que ela é presente em crimes mais organizados do que este, mas o que tem preocupado muito: aquilo é uma ação de polícia; aqui é uma ação de esclarecimento e orientação básica de atrair impactos impressionantes. Depois que uma mulher dessas, uma empregada doméstica que vai visitar o filho numa unidade, é presa, ela terá pecha de traficante o resto da sua vida e não encontrará emprego. E terá custado para o Estado muito e muito dinheiro. Finalmente, em relação ao crime organizado, a Secretaria tem um núcleo coordenado de inteligência que reúne a COSEG, que é a área de inteligência da Polícia Civil; a Polícia Militar, através da PM2, também que tem uma área de inteligência muito importante. E hoje nós estamos integrando as informações do banco de dados do sistema prisional. O sistema prisional também tem um núcleo de inteligência que monitora diuturnamente os movimentos no interior das unidades prisionais.

Eu devo dizer a V.Exa. que recebo — pelo menos eu — relatórios semanais relacionados às movimentações internas de presídios, muito embora toda a dedicação seja do Dr. Genilson nessa área. E aí, quando se identifica qualquer coisa, o núcleo de inteligência já passa a operar, fazendo a gestão da vaga: transferindo o preso para uma unidade, mudando esse preso de cela ou até mesmo



cuidando para que ele volte para o Estado de onde veio e que às vezes tem relação com o grupo organizado. Na fronteira de Minas, na divisa de Minas Gerais com São Paulo tem havido alguns casos de prisão de criminosos que estavam ligados a grupos organizados de São Paulo. Quando isso acontece, esse preso tem uma atenção especial da Subsecretaria de Administração Prisional.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, é evidente que o assunto é muito complexo. Há uma série de indagações. Mas já ouvimos pela manhã uma boa parte de exposições dos gestores e temos de concluir hoje, se possível, o caso de Rio Piracicaba.

Quero fazer uma única pergunta ao Dr. Maurício sobre o episódio de Rio Piracicaba, que considero uma tragédia anunciada. No dia 23 de agosto, em Ponte Nova, 25 presos foram queimados na Cella nº 7.

Quando estivemos na penitenciária de PABA, reinquirindo o delegado, ele colocou que não era apenas a delegacia dele que estava numa situação caótica, que havia situações semelhantes nas demais cadeias. E V.Exa. acaba de informar à Comissão que 14 milhões de reais estão disponibilizados no Orçamento deste ano para reformas de cadeias públicas. É uma medida extremamente salutar, mas também evidencia um estado deprimente.

No caso de Rio Piracicaba, nós temos informações de que desde 2001 o Ministério Público já reclamava providências urgentes em relação àquela cadeia.

Eu tenho em mão uma vistoria feita pelo juiz, Dr. Afrânio, pelo Ministério Público, do dia 2 de novembro de 2005, onde ele relata, no item 2: *O telhado e o forro estão com as madeiras que os compõem infectadas de cupins, com a fiação elétrica exposta, demonstrando sinais de início de desabamento em parte do prédio, além de várias goteiras danificando os documentos da delegacia de polícia em época de chuva, sendo que a água desce pela parede, trazendo fezes e urina de morcegos que ficam no forro do prédio, causando um mau cheiro insuportável no lugar, prejudicando a saúde dos funcionários e dos detentos que se encontram no prédio da cadeia pública local, colocando também em risco a segurança daquelas pessoas que transitam.*

No item 4, o juiz afirma: *As instalações elétricas e o telefone em todo o prédio da cadeia pública estão em péssimo estado de conservação, apresentando*



*problemas como: fios esquentando, sinal de curto-circuito, fios mau isolados, com isolamento velho e danificado. A rede elétrica não comporta o uso de aparelho ligado ao mesmo.*

No item 5, diz: *Não existe equipamento de prevenção e combate a incêndio. E no dia 15/11/2005 ocorreu um curto-circuito na parte interior do prédio, próximo às celas, pondo em risco a vida dos detentos, defeito esse atualmente sanado de forma provisória por um eletricista do município.*

E por aí vai. Isso em novembro de 2005. É assinado pelo Oficial de Justiça (*ininteligível*) de Souza, pelo Dr. Afrânio e pelo Dr. Vladimir Alessandro Soares, Delegado de Polícia de Rio Piracicaba.

No dia 28 de março de 2006 houve uma audiência pública, promovida pelo Dr. Afrânio, juiz, pela promotora, da qual participaram várias autoridades, inclusive o doutor... uma série de autoridades, onde mais uma vez se ratifica.

No dia 29 de março de 2006 houve uma outra discussão pública, com a presença do Prefeito de Rio Piracicaba, do Capitão Newton, do Presidente da Câmara Municipal de Rio Piracicaba, do Diretor da Câmara, do Vice-Prefeito de Bela Vista de Minas, e assim por diante. Mais uma vez, ficou constatada a situação precária. E o Vice-Prefeito de Bela Vista de Minas reafirmou o compromisso, naquela oportunidade, de contribuir para a solução do problema. Ratificou ainda o propósito do Município de Bela Vista de Minas destinar à cadeia pública da comarca recurso que se encontra contingenciado para cumprir obrigação no termo de ajustamento de conduta.

Há também a notícia de que o Prefeito de Rio Piracicaba afirmou, na oportunidade, o compromisso de disponibilizar, mediante doação, um terreno para construção de uma nova cadeia pública. Lembrou ainda o Prefeito da existência de projeto para a construção do estabelecimento e, ainda, que a Vale do Rio Doce e a Belgo Mineira se colocavam à disposição para dar material de construção.

No dia 21 de novembro de 2006 o juiz da comarca, apreciando uma ação civil pública do Ministério Público, deferiu em parte a liminar requerida e também reafirmou a necessidade de reformar a cadeia.

No dia 12 do mês de abril de 2007, outra audiência pública sobre a situação de Rio Piracicaba. E o Prefeito de Rio Piracicaba, presente, se colocou à disposição



para dar 30 mil reais em dinheiro, o terreno... E o Prefeito do Município de Bela Vista também se comprometeu. Ou seja, os 2 municípios se comprometeram a doar 90 mil reais para a construção da cadeia pública. Ou seja, há uma série de expedientes. O orçamento da reforma daquela cadeia ficou num total de 116 mil reais. Os 2 municípios se comprometeram a dar 100 mil e ainda o terreno. Há 2 empresas privadas se colocando à disposição para contribuir com o material de construção. Documento vai, documento vem, a Procuradoria recorreu. O fato concreto é que, depois de quase 3 anos, no dia 1º de janeiro deste ano, houve o incidente naquela cela.

Eu gostaria que o senhor informasse à Comissão o que levou o Estado de Minas Gerais a não adotar as providências requeridas pelo Ministério Público, determinadas pelo Poder Judiciário, embora haja acordo aqui de prorrogação de prazo, já que o Governo de Minas Gerais não gastaria um tostão naquela reforma, os Prefeitos iam dar os recursos, as empresas iam dar o material, o terreno era franqueado. Eu gostaria que o senhor informasse o que levou o Governo de Minas Gerais a não tomar as medidas que estavam patentes, o que acabou resultando nessa nova tragédia, com 8 mortos.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Em primeiro lugar, é preciso dizer: na Secretaria de Estado de Defesa Social, acho que até a própria atribuição de um Secretário, aqui já vista por demais complexa, envolve, entre outras coisas, a gestão de um contingente de recursos que aqui, dito em termos de segurança pública, somaram 16 bilhões e 600 milhões de reais. Num único ano, como gestor, eventualmente, tenho ações para, de algum modo, orientar e coordenar, que envolvem, só em investimentos, sem custeio, para 2008, quem sabe, cerca de 300, 320 milhões de reais. A Polícia Civil tem unidades carcerárias que são aí cerca de 264. A Secretaria tem outras tantas unidades — cerca de 60. Naturalmente que não seria possível a Secretaria de Estado, enquanto secretaria, fazer gestão à direção de uma unidade como a de Rio Piracicaba, onde se tem 22 presos, sem superlotação, diga-se de passagem.

Contudo, quanto a esse processo, é importante alguns esclarecimentos, é verdade. Em primeiro lugar, aqui já dito, trata-se de uma unidade, entre aquelas remanescentes da Polícia Civil, cuja gestão, enquanto unidade operacional, está a





cargo do diretor daquela unidade. Ou seja, regras relacionadas e observâncias dessas regras sobre acesso de bens, utensílios, visitas, horários, revistas, contingente, pessoal administrativo, tudo isso está naturalmente nas mãos e sob competência e atribuição daquele gestor daquela unidade. Óbvio que para baixo dele e para cima dele vai grande número de pessoas. Então, aquela era uma unidade, até onde fui informado, porque eu não conheço o Rio Piracicaba, e não conhecia antes Rio Piracicaba. Aquela pequena cidade tinha lá uma cadeia pública, como eu disse, com capacidade para 18. E teria, salvo engano, 22 presos naquela unidade. Não era uma unidade que trouxesse dificuldades do ponto de vista da lotação. Tinha problemas de estrutura física. Até onde fui informado também, teria aportado à Secretaria de Estado de Defesa Social, talvez até pela incompreensão de que o convênio... Se houvesse um convênio entre a Prefeitura, o convênio seria firmado com a Polícia Civil, porque, de resto, havia um convênio institucional entre Polícia Civil e Prefeitura Municipal. A Secretaria não poderia intervir até sem conhecer a propriedade daquele imóvel. Aliás — não é isso, Dr. Afrânio? —, tivemos uma dificuldade incrível de saber a quem pertencia aquele imóvel, a própria propriedade daquele imóvel. Então, havia ali um convênio em curso e uma perspectiva de convênio para reforma. Tudo isso escapava, até aqui, ao conhecimento da Secretaria. Sr. Relator, em novembro chega à Secretaria, na antevéspera de uma audiência, naquela comarca, um ofício. O ofício pedia que a Secretaria informasse a disponibilidade e possibilidade de realização de convênio.

Na verdade, quem provocava a Secretaria era a Advocacia-Geral do Estado. O que ocorria? Havia uma ação civil pública em andamento, conduzida pelo Ministério Público e presidida pela autoridade judiciária, em que Prefeitos Municipais tinham a intenção de fazer uma reforma na cadeia, dado o seu caráter de precariedade de infra-estrutura. Mas não havia, ou estava tendo uma dificuldade na realização daquele convênio. Então, na ação civil pública havia perspectiva de uma audiência para se ajustar isso. A Advocacia-Geral do Estado entrou em contato com a Defesa Social, talvez até por quê? Porque hoje o Secretário-Adjunto é um advogado do Estado — isso facilitava bastante a interlocução —, e pedia uma informação acerca da perspectiva da realização do convênio. Qual a resposta imediata que, na época, a Secretaria daria? Olha, trata-se de um imóvel que não é



da Secretaria, não é administrado pela Secretaria. E o convênio haveria de ser feito entre a Polícia Civil, enquanto instituição, e a Secretaria Municipal. Era essa a resposta. Mas como a audiência era no dia 29, a Secretaria foi além. Foi além de que jeito? A Subsecretaria de Administração Prisional entrou em contato com a Superintendência de Planejamento e Gestão da Polícia Civil, através da pessoa do Dr. Nelson Constantino, e, para que o juiz tivesse uma posição, que era de Polícia Civil e era de Estado, de resto, naquela audiência, procurou saber dele, por informação até telefônica, se ele se dispunha a fazer o convênio com a Prefeitura. Era meramente um convênio que autorizava a intervenção. Isso no dia 27 de novembro, na antevéspera da realização da audiência. Pois bem. Esta foi a resposta da Secretaria, agora para a Advocacia:

*“Não obstante não se tratar de imóvel da Secretaria e que o convênio não é convênio a ser firmado com a Secretaria, esta Subsecretaria entrou em contato com a Polícia Civil, na pessoa do Dr. Nelson Constantino, e indagou dele se era possível fazer o convênio. E ele disse que é possível e se dispõe a fazer o convênio”.*

E mandou esse ofício para quê? Para que o advogado do Estado, na audiência que tinha com o Dr. Afrânio, pudesse se manifestar, porque o imóvel era dirigido e gerido pela Polícia Civil, e ela fazia o convênio. Foi isso que foi feito.

Chegou o ofício, a audiência foi realizada, não aconteceu o convênio na audiência, porque o Prefeito, lamentavelmente, por uma questão de saúde, não pôde estar presente.

Destaco apenas, para concluir, finalmente: lamentável o episódio da morte daqueles 8 presos. Isso traz para a Secretaria, para a Polícia Civil uma condição terrível, especialmente porque não creio que esse episódio faça justiça ao esforço que tem sido feito pela Polícia Civil nessa questão e pela Secretaria de Estado de Defesa Social. Mas, o que eu posso dizer, finalmente, é que não... As mortes, até onde tenho informação... Encaminhei a V.Exa. o material da Corregedoria. Até aqui, as mortes não têm nenhuma relação com a estrutura física da cadeia. Ou seja, não houve um curto-circuito que levasse à morte daqueles presos. A causa está sendo apurada em definitivo. Compete à Corregedoria de Polícia Civil apurar.



E devo dizer que a Polícia Civil, na Corregedoria, tem feito um trabalho formidável, também excepcional. Tanto que, no caso de Ponte Nova, foi elogiadíssimo pelo Ministério Público. Diuturnamente, eu tenho certeza, o Dr. Afrânio acompanha os andamentos daquele trabalho de investigação e é municiado, inclusive, das informações parciais daquela apuração.

Apenas para finalizar: apesar de tudo isso, Sr. Relator, e dos ofícios todos encaminhados em bom tempo, as mortes lamentáveis não tiveram qualquer relação com a condição estrutural física daquela unidade. Mas continuamos lamentando. E Minas Gerais, apesar disso, propôs e encaminhou à Assembléia Legislativa lei que indeniza as famílias daquele preso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Sr. Secretário, o Sr. Expedito Ribeiro era o carcereiro que estava de plantão na delegacia de Piracicaba, correto?

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Desconheço como administrador. Aquela unidade é uma unidade da Polícia Civil, e o que tenho de informação é o que a Corregedoria apurou: que seria um administrativo da Prefeitura que fazia as funções de carcereiro. E, segundo fui informado também por relatório, não estaria no ambiente da cadeia no horário em que o incidente aconteceu.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, para responder por esse caso específico do carcereiro, seria o Secretário de Segurança?

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Não há Secretário de Segurança em Minas Gerais.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem responde é o chefe da Polícia Civil?

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Sim. Mas quem pode responder isso ao senhor, eu creio, é o Corregedor que apura o inquérito, porque ele conhece os fatos, ele apura os fatos, não é verdade? Então...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas qual é a administração do Estado responsável por aquela situação da delegacia de Piracicaba?

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - A gestão daquela unidade é do...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É o chefe da Polícia Civil?



**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - O senhor tem... O gestor daquela unidade é o delegado de polícia, diretor da cadeia. Ele é o diretor da cadeia, o.k.? O chefe de polícia também só saberá coisas a partir de informações e relatórios.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o delegado daquela delegacia tinha autonomia para firmar convênio entre a delegacia e a Prefeitura?

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Não. Os convênios são firmados pela instituição. Aí seria Polícia Civil de Minas Gerais.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, a parceria que existia entre a delegacia e a Prefeitura era de forma oficial ou informal?

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Fui informado, até porque recebi relatório, de que havia um convênio formal entre a Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, órgão autônomo do sistema de defesa, com a Prefeitura Municipal de Rio Piracicaba.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor conhece outro caso semelhante em que funcionário da Prefeitura presta serviço na delegacia, na função de carcereiro, dentro da estrutura do Estado?

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Não. Em primeiro lugar, convênios entre Prefeituras Municipais e órgãos públicos são absolutamente freqüentes, inclusive para cessão de funcionários. É muito comum. Hoje mesmo o Poder Judiciário de Minas Gerais, o Desembargador Alexandre Carvalho dizia da dificuldade de pessoal e o limite da responsabilidade fiscal que tem.

Ele dizia da dificuldade de pessoal. Nesse exato instante, a Secretaria de Estado de Defesa Social discute com o Poder Judiciário a perspectiva de um convênio onde a Secretaria de Estado de Defesa Social disponibilize funcionários para o Poder Judiciário, para instalar, quem sabe, uma vara de execuções criminais na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Estamos discutindo. É uma exceção. Então, eu devo dizer: são convênios comuns entre Poder Judiciário, Prefeituras Municipais. Polícia Civil e Prefeituras Municipais. São comuns. O que não... Todos os lugares... A Deputada também deve estar dizendo aí...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Todos os municípios, às vezes, nem convênio têm.



Com licença, Secretário e Presidente. É uma situação do Estado de Minas Gerais. Então, eu não estou falando de uma situação de momento, mas de alguns anos, que continua até hoje. Os municípios, na grande maioria, na grande maioria, assumem a segurança pública no seu local, com financiamento, com aluguel, com carro, com gasolina, com xerox, com funcionário nas cadeias, água, luz, telefone, sem receber nada e sem ter convênio, sem ter nada. Ou o Prefeito faz, a Prefeita faz — eu estou falando que isso é lá de 93 —, ou não tem polícia na cidade, não tem nada. Então, eu estou... E tem município que ainda assume o Judiciário. Esta é uma realidade que tem que ser discutida inclusive aqui.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - O que eu quero dizer, Sr. Presidente, é que os convênios constituem um instrumento entre as instituições e são absolutamente regulares, inclusive para a cessão de funcionários. Então, é comum, sim, no Estado de Minas Gerais, espero, acredito em outros Estados da Federação, convênios dessa natureza para cessão de pessoal. O que não me consta... Para carcereiro... para carcereiro, eu não creio...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Em relação a cessão de pessoal para algumas áreas, eu conheço.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - ...administrativos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estou falando do caso específico do carcereiro, porque o carcereiro tem uma responsabilidade muito grande. Tanto que ele não estava no momento... Quando iniciou o incêndio, ele não estava presente no momento. De quem nós vamos cobrar a responsabilidade? Do Prefeito ou da instituição responsável pela delegacia? Porque, se ele é funcionário da Prefeitura, vamos imaginar que ele seja apontado como culpado, durante o processo de investigação. Que culpa tem ele? Quem é o superior a ele, de quem nós vamos cobrar? É a Secretaria de Estado, é o chefe da Polícia Civil ou é o Prefeito da cidade?

Segundo informação que tenho, prestada por membros desta Comissão, quando perguntaram ao carcereiro, ao cidadão se ele era o carcereiro, ele disse: *“Eles falaram que eu sou”*.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Eu desconheço a situação. Volto a reiterar: em primeiro lugar, o convênio existente é um convênio entre a Prefeitura



Municipal de Rio Piracicaba e a Polícia Civil de Minas Gerais, num convênio de cooperação comum, absolutamente regular para cessão de pessoal. Sobre a gestão do pessoal, também escapa da Defesa Social, até porque não passará pela área de recursos humanos dela nem pela sua diretoria de convênios essa realidade. E quero crer que a alocação desses recursos humanos no ambiente da delegacia compete ao diretor da unidade. Eu quero crer que ele é que estabelece as diretrizes para o agente de polícia e outros servidores que estão ali sob a sua coordenação. Se ele agiu bem ou agiu mal, essa é outra história. Se ele tem condições de trabalho ou não tem condições de trabalho razoáveis, também é outra história a ser identificada.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, eu tenho aqui tanto a ação civil pública... Há uma ação civil pública tramitando na Comarca de Rio Piracicaba. Há várias vitórias promovidas pelo juiz, promotor e também até pela polícia. E há um conjunto de ofícios dentro da administração penitenciária, inclusive ao Dr. Maurício. A Procuradoria do Estado interveio, recorreu da liminar do juiz, fez acordos prorrogando prazos.

O que há, na verdade, aqui, não é tentando rebaixar a discussão nem especificando, no caso de Minas Gerais, mas é uma simbologia, que lá no Maranhão a gente chama assim. Chama-se administração canina. A autoridade inferior pega um ofício e encaminha para o seu superior imediato. O superior imediato dá um despacho: "Ao". Manda para o outro acima dele. O que está acima dele bota outro despacho: "Ao, ao". Esse manda para o outro acima dele. Aí: "Ao, ao, ao, ao". Resultado: esses despachos de idas e vindas da burocracia resultam em tragédias. Foi o que houve aqui. Porque desde 2001 a delegacia devia ter sido interdita. Têm audiências e mais audiências.

Eu queria dizer ao Dr. Maurício que eu discordo de que tenham sido os presos que se suicidaram com fogo, porque, primeiro, era taco, o piso era de taco, porque o prédio estava condenado, madeira; segundo, uma beliche de madeira, lá, segundo o perito. E aí, na apuração, vamos confrontar se houve curto-circuito — o depoimento disse que houve —, ou se começou na beliche de madeira, como diz o perito. Se foi na beliche de madeira, responsabilidade do Estado. Terceiro: um carcereiro cedido pelo município, só fez até o quarto ano primário, fez concurso para auxiliar de serviços gerais, foi até coveiro no município, foi cedido para a Prefeitura,



não teve nenhum treinamento, e estava cuidando de presos. E levava a chave para casa. Portanto, a responsabilidade é do Estado, Presidente. Não é do carcereiro, não é da Prefeitura que cedeu. A responsabilidade é do Estado, que é responsável pelos presos.

Portanto, eu queria apenas dizer ao Dr. Maurício desse detalhe. O senhor não foi lá. Eu fui 2 vezes naquela delegacia. A realidade é esta: o prédio estava condenado. E não era uma condenação administrativa. Havia um clamor do Poder Judiciário, um clamor do Ministério Público, um clamor da comunidade. O Estado não gastaria 1 real com a reforma. E aí se perdeu, mais uma vez, no formalismo, no formalismo, por falta de um convênio. Embora o Estado não tendo de gastar nada, se perde agora o prédio inteiro, com 8 vidas perdidas, com desgaste para a imagem de Minas, do Brasil e de todos nós. Portanto, da minha parte, eu me sinto satisfeito.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Permitam-me um comentário, Sr. Presidente, Sr. Relator? Em primeiro lugar, o fato... a própria circunstância, estava toda ela posta, quero crer, junto ao Poder Judiciário, que geria, administrava e presidia a própria audiência. E quero crer que o convênio, embora possa parecer uma formalidade... Lamentavelmente, na administração pública, tem-se exigido cada vez mais formalidades e transparência. Isso é um dever. Não falo por mim. Até porque o convênio não seria da Secretaria de Estado de Defesa Social. Não era ela que ia firmar o convênio, nem é ela que tem que autorizar ou não a realização daquela intervenção, para termos isso claro.

Mas eu compreendo as razões do Prefeito e as razões do juiz, entre outras coisas, porque o Prefeito não poderia alocar recursos do município numa unidade... daquela unidade sem o convênio, sob pena de ele não conseguir prestar contas ao Tribunal de Contas, depois. Então, são aspectos formais lamentáveis.

O que eu acho importante apenas registrar é que, apesar disso tudo — e isso é tudo lamentável —, a causa do incêndio, do sinistro, como fui informado... Até porque a informação que tenho é de segunda mão, pois ela vem da Corregedoria, na qual eu confio profundamente. A causa do incêndio não está relacionada à precariedade do imóvel. Apenas isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O laudo do Corpo de Bombeiros aponta um curto-circuito.



**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Não, não aponta. Aponta que teria havido em outros dias, me parece, segundo me informaram também, teria havido curto-circuito nos dias anteriores. Acho que o Dr. Afrânio está aí. Ele é muito mais capaz até de esclarecer eventualmente isso. Mas eu quero crer... A informação é que em dias anteriores... Apenas isto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Curto-circuito aponta para instalações precárias.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Sim, a precariedade da instalação ninguém discute. Ela era precária. Havia uma tentativa de ação civil e uma tentativa de convênio. Isso tudo é precário. O que eu estou dizendo é que o episódio do dia 1º, segundo tenho informações da Corregedoria e da perícia, que é técnica, não está relacionado com tal precariedade. Agora, que era precário, não há dúvida. Era precário sim.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Queremos agradecer ao Dr. Maurício. E é lamentável, como disse o Relator, dentro desse conceito de administração canina, que os últimos despachos para esses 8 detentos tenham sido ao IML e ao cemitério. Agradecemos ao Dr. Maurício, e vamos continuar o depoimento.

Vamos solicitar à secretária desta Comissão que faça adentrar ao plenário o Sr. Divino Martins dos Santos, que é pai de Rodrigo Luciano dos Santos, uma das vítimas.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Sr. Presidente, eu vou pedir licença para me ausentar. Eu deixei alguns compromissos na Secretaria e gostaria de voltar. Salvo... Se a Comissão entende pertinente ou adequado, eu posso até cancelar meus compromissos, mas, se me der licença, eu vou voltar ao meu gabinete.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Nós agradecemos ao Secretário de Defesa, a toda sua equipe pelo apoio que têm dado à CPI. Se houver necessidade, poderemos, posteriormente, entrar em contato novamente com a Secretaria.

**O SR. MAURÍCIO CAMPOS JÚNIOR** - Muito obrigado. Um bom trabalho.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A partir deste momento eu queria solicitar... Eu queria contar com a compreensão dos presentes, mas, tendo





em vista que, a partir do momento, nós estamos tomando depoimentos específicos sobre o caso de Piracicaba e Pará, a apuração dos fatos, nós temos um grupo de pessoas que foram convocadas para prestar depoimento à CPI que não poderão permanecer no plenário durante os depoimentos que serão prestados. Então, eu vou citar o nome aqui das pessoas que foram convocadas para depor a respeito do caso, e queria contar com a compreensão — que pudessem se ausentar do plenário, ocupando outro espaço neste prédio, e acompanhar aqui o Delegado Renato, só para cumprir o que determina a nossa legislação: Dr. Afrânio José da Fonseca, que é Juiz de Direito da Comarca de Piracicaba; Dr. André Luiz de Freitas, que é o Delegado que responde pelo Rio de Piracicaba; Sr. Exedito Ribeiro, que é o carcereiro; Capitão Nilton Arlen Eleutério, que é o comandante da polícia de Rio Piracicaba; Cabo Sidney, que estava de plantão na delegacia; Sra. Geralda da Luz Madeira, conhecida como Flávia; Sr. John Kennedy da Cruz, perito criminalista.

Dessas pessoas citadas, eu queria contar com a compreensão para a necessidade que nós temos de elas não acompanharem o depoimento, tendo em vista que prestarão depoimento em seguida. Então, nós solicitamos a essas pessoas que foram citadas que possam se ausentar do plenário. Vou pedir o apoio aí dos assessores da Comissão e da polícia interna da Assembléia Legislativa para ajudar nessa orientação.

*(Pausa.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Peço que aumentem o som do microfone do lado esquerdo.

Sr. Divino Martins dos Santos.

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Divino Martins dos Santos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor está convocado por esta Comissão para prestar depoimento a respeito dos fatos ocorridos na cidade de Rio Piracicaba.

Neste momento nós vamos solicitar ao senhor que faça o juramento a esta Comissão, de acordo com o nosso Código Penal.

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - *“Juro, sob palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”.*



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Sr. Divino Martins dos Santos, o senhor é residente à Rua Gomide, em Rio Piracicaba?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Rua Durval Gomide.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Reside lá há quantos anos?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Na faixa de uns 15 anos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quinze anos?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor é natural de onde?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - São Domingos do Prata.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor é pai de Rodrigo Luciano dos Santos?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Sou pai dele.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O Rodrigo estava detido há quanto tempo?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Eles pegaram o Rodrigo no dia 12 de outubro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ele já tinha alguma passagem pela polícia?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, não tinha passagem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Nunca teve?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, ele foi preso...

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Assim, assim... Ele teve assim um... Ele já esteve lá na cadeia. Inclusive era de menor. Ele esteve lá uma vez, mas não problemas de... desses problemas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A primeira vez em que ele foi preso foi por qual acusação?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, ele nunca foi preso não. Ele esteve lá só... Ele nunca foi preso não, porque ele era de menor, no caso, não é?



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ele foi detido por alguma forma e foi liberado. É isso?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E nessa época, quando ele ainda era menor, que ele foi até a delegacia, foi por qual motivo?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Ah, ele foi à delegacia... O problema do motivo é da... da... da... da Vale, que ele era de menor. E aconteceram uns problemas lá na Vale. Aí eles pegaram ele.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E agora em outubro...

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Em outubro...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - ...quando ele foi preso, foi por qual motivo?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Em outubro, segundo eu vejo que eles estão falando, diz que foi através do tráfico. Mas ele estava lá em casa de manhã, dormindo. E aí os policiais chegaram e chamaram, tal, tal. Entraram para dentro, procuraram, procuraram, não acharam nada e colocaram ele como, como... é... Como a gente fala? É....

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível)* - Flagrante.

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Flagrante, isso. Colocaram ele como flagrante. Agora, o flagrante é quando a gente pega a pessoa com as mercadorias, no caso, segundo eles me falaram, não é?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor chegou a fazer alguma visita ao Rodrigo nesse período em que ele estava na cadeia?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Cheguei. Várias vezes eu passava lá. Inclusive eu passo todo dia lá para trabalhar, porque eu trabalho lá perto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ele reclamava do tratamento lá dentro, das instalações?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, isso aí eu... Não reclamava, porque eu ia lá só... Não conversava com ele muito tempo. Só passava lá, conversava com ele um pouquinho e saía, porque era no horário de serviço. Então, eu não tinha tempo assim suficiente de ficar conversando com ele lá.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Antes desse episódio, qual foi a última visita que o senhor fez a ele?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Eu fiz a visita a ele dia 31, que eu estive lá. Dia 31.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Trinta e um de dezembro?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - É, dia 31 de dezembro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ele estava bem?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Ele estava bem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Fez alguma reclamação, assim, de alguma ameaça que ele estivesse sofrendo dentro da cadeia?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, não, não fez não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não fez?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O que o senhor sabe sobre o fato ocorrido? O que o senhor ouviu falar? As causas do acidente, do incêndio, como ocorreu, por quê.

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Ah, isso aí...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Geralmente, depois de um episódio desses, surgem muitas conversas. Algumas podem ser boatos, outras podem ser verdade. O que o senhor viu de fato, que pode colaborar com esta Comissão na investigação?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - De fato, no momento, agora, eu, inclusive eu estava até trabalhando, quando eles falaram isso. Eu tinha chegado em casa, tal, tal, tomei um banho e fui descansar. Aí, eles chegaram lá em casa, falaram comigo que tinha acontecido uma coisa na cadeia, tal, tal, que foi uma tragédia. Aí, eu já fiquei meio preocupado. Aí, eles pegaram e me levaram para o hospital. Eu tenho problema, aí me levaram para o hospital tomar injeção para acabar de me acalmar um pouco. Aí, eles pegaram e me falaram que eles tinham colocado... que eles tinham... que a cadeia tinha pegado fogo, segundo eles me falaram. Aí, eles me falaram que a cadeia tinha pegado fogo, e eu peguei e me preocupei, porque é filho da gente que está lá, então a gente ficou preocupado com ele. Afinal de contas, ele foi mesmo, e aconteceu essa tragédia, coisa que nunca poderia ter acontecido,



porque é uma sala, não é totalmente uma cadeia enorme, umas 2 celas, no máximo, 3 celas, não sei. É coisa mínima, podia ter salvado todo mundo. Foi falta mesmo de administração das pessoas que trabalham lá. Porque inclusive as polícias no caso que estão lá, na presença deles, como é agarrada, a cela é agarrada, não tinha como essas 8 pessoas terem morrido. Agora, foi uma coisa admirável de ter acontecido isso, porque, se fosse um presídio, uma coisa grande, uma coisa enorme, que não tivesse condições de salvar o povo, tudo bem, mas só que uma cadeia, uma sala, coisa mínima, lá, não teve condição de salvar, não sei por quê. Porque as coisas lá nem tão grande, nem tão segura é a cadeia lá, entendeu? Mas, infelizmente, aconteceu o que tinha que acontecer.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A respeito do incêndio.

Eu queria solicitar à Assessoria da Casa e à Polícia da Casa que pudessem desligar os aparelhos de televisão que estão no corredor, na área externa, nos *halls* em volta do plenário.

Pergunto ao Sr. Divino a respeito do incêndio ocorrido na cidade, lá na cadeia. O senhor ouviu algum comentário de que o ocorrido não pudesse ter acontecido da forma como foi anunciado? Segundo informações, os próprios presos da cela colocaram fogo. Depois, eles perderam o controle e o fogo se alastrou. O senhor ouviu alguma versão diferente?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, segundo eu estou vendo, é isso aí que aconteceu. Isso aí é o que eles estão falando. Agora, eu acho que é uma coisa assim muito difícil, a não ser pessoas que talvez digam que não têm mais nada a perder, já não têm mais nada, talvez possa acontecer uma coisa dessa. Segundo, falo o seguinte: nunca deve assim, tipo assim, pegar uma pessoa, igual meu menino — no caso, é um menino de 18 anos, fez 18 anos no final do ano —, agora, pegar ele, sendo assim um primário, pega o menino e joga no meio das pessoas que já estão condenadas a não sei quanto tempo de cadeia. Então, eu acho que isso aí se torna uma coisa muito “precata” para o lado da pessoa, porque talvez a pessoa quer aliviar daquelas coisas, mas no meio das pessoas que já estão julgadas, que não têm como sair das coisas, aí pode acontecer isso aí. Ele só pensa coisa ruim dentro da cela.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor tinha conhecimento que algum dos presos que estava junto com o seu filho estava recebendo ameaça de morte dentro da cadeia?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, isso aí não chegou ao meu conhecimento, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Com a palavra o Relator.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Divino, eu estive na sua casa. O senhor se lembra?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Sim, senhor.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor estava muito abalado naquela época. O senhor já falou aqui que o Rodrigo tinha 18 anos de idade?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - No final do ano ele fez 18 anos.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Dezoito anos. Qual era a profissão dele?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - A profissão dele era braçal.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Braçal.

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor podia dizer como foi a prisão? A polícia entrou, quantos entraram? O senhor sabe quem entrou na sua casa? Se chegou até a sala, até a cozinha, até o quarto, onde estava o Rodrigo?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Segundo eu ouvi falar, é o seguinte: eu estava trabalhando. Inclusive eu deixei meu menino em casa e meu sobrinho. Aí, eu deixei em casa. E o Rodrigo também estava em casa, dormindo. Aí, saí para trabalhar. Aí, nesse meio tempo, 11 horas da manhã, eles me procuraram, falando que meu menino estava preso, que tinha acontecido isso aí igual eu estou te falando. Mas eu estava trabalhando, não estava em casa. E não fiquei sabendo de nada que aconteceu dentro da minha casa.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quantos policiais entraram na sua casa?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Olha, eu não tenho bem certeza, acho que dois. Dois policial que entraram lá em casa.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O Rodrigo estava onde no momento da prisão?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - No momento da prisão ele estava dormindo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Dormindo. Você sabe quem comandava a operação?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Capitão Eleutério.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor conhece a Sra. Maria?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Maria... Ah! Deve ser a D. Maria, no caso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sim.

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Dona do imóvel lá de baixo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Qual a idade dela?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não tenho bem certeza da idade dela.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Ela tem problema de saúde?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não sei.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você sabe se o Rodrigo tinha algum tipo de amizade com a D. Maria?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, o Rodrigo tinha assim muita amizade com ela, tinha muita amizade com ela. De fato, quase todo mundo lá, quase todo mundo daquela rua lá tem amizade com ela, no caso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor conheceu o Anderson Dorneles dos Santos?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, esse Anderson deve ser um desses parentes da D. Maria. Eu conheci há pouco tempo, só há pouco tempo que eles chegaram lá, e nem tive assim intimidade com eles, nem nada, não...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Vou ler o nome dos 8 presos que morreram naquele dia 1º: Anderson Dorneles dos Santos, Donizete Gomes, Everson Barbosa Ferreira, Jaider Martins Miguel, Juarez de Jesus Santos, Rodrigo Luciano dos Santos, seu filho, Marlon Fernandes e Raimundo Anastácio de Moura. O senhor conheceu Donizete Gomes?



**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, Donizete... Donizete, conheci. Quer dizer, conheci lá na cadeia. Quando eu ia visitar o Rodrigo eles me falaram.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você sabe se o Rodrigo tinha alguma amizade com ele?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor não conhece ou ele não tinha?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, eu não conheço que Rodrigo tinha amizade com ele. Não, não...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E o Everson Barbosa Ferreira?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Também não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Jaider Martins Miguel?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Jaider... Também não, não...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Juarez de Jesus Santos?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Também não sei.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Marlon Fernandes?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não sei também.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Raimundo Anastácio de Moura?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não sei.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Nenhuma dessas pessoas o senhor, em nenhum momento, viu em sua casa na companhia de Rodrigo?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, não, não. De ser esses rapazes... É porque o meu serviço é o seguinte: eu é do serviço em casa. Então, eu não tenho tempo assim de conhecer as pessoas, tipo assim... Porque Rodrigo saía, ficar na rua, lá. Então, eu não tinha como ficar olhando ele e tudo. E essas pessoas, colegas dele, eu não conhecia.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor conhece o Capitão Árlem Eleutério?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - O Capitão Eleutério é lá de Rio Piracicaba. Conheço.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor conhece o Cabo Sidney?





**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Cabo Sidney? De Rio Piracicaba, eu conheço. Só que pelo nome assim eu fico...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você tomou conhecimento antes ou depois do fato de que houve algum planejamento para assassinar o Capitão Árlem Eleutério?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, isso aí eu não fiquei sabendo. E isso aí eu não fiquei sabendo, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor conhece a D. Geralda, conhecida como Flávia, que é esposa do Donizete?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, não, não conheci.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Nunca teve amizade?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Nunca tive amizade.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você sabe se o Rodrigo tinha amizade com ele?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não sei também.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor esteve no dia 31, último dia do ano de 2007, na cadeia.

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - É, no último dia eu estive lá.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor manteve contato com seu filho dentro da cela, fora da cela, ou o senhor ficou na porta da entrada da cela?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Eu fiquei na porta ali da entrada da cela, no caso, conversei com ele um pouquinho e, nisso, saí para trabalhar, porque eu ia pegar às 3. Aí, nisso, eu saí para trabalhar. Aí, não...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Que horas o senhor manteve esse último contato com o Rodrigo?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Na faixa de umas... meio-dia, 12h.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O ambiente estava tranquilo lá entre os demais presos, ou o senhor notou alguma agitação?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, eles estavam tranquilos, lá. Eles estavam tranquilos. Inclusive eu até falei: "Se Deus quiser, você vai sair daí e tal, vai... sair tranquilo, vai trabalhar, sair dessa vida aí."



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor tem conhecimento se os presos, principalmente os da cela 1... se havia ingresso naquela cela de álcool e droga?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, não cheguei a saber.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Não tem conhecimento.

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor não tem conhecimento se no dia 1º, do dia 31 para o dia 1º, final de ano, quando as festas são naturais, houve consumo de drogas ou de álcool entre os presos da cela 1?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, não fiquei sabendo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor tomou conhecimento, ainda que por ouvir dizer, de que os presos da cela 1 estavam planejando uma fuga?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, não. Isso eu não fiquei sabendo não, doutor.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor não ouviu nem comentários de terceiros?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Não, nem comentários.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E depois do fato, quais foram as versões, os boatos que surgiram na cidade a respeito do fogo? Você ouviu algum comentário de que os presos tocaram fogo na cela? Você ouviu comentários sobre curto circuito? O que o senhor ouviu?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Ah, eu ouvi o seguinte... Qual foi a pergunta?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quais foram os comentários, depois do dia 1º, depois do acontecido, sobre o fogo?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Ah, não. Sei que eles falaram que tinha pegado fogo lá na cadeia. Aí eu fiquei preocupado e...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor acredita que os presos possam ter colocado fogo em algum ponto daquela cela?

**O SR. DIVINO MARTINS DOS SANTOS** - Eu acho que é uma coisa muito difícil, porque, primeiro, as condições deles não permitem que aconteçam essas



coisas. Porque as pessoas estavam presas, no caso. Será possível que elas vão ter coragem de colocar fogo dentro da cela, sabendo que estão encarceradas!?... Fica difícil...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, antes de encerrar, devo dizer que acabamos deixando de incluir 2 depoentes que eu acho importantes. Um é o presidente do inquérito. O inquérito já foi concluído, é importante que ele venha aqui dizer das conclusões. O outro...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O Presidente é o delegado responsável pelo inquérito. É sobre quem V.Exa. está falando?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - É. Há 2 delegados que foram designados pela Corregedoria para concluir o inquérito sobre o incêndio. Esse que nos entregaram ainda há pouco. O outro requerimento que faço é no sentido de que a Comissão pudesse convidar para vir à CPI o Dr. Leonardo Santos Bordoni, que é um dos médicos legistas. Porque, no Instituto Médico Legal, todos os laudos afirmaram a presença de álcool e maconha em vários presos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Presença de álcool nos corpos ou no ambiente?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Não, nos corpos. Para o Juarez de Jesus Santos, o laudo deu a presença de 11,51 dg/l. Segundo a informação que temos, isso resultaria coma profundo, algo correspondente a mais ou menos 2 litros de cachaça ou de uísque. Então, precisaríamos dessa informação. Para o Marlon Fernandes, o laudo deu positivo para maconha; para o Anderson Dorneles dos Santos, deu positivo para álcool, 13,1 dg/l — alto; para o Donizete Gomes, deu positivo para maconha também; para o Everson Barbosa, o laudo deu positivo para álcool — 0,640; para o Raimundo Anastácio, não deu positivo nem para álcool nem para maconha; para o Rodrigo Luciano, também não deu positivo para álcool ou maconha; o mesmo para o Jaider Martins. Portanto, dos 8 presos, em 5 houve constatação de presença de álcool.

Eu já consultei alguns especialistas, e eles me deram informações de que esse teor de álcool é muito alto.

Então, seria importante que o legista nos informasse o que significa esse teor de álcool no ser humano e o que corresponde essa quantidade, em termos de



cachaça ou outra bebida, já que ocorreu o incêndio no dia 1º, data bastante significativa. Além disso, constatou-se a presença de substâncias entorpecentes no corpo desses presos. Seria importante ouvi-lo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A Comissão acata a solicitação do Relator. Vamos tomar as devidas providências, para que os indicados sejam convocados e prestem depoimento à Comissão aqui ou em Brasília.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Divino, por enquanto, fico satisfeito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Indago aos Srs. Parlamentar se alguém mais deseja fazer uso da palavra.

Deputada Maria do Carmo Lara. (*Pausa.*) Deputado Alexandre Silveira. (*Pausa.*) Deputado Paulo Abi-Ackel. (*Pausa.*)

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, apenas quero fazer mais uma pergunta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Pois não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Divino, o Governo do Estado apresentou um projeto de lei à Assembléia estabelecendo uma pensão no valor, parece-me, de dois quintos do salário mínimo, bem como uma indenização que pode chegar até 20 mil reais. Pergunto: o senhor já foi procurado por algum agente do Estado? A Defensoria Pública já fez algum contato com o senhor a respeito disso?

**O SR. DIVINO MARTINS DO SANTOS** - Não, não. A respeito disso eu não fui procurado ainda, não. Eles não falaram nada. Vejo, sim, um boato. Segundo falam, eu apenas ouço boatos, mas ninguém chegou perto de mim.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Queríamos agradecer a presença ao Sr. Divino pelas informações prestadas a esta Comissão.

O segundo depoimento desta tarde será da Sra. Geralda da Luz Madeira.

Gostaria de solicitar à Secretaria desta Comissão que pudesse fazer entrar no plenário a Sra. Geralda da Luz Madeira.

Informo aos senhores presentes, inclusive às autoridades, que esta Comissão comunicará a todos os depoentes os direitos que lhes serão garantidos. Caso não queiram ser filmados durante o depoimento, poderão manifestar-se por escrito,



nesse sentido, à Comissão, ou mesmo na hora do depoimento, quando poderão verbalmente externar o desejo de não serem filmados. Serão, portanto, respeitados os direitos daqueles que assim o desejarem.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, os Deputados Paulo Abi-Ackel e Alexandre Silveira levantaram uma questão procedente. Quando foram iniciados os depoimentos, a assessoria não identificou todos os que vão depor. Portanto, temos o receio de que todos estejam ouvindo os depoimentos pela televisão.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado, isso já foi resolvido.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Solicito a presença da Sra. Geralda da Luz Madeira.

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**(Não identificado)** - Sr. Presidente, quero registrar a deselegância da Assembléia pela não-veiculação dos trabalhos da CPI Carcerária. Gostaria também de solicitar ao Presidente que fizesse constar a deselegância, por parte desta Comissão, ao convocar uma pessoa, que sou eu, que viajou a noite inteira para estar aqui presente, às 9h da manhã, pontualmente, e deixá-la até agora sem café e sem almoço. Mas estou à disposição desta Comissão para qualquer esclarecimento.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Comunico que V.Sa. foi convocado a depor e, assim como todos os que foram convocados, prestará depoimento, pela ordem, após a oitiva do depoimento do Secretário de Estado. Mas se V.Sa. desejar, podemos providenciar alguma alimentação, até mesmo o jantar, se for necessário.

**(Não identificado)** - Muito obrigado por ouvir a minha reclamação.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não há problema. A CPI entende e mantém a convocação de V.Sa.

Solicito a presença da Sra. Geralda da Luz Madeira.

**A SRA. MARIA GERALDA SOARES DOS SANTOS** - Meu nome é Maria Geralda Soares.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Geralda...



**A SRA. MARIA GERALDA SOARES DOS SANTOS** - Maria Geralda Soares.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ah, sim. Queremos informar que todos foram convocados para as 9h. Inclusive o Dr. Afrânio, que é Juiz da Comarca, cancelou as audiências da tarde de hoje para comparecer à reunião desta CPI.

Devemos entender que os depoimentos estão acontecendo, e a CPI não parou sequer um momento, a não ser os 10 minutos de intervalo. Portanto, assim o fizemos para dar continuidade aos trabalhos. Em audiência, normalmente, é assim, há hora para começar, mas não para terminar, ainda mais em se tratando de depoimentos, pois não temos o controle sobre os depoentes.

*(Intervenções simultâneas ininteligíveis.)*

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você é a mulher do Donizete?

**A SRA. MARIA GERALDA SOARES DOS SANTOS** - Não, eu sou a mãe do Rodrigo. Maria Geralda Soares do Santos.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, acho que ouve um equívoco, porque, na verdade, a Geralda que eu indiquei é a esposa do Donizete. A depoente que comparece é outra Geralda, a mãe do Rodrigo. Não era essa a Geralda que eu queria ouvir. Por isso estranhei, porque eu fui à casa da D. Geralda.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A convocação foi da D. Geralda da Luz Madeira. Então, houve um equívoco quando foram buscar as testemunhas na cidade de Piracicaba. Mas agradecemos à D. Maria Geralda Soares por participar desta audiência com a CPI. Ficamos extremamente felizes com a presença da senhora, mesmo com o equívoco ocorrido.

A Sra. Geralda da Luz Madeira continua convocada. Se não puder prestar depoimento aqui hoje, prestará depoimento à Comissão em Brasília.

Vamos tomar o depoimento do Sr. Expedito Ribeiro, o carcereiro de plantão na Delegacia de Rio Piracicaba.

Quero informar que o Sr. Valdeci não foi convocado na condição de testemunha, mas sim para falar sobre o sistema prisional do Estado de Minas Gerais, mais especificamente sobre o trabalho desenvolvido na APAC. Se aqui estivesse na condição de testemunha, certamente seria outro o tratamento da CPI.



Solicito a presença do próximo depoente, Sr. Expedito Ribeiro, carcereiro que estava de plantão na Delegacia de Rio Piracicaba. *(Pausa.)*

Sr. Expedito Ribeiro, boa-tarde.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Boa-tarde.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Indago se V.Sa. tem alguma restrição pelo fato de o seu depoimento estar sendo gravado e veiculado pela *TV Assembléia*?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não tem problema.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Portanto, vamos continuar com o depoimento.

Gostaria que V.Sa. prestasse juramento perante esta Comissão.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - *“Termo de Compromisso. Juro, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”.*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - V.Sa. foi convidado a prestar depoimento a esta Comissão, tendo em vista o fato ocorrido na cidade de Rio Piracicaba, onde 8 detentos morreram. V.Sa. estava de plantão na noite em que os fatos ocorreram.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Sim.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Pergunto ao Sr. Expedito Ribeiro: o senhor trabalhava como carcereiro daquela delegacia há quanto tempo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Há mais de 3 anos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem designou o senhor para trabalhar naquela delegacia?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Foi a assessoria do Prefeito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor trabalhava em que antes?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu trabalhei em vários setores: em cemitérios, como lavador... Trabalhei em vários setores. Fui trabalhar lá e nem sabia que era de carcereiro. Mandou eu ir para lá, eu obedeco a ordens, então, eu fui para trabalhar lá. Cheguei lá, eles me entregaram as chaves. Não tive um treinamento sequer. Então, fui orientado pelo colega meu de serviço, que é também, da mesma forma,



auxiliar de serviços gerais. E nós... ele passou para mim algumas instruções do que ele fazia. E aí eu fui continuando a rotina, dia-a-dia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não pediu para trabalhar na delegacia?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, de forma nenhuma.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Se dependesse da vontade do senhor, o senhor iria para lá ou continuaria na função que o senhor estava exercendo na prefeitura?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ah, eu não iria.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não iria.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Foi o assessor do Prefeito. Qual o nome de quem comunicou ao senhor que o senhor iria trabalhar, a partir daquele momento, na delegacia?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Maria Inês.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Maria Inês. Ela chamou o senhor e comunicou?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Comunicou. Eu estava trabalhando em uma área... área administrativa. Então, a Prefeitura fez concurso, e eu não tinha estudo para suprir aquela vaga daquele serviço que eu estava fazendo. Aí tinha essa vaga lá na delegacia. Ela perguntou se eu queria ir para lá. Eu falei: "Eu não tenho como não querer, para onde mandarem eu vou". E aí fui. Comecei a trabalhar e...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor chegou na delegacia e se apresentou a quem para o trabalho?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu me apresentei ao delegado?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o nome do delegado?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É Vladimir, Dr. Vladimir.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor se apresentou e disse o que a ele?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Disse: "Me mandaram para cá, eu vim".

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E ele falou o quê?





**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Aí ele me chamou lá e falou: “Aqui você vai ficar com a chave”. Também falou sobre os horários de serviço. Porque somos 2 lá: um trabalha de dia; o outro, à noite.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O outro também é indicado pela Prefeitura?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É indicado pela Prefeitura.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, os 2 são indicados pela Prefeitura.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Antes de vocês 2, quem trabalhava lá na delegacia?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ah, tinha outros também que não eram preparados, assim como cargo de confiança...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Cargo de confiança da Prefeitura?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É. Não era efetivo. No meu caso, eu sou efetivo, sou concursado. Vai fazer 13 anos que eu trabalho lá na Prefeitura.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, foi o próprio carcereiro que começou a ensinar o senhor como exercer a função?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Foi.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ficou assustado quando chegou lá, com o novo serviço?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É... a gente fica assustado porque eu nunca tinha tomado conta de presos. E na época que eu cheguei, parece, a cadeia estava com excesso de presos. Mas ele foi me explicando e falou que a gente se acostumava, fazendo as obrigações dia a dia. E assim foi, realmente, eu me acostumei, fazendo o serviço dia a dia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor mora em Piracicaba há muito tempo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Sou nascido lá.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o senhor conhecia praticamente a maioria daquelas pessoas que estavam ali presas.



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu não conhecia a maioria porque de lá mesmo, de Rio Piracicaba, tinha poucos presos. É maios de Alvinópolis, de Sem-Peixe, Dom Silvério e Bela Vista de Minas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Os de Rio Piracicaba o senhor conhecia a maioria?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Os de Piracicaba, com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Dos que morreram, quantos eram de Piracicaba?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Parece-me que eram 2.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Dois só. O senhor conhecia os 2?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É... Não, mas... É que ali a gente “apanha” costume muito rápido com os presos, porque eles dependem da gente para pedir uma coisa, pedir outra. Então, eu já estava acostumado mesmo com eles.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Que mais eles pediam?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Pediam para a gente buscar alguma coisa na rua para eles; e também remédios. A gente levava eles ao médico. Então,...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ele pediam mais o quê, além de remédio, para buscar mais o quê?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É... Um sabonete, pasta de dente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí, o senhor ia comprar?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ia, comprava, pedia um pão, para a gente ir na padaria buscar um pão, a gente comprava, também, ia lá e buscava.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não tinha medo, não, de fazer isso? Ou eles ameaçavam: “Olha, o senhor faz isso e tal”.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não, não me ameaçavam, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Pedido a cortesia, mesmo.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Para ser sincero, eu me acostumei tanto com eles que eu até sinto falta ali daquela rotina ali. Porque eles me respeitavam muito e tinha muito contato com eles.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É... Quando o senhor saia para comprar, quem ficava tomando conta das celas?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não. Lá, fica um guarda, ficava um guarda lá. Nós, durante o dia, estávamos lá, mas à noite tirava plantão em casa. À Noite e feriado a gente ficava em casa. Só casos de uma emergência que acionava a gente, a gente vinha, resolvia e voltava para casa. Ninguém...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, os 2 carcereiros que trabalhavam na delegacia, que eram responsáveis pela chave das celas, no final de semana tiravam plantão em casa?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Final de semana e à noite também.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, à noite era comum: não tinha carcereiro de plantão.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Tinha em casa. Quando precisava, eles buscavam a gente em casa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor saía, na parte interna, quem ficava responsável? Se os presos precisassem de alguma coisa lá como é que fazia? Eles gritavam?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - À noite?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - À noite, eles me acionavam. Se algum passasse mal...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas quem acionava o senhor?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - O polícia militar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Que ficava do lado de fora.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ele ficava do lado de fora, em frente à cela. Então, qualquer coisa, se chegasse um conduzido no decorrer da noite, eles me acionavam, e eu vinha. Às vezes, até me apanhavam em casa...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, vocês 2 trabalhavam de dia.



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não. Quando eu estava de dia, o outro estava à noite. Quando...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o à noite não é em casa, o plantão?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É. Nenhum de nós fica, fica...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, ele trabalhava à noite, mas em casa.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Em casa: só de sobreaviso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - No dia do ocorrido, o senhor estava em casa também?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu estava em casa e, por incrível que pareça, eu... Porque sempre mesmo, no fim de semana, às vezes, a gente pegava o plantão na sexta-feira, às 18h, e ia até na segunda-feira às 18h. Então, eu, de vez em quando, e mesmo sem — é uma cidade tranqüila —, mesmo sem os policiais me acionarem, eu ia lá ver como é que estava lá, como é que estava o ambiente, eu dava uma voltinha lá. E, nesse dia, eu fui lá sem ser acionado. Aí cheguei...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - À noite.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É... Não. Quase na hora do incidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Que horas?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Uns 5 a 10 minutos antes do incidente eu estava lá. Aí eu olhei, estava tudo tranqüilo, eu saí. Falei: "Vou ali na praça, vou tomar um sorvete."

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou lá, nesse dia, quem estava lá na delegacia?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - De plantão?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Além dos presos, quem mais estava lá?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Estava lá o policial Sidney, o guarda.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mais quem?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - No momento só estava ele. Aí, na hora...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Alguém mais já havia passado por lá, antes do Sidney?



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não. Só... Porque eu não demorei muito lá, não. Eu demorei lá uns 5 minutos. Eu só subi, em cima lá, peguei um remédio, porque tinha um preso lá que tomava remédio controlado. Peguei o remédio, entreguei para ele e saí. Na hora que vou chegando na praça, porque eu andei na praça assim uns 500 metros, aí ele me ligou. Ele me ligava e eu conheço o número da delegacia e eu não atendia, não. E retornava: 20190.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem ligava?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - O guarda. Aí ele falou para mim que estava começando um incêndio lá e que eu fosse rápido. Aí, eu saí correndo e fui. Quando eu cheguei lá e que eu tentei ir no cadeado, já não teve mais jeito de chegar o cadeado. Aí, eu fui e fui soltando os outros...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, quando o senhor chegou para abri o cadeado já estava pegando fogo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Já. Já não tinha controle mais.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ouviu algum grito?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ainda estavam gritando. Nesse momento, ainda estavam gritando.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Os presos da cela 1 ou das outras celas?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Da cela 1. Das outras celas estavam apavorados, mas eu fui rapidamente e abri as outras 3 celas e pus os outros presos para fora com medo da fumaça do colchão que estava horrível o fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Os presos da cela 1 estavam gritando?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Da cela 1 estavam dentro do banheiro e os das outras cela — que são todas uma perto da outra — estavam gritando: “Abre para nós. Abre para nós aqui, Expedito, que essa fumaça”...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Seu Expedito, o senhor ouviu algum grito dos presos da cela 1?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ouvi.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor chegou a conhecer a voz de quem era o grito?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não. Não dava. E também, na hora porque...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Muito barulho?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Muito barulho e eu fiquei apavorado e, imediatamente, eu peguei uma mangueira que joga água na horta, mas era a mesma coisa que não jogar nada, porque saía aquela pouquinha água e não tinha como a gente chegar perto. E a água estava sem pressão, aí... onde acionaram pipa da Prefeitura, que, do bairro que ele estava, até ele chegar lá, demorou uns 5 minutos. Enquanto o pipa jogava água pela frente, nós arrumamos uma marreta e fomos quebrar por trás, para ver se conseguia alcançar e salvar eles. Mas, quando chegou a abrir e que nós olhamos, já... já...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Nesses 3 anos que o senhor esteve trabalhando — 3 anos?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Alguma vez os presos colocaram fogo na cadeia? Na cela?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor acha que, pelas condições que a cela estava, tinha muitos colchões espalhados, lençóis?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Tinha. Tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor pode nos afirmar que, em caso de qualquer incêndio ali, o fogo seria incontrolável dentro da cela por causa da presença de muito pano?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor acha que um curto circuito seria capaz de causar aquele incêndio ali?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, isso eu não sei. Isso eu não sei.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor conhecia as instalações. Tinha muito fio desencabado lá?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Tinha. Tinha, com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E por que é que nunca consertou?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Pedia... A gente pedia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o senhor falava com quem? Com delegado ou com o Prefeito?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Falava com o delegado, falava com o Prefeito e ele mandava o eletricitista, bombeiro e ia remendando. Mas, o prédio lá é sem condições mesmo. E também o local dele, no meio da rua. O preso conversa com os outros no meio da rua... Então, é...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, dava para os presos conversarem com quem passasse pela rua também?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Dava.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Alguém podia passar e, da rua, jogar fogo lá dentro?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É possível, sim. Pela distância e não tem grade, muro, não tem nada...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Se alguém passasse pela rua e não tivesse guarda nenhum, início de ano, o pessoal comemorando festas ainda, podia alguém jogar alguma coisa lá dentro para pegar fogo e...

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Pode. Distância tem, porque a distância é muito pouca.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é a distância?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - A distância é de uns... da rua, da beira do meio-fio até a cadeia, se tiver, são uns 5 metros.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E tinha como jogar alguma coisa lá dentro e pegar fogo assim, um álcool... jogar álcool, jogar uma bucha pegando fogo...

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Distância tem, mas eu acho que ninguém ia fazer isso porque o guarda está sempre lá.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Pela experiência que o senhor tem de presídio, o senhor acha que os presos dali seriam capazes de colocar fogo nas celas, sabendo que o carcereiro não estava lá. O carcereiro não ficava à noite. Eles sabiam que o senhor não ficava à noite lá.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Todos sabiam que eu não ficava à noite, mas eles me viram lá.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eles te viram e sabiam que você tinha saído?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não. Eu creio que eles não sabiam que eu tinha saído.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não sabiam, não, porque foi questão de poucos minutos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor acha que eles seriam capazes de tocar fogo para chamar a atenção do senhor? Eles precisariam disso?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu creio que não, porque eu era acostumado até levar eles no hospital, às vezes até sem escolta. Dependendo do caso lá, eu levava sem escolta policial.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Era comum assim: "Estou passando mal" e o senhor mesmo levava sem escolta?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Era comum.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor já levou quantas vezes sem escolta?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ah, várias vezes.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O delegado não achava ruim com o senhor, não?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ah, não achava, não, porque eu não podia deixar eles passando dor lá. E a gente é ser humano também.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E ninguém nunca tentou fugir, aproveitando a boa vontade do senhor?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não. Nunca.





**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor está sendo sincero conosco e está falando a verdade. A gente percebe. Está falando a verdade e não está escondendo nada. E é isso que nós queremos.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não, não estou ...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor está dando uma grande contribuição para esta Comissão e, inclusive, para o processo de investigação. E essa sinceridade é o que nós queremos de todos que aqui estão. Mas, então, ninguém nunca tentou fugir com o senhor, talvez, com medo de a culpa ficar com o senhor.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É, com certeza. Eles me consideravam muito. Inclusive, eu não qual rede de televisão que gravou outros detentos. Inclusive, um que saiu dia 20 de novembro, ele falou que considerava nós, lá, como pai dele. Não só ele, mas os presos todos me consideravam como pai. O que nós podemos fazer para eles, isso aí nós fazemos mesmo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha briga de preso, assim, tinha alguma cela de rixa com aquela cela, brigando? Alguma pessoa tinha interesse, capaz de arrumar uma briga, botar um fogo lá dentro.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não. Quando alguns desentendiam assim na cela, chegavam perto da gente e diziam: "Não estou me dando bem nessa cela: Você me muda?" "Mudo." Para evitar confusão a gente mudava eles de lugar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O.k.

Relator.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Expedito, obrigado pela presença. Também tive contato com o senhor lá no fórum. Também senti, naquele depoimento, uma sinceridade muito grande do senhor e uma espontaneidade. Qual é a idade do senhor.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu tenho 44 anos.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quarenta e quatro. Qual é o seu grau de escolaridade?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu tenho a quarta série incompleta.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quarta série incompleta. Qual é o seu salário como carcereiro?



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, o meu salário é R\$395,00, mas eu tenho hora extra, adicional noturno. Então, aí acrescenta. Mas o meu salário básico é R\$395,00.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Qual era a distância de onde o senhor estava para a delegacia, quando o senhor foi avisado pelo Cabo Sidney?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu creio que dá uns 400 metros.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quatrocentos metros?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Quatrocentos a quinhentos metros.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Qual o número do seu telefone que o Cabo Sidney lhe comunicou que estava havendo um incêndio?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É esse que está comigo, 96930000.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Nove, meia, nove, três...?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Nove, meia, nove, três, zero, zero, zero, zero.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O Cabo Sidney utilizou o telefone da delegacia?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ele binava e eu retornava via 190.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - É o 190. O que foi que o Cabo Sidney disse para o senhor pelo telefone.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ele disse que estava iniciando um incêndio, lá.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E o senhor levou quanto tempo nessa distância de 400 metros para a delegacia: 3 minutos, 2 minutos.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Três a quatro minutos, no máximo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Lá, o corredor é bem estreito?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Aquele corredor dá mais ou menos o quê, um metro e meio?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É, nessa faixa, um metro e meio, um metro e oitenta.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Os policiais militares ficavam na parede, encostados, praticamente encostados na entrada da cela?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Isso.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quando o senhor chegou, o Cabo Sidney estava em que lugar?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ele já estava da banda de fora. Na hora que eu cheguei, já não tinha como ninguém ficar naquele corredor.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Ele estava do lado de fora da cadeia ou estava próximo da escada que dá acesso ao pavilhão?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ele estava em frente e tinha um detentos albergados, que já estavam já trazendo a mangueira e jogando balde d'água, mas só que não tinha como a gente chegar muito perto, porque o calor do fogo estava muito.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Eu queria só que o senhor precisasse onde ele estava na hora que o senhor chegou. Ele estava próximo à escada, estava na porta da delegacia? Onde ele estava?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ele estava em frente à cadeia, em frente à janela.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Do lado de fora?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Do lado de fora.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Do lado de fora. As chamas eram muito intensas?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Muito intensas.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Em toda a cadeia, em toda a cela?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Em toda a cela.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Do lado esquerdo de quem entra, me diga o seguinte: quantas beliches tinham dentro da cela?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Tinham 4 beliches, 3 de metal e 1 de madeira.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quatro. O senhor poderia dizer para a Comissão quais os presos? Vou listar para o senhor o nome dos presos que morreram lá: o Anderson, o senhor conheceu? Anderson Dorneles.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Um.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Donizete Gomes?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Também.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O Everson?



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Também.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O Jaider? Rodrigo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Também.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Marlon?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Márlon.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Márlon. Diga-me o seguinte: no primeiro beliche de quem entra, do seu lado direito, quem dormia no primeiro beliche?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Era o Donizete.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O Donizete dormia no primeiro?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Em cima ou embaixo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Em cima.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E embaixo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Embaixo, parece-me que estava dormindo lá era o Anderson Dornelas, porque diariamente eles mudavam o beliche de lugar.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Eles mudavam?

Você sabe quem dormia no beliche de madeira?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Não sabe?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não sei, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E no beliche do lado esquerdo de quem entra, encostado na parede do lado esquerdo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Aí é que dormia o Donizete. Desse lado é que dormia o Donizete.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Ah, então, o Donizete dormia no beliche do lado esquerdo de quem entra?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Certo.

Diga-me o seguinte, Sr. Rodrigo, ou melhor, Sr. Expedito. Quem abriu o portão de entrada da cela?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Depois do...



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Depois do fogo.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, eles quebraram com marreta. Deveria o cadeado estar muito quente e, quando chegou a abrir a cela, o buraco já estava... Nós já tínhamos aberto o buraco, nós já tínhamos entrado lá. Então... Aí, depois, quebramos o cadeado, mas...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Só para explicar. O senhor chegou, encontrou o Cabo que estava tentando apagar o fogo; as chamas estavam muito intensas; não dava mais para chegar ao corredor? Isso?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não dava.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Aí, vocês abriram um buraco pelo lado de trás?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Dos fundos.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quem abriu o buraco?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Foi eu e os presos que estavam albergados.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Certo. Quanto tempo levou do momento em que o senhor chegou, encontrou o Cabo, deu a volta para poder abrir aquele buraco na parte de trás?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ah, demorou um pouquinho bom, porque até que foi arrumar marreta, conseguir a marreta para quebrar a parede... Então, demorou um pouquinho bom. Nisso, o pipa chegou, porque, se nós quebrássemos também a parede, do jeito que o fogo estava, era sujeito até o fogo pegar a gente... Quando quebrou a parede, mesmo com as chama apagada, saiu um gás muito forte lá de dentro.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Expedito, quanto tempo levou para o fogo ser controlado com a água do bombeiro?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Com a água do pipa foi rapidinho.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O carro-pipa?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Uns 5 minutos.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Cinco minutos?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É, já acabou, porque...



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Aí, todos vocês... O fogo foi controlado, vocês abriram um buraco pela parte de trás. E quem entrou no interior da cela pela parte de trás?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu entrei...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor, o Cabo? O Cabo entrou?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - O Cabo eu nem sei se ele entrou. Vou falar pro senhor a verdade. Eu fiquei meio desorientado.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O Capitão Eleutério?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Depois entrou. Na hora eu fiquei meio desorientado. E. Eu nem sei quem entrou. Eu só sei que eu entrei, que eu bati a lanterna e tentei pegar e vi que ele já estava morto, eu fiquei meio desorientado.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Que hora? Foi mais ou menos umas 20h30min?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É, mais ou menos.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Durante a noite inteira, o que ocorreu no interior da cela?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ah, isolou a área com essas fita zebra e foi chegando muita gente. Então, aí, nós ficamos lá, esperando o perito. Eu fiquei lá para reconhecer os corpos, porque o perito não conhecia e eu tinha que falar quem era quem. Peguei as pasta deles e foi colocando no caixão e saindo com eles pelos buracos pra não chamar muito a atenção do pessoal que estava lá, os curiosos.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - A que horas os peritos chegaram?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ah, eu não lembro, assim, muito preciso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Foi na mesma noite ou no dia seguinte?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, na mesma noite.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Os peritos entraram pelo buraco ou entraram pela porta principal?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Pela porta principal.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - A que horas a principal foi aberta?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Foi naquele mesmo momento.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quem foi que abriu?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Foi nós mesmo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor participou?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Participei.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Usaram o quê para abrir?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - A mesma marreta que abrimos o buraco, lá, nós batemos ela, porque estava quente a grade, aí, batemos no cadeado e estouramos e entramos também pela porta.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor tinha conhecimento se no interior da cela os presos consumiam álcool?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não tenho conhecimento. Eu cheguei lá e saí na mesma hora. Igual eu falei ao senhor, a gente tira plantão em casa. Às vezes, sem eles me chamarem, era costume meu de olhar como é que estava. Mas eu cheguei, senti que estava tranqüilo e voltei.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor já falou que os presos, em nenhum momento, houve nenhum plano houve algum plano de fuga.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - No dia 31, quem estava de plantão?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu também.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor? Naquele dia houve algum consumo de álcool ali?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não. Eu não observei nada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Sr. Relator, permita-me, por favor.

Alguma vez algum dos presos pediu para o senhor comprar uma cachacinha para eles ou uma cervejinha?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, eu, pra ser sincero, sempre tratei eles com muita sinceridade e eu não dava oportunidade pra eles me pedirem esse tipo de coisa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não dava liberdade para eles.



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não dava liberdade para eles. Então, eles me respeitava muito. E eu procurava ajudar eles, levando uma palavra amiga, mesmo a palavra bíblica pra eles.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor nunca comprou?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Nunca comprei. Jamais.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Dois dias antes... Um dia antes, foi dia 31, dia 1º, realmente é período de festa na cidade, em todo o País, e todo o mundo comemora da forma que acha que é melhor comemorar. Nesse dia 31 ou dia 1º, facilitaram e entrada de uma cerveja, um cachaça pro pessoal tomar, um vinho, já que era festa, e os presos, apesar de estarem presos, tinham uma relação boa na cidade, ali, era amigos? Nesses dias, 31 e 1º, entrou a alguma bebida? As visitas puderem levar para a cela para comemorarem o dia 31?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, pode ter entrado, porque lá o prédio é de fácil acesso. O guarda fica na frente da cadeia, mas tem como passar pelo fundo, porque na parte do fundo a cerca é de bambu. Então, a facilidade de passar qualquer coisa é muita, mas só que ele não vai passar na presença do guarda. E dia de visita, também, lá não tinha uma polícia feminina pra dar busca nas mulheres, e nós não podia dar busca nas mulher. Então, é onde ficava mais fácil talvez de passar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deixe eu perguntar para o senhor. Lá só tinha homem?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Lá só tinha homem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A maioria das visitas eram mulheres?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - A maioria das visitas eram mulheres.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E as visitas, então, não eram revistadas?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não. As mulheres, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Expedito, as chaves da cela era comum o senhor e o Sr. Osvaldo levar para casa?





**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu levava a minha chave todos os dias. Quando eu saía pra almoçar, aí eu deixava ela lá, pra qualquer coisa, caso de emergência o detetive que fica lá abrir, mas, à noite, eu levava minha chave pra casa todos os dias.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor conheceu a D. Geralda, conhecida como Flávia, que era esposa do Donizete?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Conheci.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você acha que ela tinha condições de fazer algum plano para assassinar algum militar?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, doutor, eu não sei o coração de ninguém, não é, mas isso eu não posso afirmar ao senhor, porque eu não sei o pensamento dela. Não sei.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E como era o comportamento lá do Rodrigo? O senhor o conhecia?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, o comportamento dos presos todos era muito bom.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você já falou que havia muitos materiais ali dentro da cadeia.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Havia, sim.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você acha que o fogo, tendo iniciado em um beliche de madeira, o senhor acha que só por isto ele se propagaria com tanta rapidez? O senhor já falou que o Cabo Ihe informou que estava pegando fogo; o senhor estava a 400 metros de distância; levou menos de 2 minutos para voltar; quando chegou o fogo já tinha tomado conta da cela. O senhor acha que um fogo iniciado em qualquer uma das celas, mas principalmente na de madeira, teria condição de se propagar com tanta intensidade, com tanta rapidez, se não tivesse algum outro elemento que acelerasse essa velocidade?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, isso até eu fico me perguntando. Ou talvez a gente comenta com algum colega que eu nunca vi... Na hora que eu cheguei estavam as camas todas com as mesma intensidade de fogo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Com a mesma?



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Com a mesma intensidade que estava uma estava outra.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Uma outra pergunta: pela experiência do senhor — o senhor já falou que é leigo; não sabia nem que ia ser carcereiro; mas estava ali há mais de 3 anos, então o senhor acumulou experiência, não é?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Com certeza.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você acha que 8 homens acostumados a enfrentar a Polícia, a enfrentar colega na criminalidade, eles se deixariam morrer, fugiriam para o banheiro e não enfrentariam o fogo, se esse fogo não fosse tão rápido que não lhes permitissem nenhum tipo de reação, de enfrentamento?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, eu não sei se foi pra chamar a atenção, mas o meu colega, o Cabo Sidney, e o outro, Mendes, pediam: “Gente, pára de brincar com fogo! Com fogo não se brinca!” Pediu eles. Eu não sei se foi por questão de brincadeira, se o fogo alastrou porque estava muito quente. Não sei como. Mas eu só sei que foi muito rápido.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor tem notícia se aqui em Minas o pessoal gosta de brincar com fogo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Não, não é?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, obrigado, por enquanto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eu só quero fazer mais uma pergunta.

Quem disse ao senhor que o Cabo Sidney pediu a eles para pararem de brincar com fogo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - O Cabo Mendes mesmo disse pra mim.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ouviu falar depois. Depois do incêndio o senhor ouviu falar?



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Na mesma noite. Quem me falou isso mesmo foi o Cabo Mendes, que também estava em serviço, mas estava na viatura. Então, ele falou que pediu por várias vezes: "Apaga esse fogo! Não brinca com fogo!"

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor disse que, antes de atender ao telefone da Delegacia, algumas vezes o senhor não atendeu ao telefone.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, toda vez que bina, na mesma hora eu retorno.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Naquele dia, a primeira ligação que o senhor recebeu o senhor atendeu?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É de costume. A primeira ligação eu retorno.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor verificou no bina do celular se tinha alguma ligação que o senhor não atendeu que era da Delegacia ou era do Cabo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor atendeu da primeira vez?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Da primeira vez, com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o Cabo não disse ao senhor: "*Olha, eu tentei ligar antes, quando eles estavam brincando com fogo, pra você vir para cá?*"

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não. Não teve... Foi na mesma hora. Foi...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando ele ligou, o senhor atendeu e correu lá?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Na mesma hora.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Chegou lá, estava pegando fogo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Cheguei e estava pegando fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Os presos albergados estavam todos no local do albergue?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Estavam.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinham quantos albergados?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Três.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estavam todos os 3 lá?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Estavam todos os 3. Não, são 2. Tinham 2.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estavam todos os 2 lá.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Estavam todos os 2.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O.k.

Concedo a palavra à Deputada Maria do Carmo Lara.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Sr. Expedito, quando o senhor falou que o Cabo Mendes falou para eles não brincarem, eles brincavam com quê? Com fósforo, com quê, lá dentro?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, ele não me explicou detalhadamente não, mas só falou dessa forma: "*Não brinca com fogo*". Inclusive ele até citou o nome de quem estava brincando mais: o Anderson Dornelas.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Tem 3 anos que o senhor prestava serviços lá.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Mais de 3 anos um pouquinho.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Mais de 3 anos. Pela sinceridade com que o senhor está falando, que os colegas já disseram, o senhor tomou conta das pessoas, dos presos, lá, colaborava até, parece, que além do que tinha que ser feito, não é?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É verdade.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Que dia que as família iam visitar esses presos?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - A visita era todas quintas-feiras. Costumava mudar, se tivesse um feriado na quinta. Aí costumava mudar pra quarta-feira. Mas, normalmente, as visitas é dia de quinta-feira, das 14 às 16h.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - E aí era só nesse dia ou durante a semana quem quisesse podia ir lá, conversar?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, não era permitido, não. Mas, como a cadeia, igual eu falei que ela tem um fácil acesso, não tem uma cerca, não tem um



muro, não tem nada, é a rua e a cadeia. Então, parente passa e não deixar chegar na janela um pouquinho, conversar: “*Eu só vou chegar na janela*”. Então...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - E, quando as famílias iam, mesmo que o senhor não revistasse, ou o colega do senhor que estava lá não revistasse porque era mulher, o senhor via que as famílias levavam algumas coisa? Sacola, roupa...

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não. Levavam as coisa: fruta, alguma comida caseira, levava pra eles.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - O senhor viu se alguma vez se alguns familiares levaram algum suco, alguma bebida, alguma coisa (*ininteligível*)?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Essas coisas, a gente revistava. Até mesmo os militares revistavam, também, se a gente não estivesse lá, fora de hora de visita. Então, eles levavam suco, levavam uma comida caseira.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Então, pode ter sido que alguma família, em algum momento, tenha levado bebida alcoólica?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu não acredito, não, porque não passaria pelo guarda. Pode ter levado, assim, escondido, porque a cerca do fundo da cadeia, onde é um terreno do vizinho, a cerca é de bambu. Então, é de muito fácil acesso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Foi dia 1º, à noite, que aconteceu o Incêndio e que eles morreram, não é?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Então, foi antecedente ao dia 31. Dia 1º foi numa terça-feira; dia 31 foi numa segunda, se não me engano...

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Então, as famílias foram lá na quinta anterior.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Porque o feriado foi dia 1º de janeiro; dia 31 foi segunda; dia 30 foi domingo; dia 29, sábado; dia 28, sexta. Então, a família visitou dia 27?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É.



**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Próximo do ano-novo, próximo da...

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É. Isso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Quando o senhor foi lá, à noite, fazer a visita — o senhor falou que passou lá, mas eu queria perguntar de novo —, como é que o senhor percebeu os presos lá dentro, as pessoas que estavam lá? Eles estavam conversando, estavam dormindo, estavam...

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não. Estavam batendo papo...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - ...em algazarra, alegres demais? Como é que o senhor percebeu?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu notei eles alegres, mas eu achei: é princípio de ano...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - O senhor notou eles alegres?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu notei alegres...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Falando mais do que de costume?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Porque eles eram muito alegres. Eu chegava, cumprimentava eles, eu ia de cela por cela, cumprimentava. Então, desejei pra eles um feliz ano-novo, que breve eles iam sair de lá. Nesse momento, eu subi lá em cima e peguei o remédio de um dos detentos que tomava controlado e saí. Saí. Eu não tinha nem chegado ainda na pracinha, o telefone tocou, eu voltei correndo.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Mas o senhor percebeu que eles estavam mais alegres do que o normal do dia-a-dia?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Na verdade, eu não percebi, porque eu não coloquei, assim, maldade nenhuma, porque era ano-novo. Então, eu não coloquei.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Eu não conheço a cidade Rio Piracicaba. Lá tem fórum, com juiz, com promotor?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Tem.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Lá é uma comarca?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É uma comarca.



**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Está. O senhor tem 3 anos lá. De vez em quando ia um defensor público lá, ia algum promotor? Algum juiz fez visita a essa cadeia lá, nesse período?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Dr. Afrânio, de vez em quando, ia lá, fazia visita, conversava com os presos...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Dr. Afrânio era o quê? Promotor? Juiz?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Juiz.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Juiz.

Então, só isso.

Obrigada.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - De nada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O Relator está com a palavra.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Expedito, o senhor tem sido muito firme nas respostas. Mas, com relação ao álcool, eu pediria ao senhor que, se o senhor tiver conhecimento de que entrava álcool, drogas, que o senhor declare à Comissão, porque nós temos provas aqui de que entrava álcool e maconha. O seu colega Osvaldo me declarou que entrava. E aqui no laudo que os médicos fizeram... Vou ler para o senhor o que os médicos constataram no exame médico legal: o Juarez de Jesus Santos tinha no sangue 11,51, que é uma medida de álcool. Segundo os entendidos, essa quantia é muito alta; corresponde a aproximadamente 2 litros de cachaça no corpo. O Everson Barbosa estava com 06,40; o Sr. Donizete deu positivo para maconha; o Sr. Anderson tinha 13,01; o Sr. Marlon também deu positivo para maconha. Ou seja, somando o álcool que esses 5 tinham no corpo, dava uma quantidade muito alta.

Então, pergunto para o senhor: entrava ou não entrava álcool na cela?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, se entrava, era escondido, porque, se nós víssemos, eu, pelo menos, iria tomar uma providência. Mas, é igual eu estou falando para o senhor: a cadeia tem muita facilidade de passar bebida pra dentro, droga.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mas o guarda, o policial militar, não ficava ali, rente, quase colado, sentado em uma mesinha, a uma distância de 1 metro e meio do corredor pra cela?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Era possível entrar alguma coisa, principalmente álcool, sem passar pelo controle do guarda?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, mas pelo fundo, a cadeia... Eu não sei se o senhor pôde observar lá, mas a outra rua, por baixo da cadeia, a cerca é de bambu, e quem quisesse passar... E tem as "ventânia" na cadeia, no fundo. Talvez passava e o guarda não via.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor eu acho que não quer colaborar. Em todo caso, isto aqui é um documento técnico; eu estive lá 2 vezes, não vi, pelo lado de trás, como entrar um litro de cachaça. Não vi. Pela frente entrava, mas por trás, o que eu vi lá tudo era compacto.

Mas eu perguntaria para o senhor: esses 8 presos que eu citei para o senhor sempre estiveram na cela 1 ou algum estava na cela 2, cela 3 e foi transferido?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, variava. Tinha vez que eles iam pra cela 4. Porque, pra não criar tumulto, a gente fazia mais a vontade deles ali. Eles iam pra uma cela, não se davam bem com o colega; pra evitar confusão, a gente mudava eles.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor sabe precisar dos 8 quem foi que mudou de tal cela em que dia: estava na cela 2, cela 3, cela 4 e foi pra cela 1. Foi o Donizete, foi o Everson, foi o Jaider?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, eu não sei falar pro senhor, não, porque diariamente isso mudava.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quem mudava? Era por ordem de quem que mudava o preso de uma cela para outra?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Eu mesmo era difícil mudar, mas o meu companheiro mudava mais constantemente os preso de cela. Eu não arriscava muito de estar mudando preso de cela, não. Ele fazia essas mudanças mais freqüente.





**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O Donizete sempre esteve na cela 1 ou ela estava em outra cela e foi mudado?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, sempre estava na cela 1.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E o Rodrigo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - O Rodrigo também sempre na cela 1.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O Everson?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Também.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E quem foi que mudou de outra cela para a cela 1?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Esses 3 — o Everson, o Rodrigo e o Donizete — nunca mudaram de cela, não. Eles sempre estiveram na cela 1.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor, então, ratifica que o senhor não viu, não ouviu, não tem conhecimento que entrava álcool nem drogas na...

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, entrar, entrava, mas a gente não via, não é?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Ah, então já entrava.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Entrava, mas a gente não via.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Como é que o senhor sabe que entrava? O senhor ouviu o comentário de algum policial que disse que tinha entrado álcool? Você viu? Você tinha contato com os presos.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Tinha.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor já disse que eles eram seus amigos.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Com certeza.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Que eles gostavam muito do senhor.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - A cela era muito íntima, porque o corredor era pequeno, era aberta. O senhor não chegou a ver nenhum com o goró no copo...

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, senhor.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - ...nem com sintoma de embriaguez?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mas como é que o senhor diz que entrava?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Entrava porque me parece que, talvez... Não, com certeza, tem até ocorrência lá de que a irmã do Anderson já foi apanhada tentando passar álcool pra dentro. Ela não conseguiu dessa vez, mas, talvez, de outras vez, ela conseguiu, não é?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mais alguém além da irmã de Anderson?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, durante esse tempo que eu estava lá, eu não fiquei sabendo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Na véspera do ano, como é a cadeia? Todo mundo foi dormir cedo? Não houve nenhuma manifestação de parentes que levaram presentes, levaram alguma coisa para os presos?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - À noite, nós não ficávamos lá, não; era só mesmo o guarda que ficava lá. Nós, é igual eu falei pro senhor, era só se eles nos acionasse, no caso de algum conduzido, ou se alguém passar mal na cela.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Obrigado ao senhor.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Alexandre Silveira.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - S. Expedito, o senhor tinha livro de cadastramento de visitas lá?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Não?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Então as visitas não eram cadastradas.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - O delegado da comarca trabalhava em Rio Piracicaba?



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, ele atendia lá, mas ele era de Alvinópolis.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Ele era delegado titular de Alvinópolis.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Estava com ampliação de competência pra lá; respondia, só, pela cadeia.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Ele ia lá de quanto em quanto tempo?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Ele ia lá 2 vez por semana.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Era só isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Paulo Abi-Ackel, deseja fazer alguma pergunta?

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O Relator deseja fazer mais alguma pergunta?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Obrigado, Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Queríamos agradecer a presença do...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Só queria que, se o depoente se lembrasse dessa questão do álcool, soubesse que é uma coisa importante para a Comissão.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Sim, senhor.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deixe-me perguntar ao senhor: quanto o senhor recebia pra trabalhar lá na delegacia?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - O salário básico, não é, mas nós fazia hora extra. Porque a Prefeitura só paga na faixa de 60 hora extra. Se a gente fizesse mais de 60 hora extra, ela vai pra um banco de hora...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E quanto o senhor ganhava da Prefeitura?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - O salário básico é 395...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Salário mínimo...



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - É.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E como é que o senhor fazia hora extra nessa delegacia. Como era a hora extra?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Fazia no fim de semana, por exemplo, que a gente tirava esse plantão, então fazia uma média de 90 horas extras. Talvez dava feriado. Então varia; não tinha aquela quantidade certa todos os meses, não. Porque tinha mês...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor fazia hora extra em casa?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Fazia hora extra em casa, nos plantões que fosse da gente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Alexandre...

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Só pra gente entender melhor, S. Expedito: aquelas janelas daquele corredor que davam pra rua ficavam abertas à noite? Porque lá, a cadeia é exatamente no limite do passeio com a rua.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - E, esse muro, essa parede, era cheia de janelas. Há 1 metro e meio, no máximo, 2 metros, era a cela. Essas janelas ficavam abertas à noite?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Olha, em tempo de calor, fica, por causa que é muito abafado lá, mas em época de frio, fecha.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Nessa data estava aberta?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Estava.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Estava aberta?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Estava aberta porque estava muito quente.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - São 2 metros ali? O senhor sabe precisar? Pra rua, as janelas abertas?

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Preciso...

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Qualquer um que parasse na rua conversava com o preso lá dentro.

**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Não, isso aí, com certeza.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Não é isso?



**O SR. EXPEDITO RIBEIRO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - S. Expedito, nós agradecemos ao senhor pelo depoimento prestado.

Está encerrado o depoimento de V.Sa.

Obrigado.

Eu solicito à Secretaria da Comissão que faça entrar em plenário o cabo Sidney Eduardo da Paixão, que estava de plantão na Delegacia de Rio Piracicaba na noite do ocorrido.

*(Pausa.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Cabo Sidney Eduardo da Paixão, boa-tarde.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Boa-tarde.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor tem o direito constitucional de prestar depoimento sem a presença das câmeras que o estão transmitindo. Se assim V.Sa. desejar, faremos a interrupção da gravação que está sendo feita.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza, não quero, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não quer.

Então, determino, neste momento, que a *TV Assembléia*, que está transmitindo o depoimento ao vivo, interrompa a transmissão que está acontecendo. Pode permanecer a câmera, sem a filmagem.

*(Intervenções simultâneas ininteligíveis.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Foto de frente, não.

A partir deste momento não pode pegar nenhuma imagem do depoente de frente.

Sr. Sidney Eduardo da Paixão, queria que V.Sa. prestasse juramento a esta Comissão.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - *“Juro, sob as palavras de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”.*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Sr. Sidney, o senhor é membro da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais há quanto tempo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Treze anos e alguns meses.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Treze anos. E estava à disposição de Rio Piracicaba há quanto tempo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Seis anos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Seis anos. Sempre tirando plantão na delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Às vezes na delegacia, às vezes na rua, no serviço operacional.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos policiais trabalhavam na delegacia com o senhor, de plantão? A escala?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - De plantão, na delegacia, só eu.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Era só o senhor que tirava plantão na guarda externa da delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - No dia do fato, sim; no dia do fato, sim. Só um policial...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas quantos trabalham na escala com o senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Na escala?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Isso.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Por turno?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Por turno.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Três.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Três.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dois na viatura e um na cadeia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Queria só comunicar, mais uma vez, à tevê e aos fotógrafos, que não podem fazer imagem de frente do depoente. A gravação é nossa; pode ser feita. Só não pode mostrar imagem.

O senhor trabalhava em 3, a escala?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Naquele dia 1º, o senhor estava de plantão à noite ou trabalhou o dia todo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu estava de plantão de 18 às 6 da manhã.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Dezoito do dia 1º às 6 do dia 2?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem trabalhou antes do senhor, durante o dia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não me lembro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor rendeu alguém?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Rendi. Me parece que é o Soldado Santos. É um novato, que tem poucos dias que chegou na cidade.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ele saía antes de o senhor chegar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, quando o senhor chegou, ele estava lá ainda?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor conhece ele?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O Soldado Santos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Queria pedir silêncio aqui, por favor.

O senhor assumiu o posto no horário de sempre, às 18h?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Foi uma escala especial que teve no dia: do dia 31 para o dia 1º, de 18 às 6; do dia 1º para o dia 2, 18 às 6 da manhã.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Fora dessa escala especial, qual é o normal da escala?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O horário é 7 às 15; 3 às 11; 23 às 7.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, nesse dia, especificamente...Todos os anos tem essa escala especial? Ou só esse ano que teve?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, às vezes, só final de ano mesmo, de dezembro. Virada de ano-novo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eu sei, mas, nos anos anteriores, também ocorreu essa escala especial ou foi a primeira vez que essa escala especial foi feita lá no local?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. É a segunda vez.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - No ano passado, então, também teve essa escala especial?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Sim.

**O PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Sim.

O senhor assumiu às 18h. Quando o senhor chegou lá, existia alguém na delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava fechada?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Tinham os PMs e os presos só.

**O PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O PMs?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Os PMs... o PM que se encontrava de plantão e os presos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Só tinha o PM e os presos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha algum agente carcerário lá?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor conhece...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não me recordo...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor sabe o nome dos 2 agentes que trabalham lá na delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Os carcereiros?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Os carcereiros.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É o Expedito e o Osvaldo.





**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Nesse dia, quando o senhor chegou, não encontrou nenhum dos 2 lá?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Já tirou várias escalas à noite lá?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor já viu, nesse período em que o senhor está trabalhando lá, algum carcereiro presente lá à noite, depois que o senhor chegou, às 18h?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Só quando dá alguma ocorrência. A gente chama o carcereiro, para que ele se deslocasse até a delegacia, para receber a ocorrência ou se tiver algum conduzido ou não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Só no caso da chegada de algum preso novo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso. Ou se algum detento estiver passando mal, ou acontecer alguma coisa na cadeia, a gente aciona o carcereiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor já chegou a acionar o carcereiro alguma vez para conduzir alguém que estava passando mal para levar ao hospital?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eles sempre atendiam?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza. Sempre. O mais rápido possível.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem acompanhava o carcereiro e o preso ao hospital? Qual policial que acompanhava?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - A viatura. Os 2 PMs da viatura.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Sempre 2 PMs acompanhavam?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - De dia ou de noite?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - De dia ou de noite. Às vezes, quando tinha o horário administrativo da delegacia, os próprios carcereiros e os detetives quem levavam.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Já ocorreu alguma vez de um carcereiro sair sozinho com o preso para o hospital?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Que eu visse, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Que o senhor ouviu falar, já?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Também não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Também não.

Naquele dia da escala especial, além do senhor e do Soldado Santos, algum outro militar esteve na delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não afirmativo, ou o senhor não ouviu falar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Algum outro militar?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Um outro militar. Qualquer um outro policial militar esteve lá durante o dia ou à noite?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. No meu horário, que eu peguei, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ouviu falar que alguém esteve lá, além do senhor e do Soldado Santos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não.

O senhor ficava do lado externo.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Correto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha algum local para o senhor sentar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Para proteger-se do sol ou da chuva?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E quando estava chovendo, o senhor ficava tomando chuva pelo lado de fora, ou entrava na delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Às vezes ficava lá perto do albergue; às vezes, na porta; e às vezes a gente subia, ficava entre o corredor, subia lá em cima pra olhar o fundo da cadeia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A parte administrativa?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É, da delegacia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Da delegacia.

Naquele dia em que o senhor chegou para render o policial Santos, ele foi embora de imediato?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Foi, com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ficou sozinho o tempo todo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor notou aproximação de alguma pessoa da cidade perto da delegacia, naquele horário, ali, em que o senhor tomou plantão, até o horário do fato ocorrido?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Ninguém aproximou-se do local.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ninguém se aproximou do local. Algum carro parou ali?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não viu?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor afirma, então, que nenhum carro parou ali em frente à delegacia nesse período?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Nesse período que eu estava lá, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ouviu algum grito de socorro naquela noite quando a delegacia estava pegando fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não ouviu nenhum grito de socorro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ninguém gritou?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - *“Socorro, estou morrendo! Está pegando fogo!”* Ninguém gritou?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha alguma possibilidade de o senhor não ouvir pedido pela acústica do local?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Se gritasse lá dentro dava pra escutar, com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Se alguém gritasse: *“Socorro, socorro, está pegando fogo, eu estou morrendo!”*, o senhor ouviria, com certeza?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não ouviu nenhum grito?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Como iniciou o incêndio na cadeia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu me encontrava do lado de fora e de repente eu escutei um estalo, não sei do que, e chamas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Já estava em chamas?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Começaram as chamas de uma vez só, em segundos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Sim.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu me encontrava aproximadamente a uns 5 metros, mais ou menos, do lado de fora, foi quando começou as chamas. E nisso a viatura chegou. Não porque eu...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem chamou a viatura?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu tinha chamado a viatura há uns 10, 15 minutos antes do fato.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Por causa de quê?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Pra buscar um celular da viatura que se encontrava carregando.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, antes, o senhor tinha ligado para a viatura para trazer o quê? Um celular...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Um celular da viatura, que fica na viatura 24 horas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E esse celular ia ficar com o senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, ficou lá pra carregar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ficou lá na delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Pra carregar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem tinha deixado esse celular lá?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O turno anterior.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem era o soldado do turno, que estava na viatura, que deixou?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não me lembro. O plantão era o Santos. Quando eu assumi o serviço, ele passou: "*Olha, o celular da viatura está carregando.*" Aí, depois, quando eu vi que ele carregou, eu acionei a viatura para que buscasse...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Isso era que horas?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O horário, aproximadamente, eu não sei. Mas era por volta de 20h, mais ou menos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Vinte horas?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí, o senhor ligou para a viatura: "*O celular está carregado.*" Eles vieram buscar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem estava na viatura?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Cabo Mendes e o Soldado Xavier.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Os 2 estavam na viatura?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí, vieram e pegaram o celular?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É. Vieram pegar o celular.

**O PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E foram embora?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando eles chegaram já estava pegando fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Na hora que eles chegaram, acabaram de estacionar a viatura, o fogo tinha começado. Eles estavam... quando eu fui entregar o negócio, escutei o estalo, o fogo já alastrou em questão de segundos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor estava... assumiu o plantão e ficou do lado de fora o tempo todo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Fiquei.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor entrou alguma vez dentro da delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, pela janela, só pela janela que eu avistava as celas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o senhor assumiu o plantão e ficou do lado de fora?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não entrou na parte interna da delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, entrei só para conferir os presos, quantos presos que tem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor conferiu?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É. Conferi, tal, as celas todas...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava tudo certo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - ... e fiquei do lado de fora



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A quantidade de presos estava certa?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tudo certo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava tudo normal na cadeia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Normal.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor subiu à parte administrativa da delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Subi para... o cofre nosso se encontra lá em cima. Eu fui lá pra armar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E desceu imediatamente?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Assim que eu armei, eu desci.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ficou de plantão do lado de fora?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Saiu em algum momento para comprar algum remédio, para ir ao banheiro nesse período?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Negativo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, daquele período em que o senhor chegou até às 8h, o senhor ficou ali, próximo a onde estavam os presos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso, lá do lado de fora.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o senhor não ouviu nenhum grito de socorro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O que o senhor ouviu foi um estrondo, de repente. Já estava...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Chamas de fogo, (*ininteligível*) lençol...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Chamas de fogo. O senhor falou com algum preso: "*Olha, pára de brincar com o fogo aí, rapaz?*"



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Foi quando eu vi o fogo, que se alastrou rapidamente, eu só gritei: "*Pelo amor de Deus, apaga esse fogo e deixa de brincadeira*". Foi o momento em que alastrou de uma vez só.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ele estava brincando ou o senhor pensou que ele estava brincando?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu pensei que ele estava brincando.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, por que falou para parar com essa brincadeira? O senhor não poderia achar que foi uma coisa séria e que não era brincadeira?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, era sério, porque, na hora que eu falei com eles "*gente, pára de brincadeira e apaga esse fogo*", o fogo já tinha se alastrado rapidamente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas por que o senhor achou que era brincadeira?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Porque, quando eu falei isso, algum dos detentos falou assim: "*Apaga vocês. Apaga você, aí. Não fui eu que coloquei!*" Só isso que eu escutei.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então ele falou assim com o senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Eles, eles entre si, falaram um com o outro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eles quem? Da cela um?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Da cela um.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Falou: "*Apaga o senhor, porque não foi nós que colocamos.*"

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Eles, os presos, comentaram entre eles. Eu escutei eles falando: "*Apaga, aí! Não fui eu que coloquei!*" Um falando pro outro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não, pára aí. Eu quero entender direito agora. O senhor estava do lado de fora e ouviu o estrondo.





**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do lado de fora. Isso, aí aproximei...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor se aproximou da janela ou entrou na parte interna da cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Da janela, do lado de fora.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou da janela o senhor já viu o fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Já vi o fogo ser alastrado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Qual foi a atitude do senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu falei com ele: "*O gente, pelo amor de Deus, apaga esse fogo!*"

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O que que eles falaram?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eles falaram.. Aí um virou pro outro e falou assim: "*Ah, apaga, aí, gente. Não fui eu que coloquei!*" E de imediato, ele já, o fogo, em questão de segundos, pegou nos lençóis, no colchão, e eu, com o telefone sem fio, já acionei o carcereiro de imediato e eles tentaram apagar o fogo. Porém as chamas foi tanto, a fumaça preta. Aí eu já não via mais nada lá dentro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Antes desse estrondo, o senhor sentiu cheiro de fumaça?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não. Antes desse estrondo, o senhor viu alguma claridade diferente dentro da cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então o senhor acha que o incêndio começou na hora do estrondo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E como é que foi o som desse estrondo? Era mais ou menos relativo ao quê? Um barulho?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Um barulho.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - De quê?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - De um estra... Como que fala? De um estalo, não é?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor viu a fiação pegando fogo assim? Tomou um susto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Não, não, eu só escutei o estalo e quando eu olhei para dentro só vi chama de fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor escutou um estalo? Quando viu assim, porque normalmente quando é um curto-circuito, é um fio que encosta no outro, começa a estalar, estalar, depois vai pegando fogo e vai espalhando. Não é assim?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor viu foi um estouro...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Só vi fogo e fumaça.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E quando o senhor viu já estava pegando fogo forte.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor acredita que, se alguém quisesse colocar fogo — *“Ah, vamos colocar fogo aqui nessa camisa aqui, oh, para chamar a atenção aqui do...”* —, poderia ter colocado devagar e o senhor não ter percebido uma camisa pegando fogo dentro daquela cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Se não tivesse acontecido um estalo, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não. Mas dava para o senhor ver, se tivesse?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - *“Ah, não, vamos colocar fogo nesse lençol aqui para chamar a atenção. Vamos colocar lá perto da grade.”* Se tivesse acontecido isso, o senhor tinha percebido?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A janela da delegacia estava aberta ou estava fechada?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Aberta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o senhor tinha visão do local?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então o fogo começou... Quando estourou, já estava pegando fogo em tudo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor acha que tinha ali dentro daquela cela algum elemento combustível que alguém pudesse usar para botar fogo ali dentro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não sei informar se tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Porque normalmente... Eu quero só imaginar o seguinte: se fosse da vontade do preso colocar fogo, ia pegar um lençol, uma coberta ou uma camisa, ia acender, ali, talvez com isqueiro, correto? Ia acender com palito de fósforo. Aquilo, de início, ia produzir uma fumacinha anterior. Esse menor, menor volume, ia pegando fogo. Depois que aquele fogo tivesse já com chamas suficientes, eles iam colocar um colchão em cima. Porque, se o fogo for pequeno, jogar um cobertor, de imediato, ele apaga praticamente. Ou, se jogar um colchão, de imediato, ele apaga, se a labareda for pequena, estiver começando. Não é verdade?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o senhor não ouviu nenhum cheiro de fumaça antes?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não viu nenhuma labareda antes?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor só ouviu o estouro...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - E o fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - ... e o fogo, que se espalhou rapidamente.



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Rapidamente...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí, chegou a viatura...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Chegou a viatura.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - ... e os dois policiais ajudaram o senhor a apagar o fogo.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Qual foi a primeira atitude de vocês quando viram que o fogo tinha se alastrado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Quando se alastrou, imediatamente nós fomos para a torneira, pegar mangueira; balde, chamamos os albergados que se encontravam do lado, no albergue: "Nos ajuda, nos ajuda". Ligamos para o carcereiro, tudo ao mesmo tempo...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o telefone do carcereiro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ah, do celular dele eu não me lembro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E como o senhor lembrou na hora?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, porque fica anotado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Anotado onde?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava anotado no documento nosso que fica lá em cima da mesa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Em cima da mesa?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso, o relatório.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o senhor tinha a chave da mesa, para entrar na mesa lá e ... Na mesa do senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Na sala do senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Esse telefone estava na parte interna da delegacia ou na parte externa?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Interna.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Interna?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o senhor tinha acesso à área interna da delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha, lá, no corredor.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor tem a chave?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, a porta ficava assim aberta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês não tinham a chave?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, tinha a chave, que ficava na porta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A chave ficava na porta. E nesse dia também estava na porta?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso, com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Foi o senhor que ligou para o carcereiro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Foi.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor entrou, pegou o telefone e ligou?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, o telefone estava no sem fio, na minha mão.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E imediatamente ele atendeu?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ele atendeu. Eu falei com eles: logo para a delegacia, porque a cadeia está pegando fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Antes de que o carcereiro chegasse, vocês quebraram algum cadeado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Cadeados das celas do lado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, antes de o carcereiro chegar, vocês não tomaram nenhuma atitude?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tomamos atitude de imediatamente pegar a água, para apagar o fogo, e ligar para o carcereiro, para que viesse se deslocar rapidamente para a cadeia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Cadeado, vocês não pocaram nenhum?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não tinha como, não tinha visão de nada. Só fumaça e fogo. E era praticamente na porta da cela.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não lembra se nenhum colega do senhor quebrou um cadeado - vamos quebrar esse cadeado aqui, para ..."

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, não teve, não deu tempo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estavam todos os cadeados fechados?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Da cela, todos fechados.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o carcereiro chegou. Além do senhor, dos 2 policiais e do carcereiro, quem mais ajudou, de imediato, ali?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - De imediato, o carcereiro, o comandante, que eu acionei, alguns populares que apareceram na hora com balde... Nós pedimos baldes, baldes, água, marreta, para a gente tentar quebrar parede. Porque, pela frente, o fogo alastrou tudo, fumaça... Não tive como enxergar nada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, vocês não quebraram nenhum cadeado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o carcereiro chegou, estavam todos ainda fechados.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O carcereiro ajudou a quebrar algum?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Cadeado, não.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não. Ele abriu todos na chave?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Abriu todos na chave das outras celas, porque, nas outras celas, deu tempo de retirar os outros presos e deslocamos com os presos para a albergue.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E dessa cela que você, da Cela 1, vocês quebraram o cadeado dela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês entraram pelos fundos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Pelos fundos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O.k.

Relator, com a palavra.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Sidney, eu queria perguntar se o senhor se comunicou com o Seu Expedito por telefone?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Sim, senhor.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - A que hora, mais ou menos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O horário eu não me lembro, não. Aproximadamente, era 20h e alguns minutos.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor se comunicou pelo seu telefone sem fio ou pelo telefone 190?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É o mesmo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - É o mesmo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É. O telefone sem fio é o 190.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Cento e noventa, né? Me diga o seguinte: qual é o número do telefone... Ah, o senhor não se lembra do telefone do carcereiro. Você não se lembra, né?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Depois que o fogo apagou, a porta da cela foi aberta por quem?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Nós chamamos, depois que o caminhão-pipa chegou... Nós acionamos o caminhão-pipa, que começou jogar água lá dentro, nós quebramos o fundo, só que a chama era muita, fumaça muita. Não teve como nem a gente entrar lá dentro, o calor veio todo em cima de nós. E, de imediato, depois que o caminhão-pipa jogou, que refrescou, aí, juntou todo o mundo para quebrar o cadeado com a marreta.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Isso, mais ou menos, levou quanto tempo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ah, isso durou mais de meia hora.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Vocês usaram o quê? A marreta? Usaram algum outro instrumento?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - A marreta.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - A questão do fogo. Onde foi que começou o fogo dentro da cela? Em que lugar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Entre a cama em que se encontrava na porta e a segunda cama.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Do lado direito do senhor ou do lado esquerdo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do lado direito.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - De quem entra?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É, da porta.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Do lado direito de quem entra. O senhor, a sua atenção foi chamada pelo estrondo ou pelo fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Pelo estrondo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Pelo estrondo. Nos depoimentos que o senhor prestou no dia do fato e agora recentemente também no dia 1º, o senhor confirma o seguinte... Vou ler para o senhor o que o senhor declarou: que o policial militar prestando serviço nessa cidade... que entrou de serviço às 18h, assumindo a guarda externa da cadeia pública, que, por volta das 20h, o seu colega de serviço Cabo Mendes chegou no local, a fim de pegar o celular da viatura, que estava carregando; que, enquanto conversava com o Cabo Mendes, viram o





momento em que aconteceu um curto-circuito na Cella 1. Na ocorrência, o senhor também afirma ter havido um curto-circuito?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu afirmei um curto-circuito. Porém, isso daí, para falar em curto-circuito é só perito. Eu escutei um estalo. Se era curto ou não, não sei informar.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor considera que houve algum elemento que acelerou aquele fogo? O senhor já disse que foi menos de 3, poucos segundos; em 10 segundos, a cela foi completamente dominada pelo fogo.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Fogo e fumaça.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor considera que, em condições normais, tendo começado o fogo num lençol ou num colchão, haveria condição de esse fogo se expandir, com rapidez, a ponto de tomar a cela sem ter havido um elemento que acelerou, que ajudou a propagar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não entendi.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor considera ... Você disse que o fogo foi muito rápido, que o senhor não teve condições de tomar nenhuma atitude para debelar o fogo. Apenas mandou que eles apagassem. Mas foi rápido. Você acha que só os materiais existentes na cama, como lençóis e o colchão, dariam para propagar o fogo em toda a cela, sair de onde começou, passar para o outro lado, sem ter havido uma substância que ajudasse nesse propagação?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza. Do jeito que o fogo se alastrou rapidamente, não tinha como... E a fumaça dos lençóis, do colchão, quando o fogo já estava alastrado, o preso tentou apagar com o colchão. Foi no exato momento em que nós estávamos já pegando balde d'água. Quando eles começaram a abafar o fogo, o fogo já pegou no colchão. Quando pegou no colchão, a fumaça foi demais, não deu para enxergar mais nada, só fumaça preta e chamas de fogo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor já está na delegacia há quanto tempo, lá de Rio Piracicaba?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Trabalhando lá?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sim.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Seis anos.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Nesses 6 anos, houve alguma tentativa de fuga?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Na minha guarda, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mas nem o senhor tomou conhecimento?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não tomei conhecimento.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor tem conhecimento se havia ingresso nas celas de álcool, drogas?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, senhor.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Nem por ouvir dizer?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, senhor.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você tomou conhecimento de um plano de assassinato do Capitão Arlen Eleutério?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Pela imprensa, né, nos jornais.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor trabalhava... Era o senhor e mais 3 policiais?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu e mais dois.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quem fazia o trabalho de inteligência da Polícia? Era o senhor e o capitão ou era só o capitão?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Em nenhum momento o capitão lhe falou de que havia um plano para assassiná-lo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor conheceu o Donizete?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Só na cadeia.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Só na cadeia. E conheceu a esposa dele, Dona Geralda?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Conheci só na visita.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor participou da operação que levou à prisão o Rodrigo, o Everson e o Jaider?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Lá no Córrego São Miguel?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sim.



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Sim.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quem participou da prisão do Rodrigo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não me lembro do nome dos militares que vieram de João Monlevade. Então, não me lembro dos nomes, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Nessa operação, você encontrou algum objeto com eles, com os presos? Você lembra?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Onde eu estava, foi encontrada uma arma de fogo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Eu estive duas vezes lá em Piracicaba. Nas duas vezes, eu tentei manter contato com o senhor e o capitão. Você ficou de licença nesse período?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Sim, senhor.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você tomou conhecimento de que eu queria conversar com o senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Depois, quando eu voltei a trabalhar.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O capitão também nunca lhe consultou se o senhor queria manter essa conversa com o Relator?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Depois, quando eu voltei a trabalhar.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O capitão também nunca lhe consultou se o senhor queria manter essa conversa com o Relator?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Só depois que eu voltei a trabalhar.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quanto tempo levou para os peritos chegarem à cela, os peritos que fizeram o laudo pericial e examinaram os corpos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ah, não lembro, mais ou menos, quanto tempo, não, porque veio um perito de Monlevade, depois veio um daqui de Belo Horizonte.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você tem notícia, na sua região ou no Estado de Minas Gerais, de presos tentarem fugir utilizando fogo.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Notícias, lá, em Rio Piracicaba?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mesmo no Estado de Minas.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Que eu saiba, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Presidente, obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Com a palavra a Deputada Maria do Carmo Lara.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Cabo Sidney, se alguém, algum carro passasse na rua e jogasse alguma coisa suspeita; se não fosse carro, uma pessoa teria condições de jogar algo suspeito que pudesse ter algum fogo de fora para dentro sem o senhor ver?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, não tem como jogar, porque fico do lado de fora e a única entrada e saída é só na frente.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Esse lado de fora que o senhor fala é do lado da janela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Lá que é o plantão da polícia... Quando o senhor dá plantão, é do lado de fora...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Pelo lado da janela.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Sim, senhora.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - A janela é o fundo ou a entrada? É porque eu não conheço, viu?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Na frente. Na frente da...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Então, tem a janela e tem a porta. É por esse lado que vocês vêm, que a pessoa vê o preso lá dentro.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Não tem o fundo. O que é o fundo? O fundo tem janela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - No fundo tem o pátio, o pátio de visita.



**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - É o pátio. E tem janela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tem a ventoinha, né? Pequena.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Não sei se dá para o senhor ver daí esse foto aqui...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Isso aqui é fundo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É a frente.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - É a frente. É dessa janela que vocês olharam.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - E o fundo, significando atrás, o que tem na cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Atrás, não tem como ver, porque é residência. A janela dá fundo para uma residência; a janela desta cela, da Cela 1.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - No fundo, tem uma ... Não, só para eu entender, Cabo, porque não sei. Então, quero entender. Nós temos a frente da cadeia...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - ... que tem a porta e a janela, onde o senhor dá plantão do lado de fora.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Aí, o fundo da cela... Eu estou chamando a frente da cadeia, a cela. E o fundo tem outra janela que dá para uma residência?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Celas 2, 3 e 4, o fundo, a janela dá o fundo no pátio. A Cela 1 dá fundo em um muro que faz divisa entre a delegacia e um vizinho.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Então, já que tem uma residência, tem um muro, dessa residência tem jeito de mandar alguma coisa por essa janela ou tem jeito de passar algum álcool, alguma bebida, alguma garrafa de suco, de água, de qualquer coisa, por essa janela, da residência para o fundo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dependendo do horário, sim.



**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Se a pessoa quiser, pode passar sem o plantão que está lá ver?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Está bem, é só isso. Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Com a palavra o Deputado Paulo Abi-Ackel.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Cabo Sidney, o senhor, em um dado momento no depoimento, afirmou que fez um alarme para os presos e o senhor — eu anotei aqui — o senhor falou, não sei se exatamente assim, mas o senhor fez a seguinte exclamação: “Apaga o fogo, aí, gente! Pára com essa brincadeira! O senhor teve como resposta, o senhor ouviu um preso comentar para outro: “Apaga você mesmo! Não fomos nós que colocamos.” O senhor confere? É verdadeira essa minha afirmação?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É. Quando eu falei com eles, eles mesmos falaram entre eles. Vamos supor, os dois presos falaram um para outro: “Não fui eu que coloquei.” Não falaram comigo, falaram entre eles.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Como é que foi o comportamento dos presos nesses momentos seguintes a essa frase que o senhor teria escutado? Eles não pediram socorro, não gritaram?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não deu tempo de pedir socorro, porque eles tentaram apagar o fogo com colchão. Foi quando o fogo já tinha se alastrado, já pegou no colchão e subiu fumaça e chamas, mais nada.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Eu queria entender. Talvez, esteja havendo uma certa contradição nisso. Quer dizer, ao mesmo tempo em que um dizia para o outro que podia pegar fogo, porque eles não estavam preocupados com isso, aparentemente, o senhor está dizendo que outros tentavam apagar o fogo. É exatamente isso?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso. Depois que eu falei com eles, que um falou com o outro, de imediato os que estavam sentados, normal, desceram da cama e começaram a pegar o colchão para abafar o fogo.



**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O senhor saberia lembrar quem teria falado que não ia tomar providência, porque não tinha sido eles que...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Se não me engano é o Marlon e o Anderson.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O Marlon e o Anderson, um falou para o outro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O senhor sabe dizer qual é o crime que eles estavam respondendo, por que estavam presos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não sei dizer.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Eram presos de bom comportamento?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O senhor tem alguma notícia do relacionamento deles com os demais?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Não lhe parece estranho eles terem tomado essa atitude de não querer apagar o fogo que começava a se alastrar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Sim, senhor.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O senhor acha que eles poderiam estar tentando exatamente se beneficiar de uma situação de colapso, de fogo, uma situação de incêndio no local, para alguma tentativa de fuga?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu acho que sim.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Quer dizer que o senhor está afirmando que, ao negligenciarem com a própria situação de vida deles, de perigo que eles estavam vivendo naquela hora, eles podiam estar exatamente querendo criar uma situação de pânico para dela se beneficiar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu acho que sim.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O.k. Estou satisfeito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Cabo Sidney, para que não reste dúvida, vamos elucidar o momento exato do primeiro evento nesta data,



que foi o estrondo. Você já disse que estava você e dois colegas, que já tinha chegado a viatura, vocês estavam exatamente onde na hora desse estrondo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Próximo a um orelhão que tem...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - O prédio tem aquele corredor, as janelas para frente e as 4 celas.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - E no meio do prédio uma escada subindo para o segundo pavimento, onde ficavam os gabinetes. E ao lado do prédio um anexo, que é onde fica uma sala utilizada por vocês e o albergue.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Não é isso mesmo? Vocês estavam naquela sala, estavam na frente da delegacia... Na hora em que você ouviu o primeiro evento.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava lá perto do orelhão.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - O orelhão está exatamente onde? Eu não consegui identificar.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Entre o albergue...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Mas ele não está na frente da delegacia, ele está no fundo.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, não. Estava do lado assim da... Entre a janela das celas...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Deputado Alexandre, só... Você podia precisar a distância? O orelhão fica... A cela fica do lado direito, como nós estamos aqui, o orelhão fica mais ou menos ali, a mais ou menos uns 5 ou 6 metros.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso, uns 5 metros mais ou menos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - O orelhão está instalado numa parede?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, não. Fixo mesmo, do lado de um poste.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Ele está entre o albergue e as celas?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso, e as janelas.





**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Ele está na frente do prédio?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Na frente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Então, não há a menor possibilidade de alguém ter chegado com a janela aberta e jogado um coquetel lá?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Não tem a menor possibilidade?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, porque eu estando na guarda externa do lado de fora, se eu visse qualquer movimento de pessoas ou de carros e jogar ou trazer alguma coisa para lá, eu ia tomar as providências cabíveis.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Claro, mas eu estou dizendo o seguinte: é importante a gente deixar claro onde vocês estavam, porque não seria um policial tomando conta da guarda, não seria de nada impossível que você estivesse lá dentro pegando o telefone.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Então, é só para poder não restar dúvida, você estava naquele orelhão que está quase na frente...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Quase na frente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Então, não há possibilidade nenhum de ter passado um transeunte.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Nenhuma.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Qual foi o primeiro instrumento que você utilizou para começar a pagar o incêndio?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Balde d'água. Imediatamente, eu já acionei... Depois que eu acionei o carcereiro e todo mundo, com o telefone na mão, já peguei balde e subi, fumaça e subi uma escada da delegacia, fui na cozinha, eu já sabia que lá tinha balde, já fui enchendo...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Balde, balde mesmo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Balde mesmo, balde de passar pano.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Balde ou lixeira?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Balde, lixeira, tudo, tudo o que passou na minha frente. Os dois albergues que se encontravam no local, eu gritei eles e falei assim: pega o balde aqui, enche de água no albergue...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Quantos instrumentos você teve para começar a apagar esse incêndio?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Três instrumentos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Três instrumentos. Três baldes.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Uma lixeira e dois baldes.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Quer dizer que você teve acesso... Quando o incêndio começou, você ouviu o estrondo, viu o incêndio, tentou comunicar com os presos, você chegou a visualizar presos ou as chamas já não permitiam?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não permitiam, nem a chama, nem a fumaça.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - E mesmo assim foi possível você adentrar na área central ali da...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Da escada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - E subir.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Subi, engolindo bastante fumaça, mas eu subi.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Subiu lá para poder pegar esses baldes.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Os gabinetes estavam abertos? O do delegado e o cartório?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu só fui direto na cozinha, nem reparei se estavam...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Você não reparou se estavam abertos.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Só a cozinha.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - A chave estava com o carcereiro, não é isso?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Nós não temos acesso às repartições da delegacia, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Só a porta central que fica aberta?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso, perfeito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Relator.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Cabo Sidney, é o seguinte: eu queria perguntar para o senhor, qual foi o telefone do capitão... Através de qual meio o senhor avisou o capitão? Foi telefone?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Telefone.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você sabe o telefone dele?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ele mudou o telefone, o número é novo. O antigo eu não lembro mais.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, eu já solicito a quebra do sigilo telefônico do 190, do carcereiro Expedito e também do capitão.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - E também eu não me lembro se eu fiz contato com o telefone 190, ou foi com o meu. Me parece que é o meu. Acho que eu liguei para alguém do meu celular particular, mas eu não me lembro para quem.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Qual é o seu telefone?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O meu telefone? É 8655-7695.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - É 31, né?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - É. Mas você pode fazer uma reflexão. Você lembra se entrou e usou o telefone fixo ou o seu? Faça uma reflexão, tente.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Que eu me lembre, eu acho que usei os dois.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - E de qual você ligou para qual? Tente lembrar, é importante até para...



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Me parece que para o carcereiro, eu liguei do 190. Até o momento em que o 190 estava funcionando, porque o fogo depois queimou tudo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Para o carcereiro, você ligou do 190, do fixo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - E do seu celular, você poderia ter ligado para o capitão.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Para o capitão.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Eu queria perguntar para o senhor, se o senhor tem conhecimento, se era na sua área, se dos presos da Cella 1, os 8 presos, algum deles estava numa outra cela e foi transferido dias antes do fato?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu não tenho conhecimento, não. Eu estava de férias.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor sabe quem mandou lavar a Cella 1 no dia 3? Eu estive com o Deputado Alexandre no dia 3 pela manhã e nós entramos na cela, pedimos que a imprensa tivesse acesso, foi negado, alegando que o local tinha que ficar preservado. E quando nós voltamos à tarde, a cela estava completamente lavada. Você sabe quem determinou a retirada dos materiais?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu não tenho conhecimento, não. Eu larguei o serviço de manhã e fui embora para casa.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Só pra gente precisar: aqui tem uma foto da delegacia. Aqui é a entrada, né?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Essas duas janelas, essa aqui dava acesso para cela, o telefone estava mais ou menos aqui.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do lado do poste.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor disse que você estava aqui, conversando com o Cabo Mendes.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - No estacionamento aí.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Aqui. Ouviu um estrondo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Aqui no seu depoimento, no dia 1º, o senhor fala ainda sobre a gambiarra e, no final, diz o seguinte: que acredita que o que ocasionou o curto foi alguma gambiarra feita pelos presos, próxima à cama, pois as luzes da cela não apagaram quando o fogo começou; que além do fogo, havia muita fumaça dentro da cela, que o fogo se alastrou pela cela inteira em cerca de 40 segundos. Acima, o senhor fala que ouviu o estrondo, que era um curto circuito e viu algumas faíscas. E o senhor fala aqui que isso levou, para que o fogo se propagasse, levou aproximadamente 40 segundos. O senhor podia precisar, de onde você estava telefonando e conversando com os seus colegas, ouviu o estrondo, foi para essa janela, o senhor chegou na janela, do lado de fora, né? Quanto tempo você acha que levou para o senhor se deslocar, ouvir o estrondo, ver o foco de fogo e ver faíscas?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Quando eu escutei o estrondo, lá de fora eu já gritei.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Lá de fora?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Lá de fora eu já gritei, eu não cheguei a entrar lá.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Como o senhor sabia que era fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Porque na hora que deu o estralo, já pegou fogo, já derreteu, fez faísca e o fogo já alastrou, porque os lençóis eram muito finos que cobriam as camas todas.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Então, o senhor... Todos nós aqui somos normais. Dentro da cela, ou tem isqueiro... Tinha isqueiro dentro da cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não tenho conhecimento.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Caixa de fósforo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Também não tenho conhecimento.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Vamos imaginar que era fósforo. Um preso risca um fósforo, bota num lençol, você acha que essa ação com um fósforo, ou mesmo com um isqueiro, daria para fazer esse estrondo tão rápido que em 40 segundos tomou conta da cela inteira?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu não entendi a pergunta.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor já falou que ouviu um estrondo. Falou que o senhor estava distante, chegou aqui, o senhor gritou assim: deixa de brincadeira! Você gritou daqui do telefone?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Perto do telefone, para frente pouca coisa.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mas como é que o senhor...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Porque lá de fora dá para mim ter visão... De onde aconteceu o fogo, dava visão.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mas o estrondo foi logo em seguida o fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O fogo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Então, refaço a pergunta: houve um estrondo, imediatamente você viu fogo, você mandou eles pararem de brincadeira e...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - E apagassem o fogo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Aí, você ouviu eles dizerem: apaga, e outro disse: apaga você. E você disse que tudo isso aconteceu em 40 segundos.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Rapidamente.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quarenta segundos. E eu pergunto ao senhor: é possível ocorrer tudo isso e o fogo tomar conta da cela, a ponto de inibir 8 homens, baseados apenas num fósforo tocando num colchão ou na ponta de um lençol?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza, porque os lençóis lá eram tudo finos, os colchões tudo... Pega fogo muito rápido.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mas aí nós temos aqui o depoimento do perito que diz que os colchões levam muito tempo para pegar fogo.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E como é que era possível esse fogo se alastrar de forma tão veloz e violenta?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Mas os lençóis pegaram fogo muito rápido.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você acha que num lençol, é possível um lençol se propagar num interior da cela com essa intensidade.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza. Não só os lençóis, com os papéis também pregados na parede. Se encontravam vários papéis na parede.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Só uma dúvida: no fundo da Cela 1 tinha janela para o fundo também?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Para o fundo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Pequena.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Pequena. Esse estrondo, você não consegue identificar... A beliche não foi, porque... Tinha uma beliche de ferro, mas ela estava anexa à parede. O que poderia ter gerado esse estrondo? A perícia não encontrou botijão o de gás. O barulho, pelo que você fala... Você estava mais ou menos a 50 metros da cela, 40 metros?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Do orelhão?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, não. Cinco metros aproximadamente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - O orelhão não aparece nessa foto.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ele está do lado do poste o orelhão aí.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Ah, ele está aqui?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - E você escutou o barulho que você supõe que veio de dentro da cela.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Supostamente de dentro da cela.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Alexandre Silveira) - Quando você olhou para cá, você já viu o incêndio.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O fogo.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E o senhor teve, lá de onde você estava, a aproximadamente 5 metros, o senhor gritou: Deixa de brincadeira com fogo!

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso. Já gritei já me aproximando da janela.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E você ouviu eles dizendo: “apaga”, mandando um e outro apagar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Qual foi a sua postura? Foi de determinar que eles acabassem o fogo, ou simplesmente dizer: deixem de brincadeira!

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Determinar. Eu determinei que eles apagassem o fogo e deixassem de brincadeira.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deixa eu só tirar uma dúvida, porque essa parte do orelhão eu peguei já no meio da conversa. V.Sa. afirma que estava perto do orelhão na hora...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Perto desse poste.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aqui tinha um telefone. O senhor estava usando o telefone?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor estava no orelhão, usando o telefone?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não, né? Tá bom.

Deputado Domingos Dutra.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Cabo Sidney, é porque nós temos aqui laudo do médico legal que constata a presença de álcool em quantidade bastante grande e também de maconha em alguns daqueles presos, no corpo do preso, no sangue, ou seja, eles consumiram álcool e consumiram maconha. Quem é que estava de serviço do dia 31 para o dia 1º?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu.





**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Não houve nenhuma festa lá? Os parentes não levaram nenhum objeto...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Que eu saiba, não. À noite, no meu horário, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Ninguém lhe visitou no dia 31?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - No meu horário, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - A que horas o senhor entrou no dia 31?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dezoito às 6 da manhã?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Dezoito?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dezoito horas às 6 horas da manhã.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Do dia 31 para o dia 1.º?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do dia 31 para o dia 1.º.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Então, você não tem conhecimento de ingresso de substância...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Obrigado, Sr. Presidente

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Paulo Abi-Ackel.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Sr. Presidente, eu já estava me dando por satisfeito, mas eu vou insistir um pouco. Cabo Sidney, na questão em que o senhor afirma que o senhor viu que um preso afirmou para outro que não iria apagar o fogo, não iria ajudar, não iria colaborar nem consigo e nem com os demais que estavam tentando... É exatamente isso? O senhor gostaria de refazer essa posição do senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza. Quando eu determinei para eles que apagasse o fogo, eu só escutei um falando para o outro: não fui eu que coloquei.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Bom, não fui eu que coloquei é não vou apagar? Foi isso?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.



**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Quando o senhor viu isso, o senhor tinha visibilidade da cela, que o senhor conseguiu identificar os 2 presos que fizeram essa afirmação, não é?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Esses 2 presos, o senhor que conhecia o dia-a-dia local, o senhor sabe dizer se eles tinham algum problema pessoal com outros presos, problemas de relacionamento... Enfim, como que era o relacionamento deles com os outros?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, se eles tinham alguma rixa, eu não tenho certeza não.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O senhor não sabe dizer se tinha?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Mas o senhor acredita que essa postura deles, por ocasião dessa circunstância ali de minutos, de segundos é um indicativo. É verdade ou não? Quer dizer, o que estou falando é uma afirmativa correta ou não? É um indicativo de que esses dois estavam, digamos assim, torcendo para o fogo tomar conta do local?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu acho que sim.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - E o senhor sabe dizer se esses 2 eram colegas de uma mesma cela? Estavam no momento na mesma cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estavam na mesma cela.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Há quanto tempo eles estavam juntos na mesma cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu não me lembro quanto tempo, mas tinha mais de... Que eu estava de férias em dezembro, e eu acho que, antes de eu sair de férias, eu acho que eles estavam lá ainda.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Quanto tempo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Um mês mais ou menos. Em dezembro eles estavam de férias. Em novembro, eu acho que eles estavam... Não me lembro, não me recordo, mas eu acho que eles estavam lá.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Quer dizer, nós estamos falando de 2 meses aproximadamente?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O senhor poderia confirmar o nome deles?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O nome? Marlon.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Marlon.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O outro é o Wanderson.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - E Wanderson. Muito obrigado.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, mais uma pergunta para o depoente.

Eu pergunto ao depoente: o senhor já foi, já teve alguma punição na sua atividade policial?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Punição?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Punição. Já respondeu a algum inquérito policial disciplinar?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Sim.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Por quê?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ah! Eu nem me lembro mais.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Foi punido?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Fui.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - A quê? Qual foi a pena?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dois anos sursis.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Dois?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dois anos em sursis.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sursis?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O que o senhor fez? Qual foi a acusação contra o senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Fui acusado de lesão corporal.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Em quem? Em presos ou gente... Foi em presos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Em preso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Onde?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - São Gonçalo.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - São Gonçalo? Foi tortura em presos? Acusado de tortura?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Me acusou, né?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sim, mas quantos presos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Um.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Um só? Foi só o senhor que foi punido e acusado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu fui punido.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Foi só o senhor ou teve outro policial acusado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Teve outro.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quantos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Mais um.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mais um?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor foi em sentença de juiz?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Fui.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor pegou quantos anos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dois anos de sursis.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Dois anos. Houve alguma punição interna por parte da Polícia por conta disso? O senhor foi afastado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu fui transferido.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Transferido, mas não foi afastado da função.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Em nenhum momento?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor... Onde o senhor ficava, na parte interna, lá tinha uma cadeira, tinha uma mesa, um telefone...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor ficava ali quanto tempo durante o seu plantão?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Olha, às vezes, ali, eu usava mais pra fazer ocorrência. A viatura chegava com conduzido e fazia ocorrência.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você ficava sempre do lado de fora mesmo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Quando estava do lado de fora, às vezes, eu ia fazer o meu BOS de turno, eu ia lá pra dentro e redigia meu BOS.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Qual é mais ou menos a distância desse corredorzinho? Você ficava muito colado com a cela, né?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Os presos, em algum momento, fizeram alguma ameaça ao senhor, algum colega seu?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Nunca.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Nenhum deles?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E me diga o seguinte: quem foi que abriu a cela logo depois que o fogo foi debelado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Foi muita gente.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mas quem usou, o que usaram pra abrir a cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - A marreta. Eu me encontrava do lado do fundo, então...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Ah, você não presenciou?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você não sabe quem foi?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O Relator me permite só uma pergunta?

Quando V.Sa. foi acusado de tortura foi por quem? Qual o preso que acusou o senhor?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu não me lembro o nome.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não lembra? O senhor respondeu um inquérito, sofreu uma condenação e não lembra o nome de quem acusou o senhor? Porque eu não esqueceria nunca.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu lembro o apelido dele.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Qual o apelido dele? Porque se alguém fizer uma acusação e eu for condenado pela acusação, primeiro, que pra mim fazer a minha defesa eu tenho que saber o nome do cara.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Mas eu não me lembro, tem muitos anos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Foi quando?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Deve ter aproximadamente uns 8 anos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Que aconteceu?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Aconteceu o fato.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas você não lembra o nome de quem?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O nome dele eu não me lembro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas na polícia a gente consegue isso na Polícia Militar. Eu queria solicitar à Corregedoria, então, que pudesse, ainda durante esse depoimento, se pudesse localizar esse processo e dizer o nome da pessoa que o acusou, que pudesse fornecer para esta CPI. Se não, aguardamos a resposta e o nome desse cidadão que fez a acusação, pela qual veio a punição, pra que nós possamos anexar essas informações aos depoimentos prestados pelo Cabo Sidney.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, eu ainda refaço, eu ratifico outra pergunta ao depoente. Se em nenhum momento o Capitão Arlem Eleotério comunicou ao senhor de que havia uma suposta ameaça de morte a ele, em inconfidência, em conversas.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Em nenhum momento?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor sabe se ele falou isso para os seus outros colegas?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu não tenho conhecimento não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Não tem conhecimento? Tem conhecimento de que o capitão solicitou uma busca e apreensão na casa de algumas pessoas, como o do Jaider, do Everton, do Rodrigo, do Anastácio, justamente sob alegação de ameaça à sua vida?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Teve uma operação lá. Se é contra ameaça na vida dele eu não tive conhecimento não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor participou da operação?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Participei.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O capitão, essas conversas de investigações o capitão não releva para os subordinados?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Indago dos Srs. Parlamentares se mais alguém quer fazer uso da palavra. Maria do Carmo, não?

Só pra concluir essa investigação, Cabo Sidney, então, o senhor afirma à CPI que, na noite do episódio, o senhor não viu nenhuma pessoa estranha próxima à delegacia.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Nenhum carro parado perto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Afirma que não ouviu nenhum pedido de socorro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - De nenhum preso da Cela 1 ou das outras celas?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, na Cela 1 não.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Na Cella 1 o senhor não ouviu nenhum grito de socorro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor, depois que começou, o senhor fala para nós o seguinte: que, quando ouviu o estouro, olhou, já viu o fogo. Da onde o senhor estava, o senhor já viu as chamas?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava alto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Se aproximou? Qual a distância mais próxima que o senhor esteve da cela? Se aproximou mais perto para ver ali assim?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Próximo à janela.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí o fogo estava alto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Já estava alto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava tudo pegando fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Começou a pegar fogo nos lençóis todos lá da cama.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas, no canto direito, no canto esquerdo, no fundo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do lado da porta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Na porta, na cama da porta, em direção da porta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Da porta?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Da cela.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Entrada da cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aquele lado ali estava pegando fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.





**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Naquele lado ali tinha alguma tomada?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha várias tomadas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas daquele lado na entrada da porta?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Na entrada da porta? Na cela? Lá dentro?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha fio solto ali?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha, vários.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Na entrada da porta?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Em todas as camas tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Todas as camas tinha uma tomada? Tinha fio? Cada cama tinha um fio?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Para quê?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não sei informar. Os presos colocam lâmpadas por dentro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tá, então, quando o senhor viu o estouro, de longe, o senhor já viu o fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Já vi fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava alto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor se aproximou até na janela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Onde estavam os presos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Uns estavam lá na grade do lado contrário.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Do outro lado esquerdo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O banheiro ficava que lado? Esquerdo ou direito?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O banheiro? Do lado esquerdo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estavam próximos do banheiro todos eles?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, estavam do lado esquerdo do banheiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha um por cima, um sentado na cama, na entrada, e os outros, um na grade, e os outros sentados do lado esquerdo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha um sentado na cama na entrada da porta?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O fogo pegando e ele sentado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ele continuou sentado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tem alguma coisa errada.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Continuou sentado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A cama pega fogo, o cara sentado em cima pegando fogo e não reagir?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não reagiu. Momento em que o fogo se alastrou rapidamente, ele já desceu e já pegou o colchão e começou a virar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não, o senhor falou que o senhor chegou e o senhor viu ele sentado.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava sentado na hora que o fogo pegou, que ele estava de costa para o fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não, calma aí. O senhor disse que ouviu o estouro. Quando o senhor olhou, já estava pegando fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Do lado direito na entrada da porta?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Entre a primeira cama e a segunda cama. No meio.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o senhor chegou, se aproximou da janela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O fogo estava continuando pegando?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Continuou pegando.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E ele estava sentado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ele estava sentado, já desceu e já pegou o colchão...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou na janela, ele já estava sentado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, quando eu avistei o fogo, ele estava sentado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o senhor viu quando ele desceu?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Vi.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor viu de onde?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do lado de fora.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor já estava perto? O senhor já estava perto da janela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando ele desceu, o senhor estava de longe ainda?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu estava de longe, já vim de lá de fora gritando, falando com eles.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí quando o senhor chegou... Mas o senhor tinha essa visão toda assim?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E, pela distância que o senhor disse que estava aqui... O senhor falou que estava no orelhão.



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso. Dá pra ver perfeitamente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O orelhão, ele fica depois do poste, entrando pela delegacia, do lado esquerdo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do lado do poste.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Porque a foto não alcança o orelhão.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É, essa parte branca aí é o orelhão.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos metros de frente tem essa delegacia aqui? Mais ou menos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não sei informar quantos metros.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Quantos metros eu não sei informar. Mas eu estava proximamente no poste aí.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor estava mais ou menos aqui?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Nesse poste aí.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Para cá do poste, porque o orelhão é pra cá?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O orelhão está nessa parte branca do poste aí.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor estava fazendo o que aqui?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Foi na hora que a viatura chegou.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Oi?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Foi na hora que a viatura chegou.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o senhor já estava aqui?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor já estava aqui? A viatura já estava aqui? Há quanto tempo a viatura estava aqui? Há quanto tempo a viatura estava aqui?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha acabado de chegar.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos minutos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Uns 2 minutos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando a viatura chegou, o senhor estava onde?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do lado de fora.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor estava em que local aqui mais ou menos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso, no estacionamento, do lado do carro aí.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aqui? O senhor já estava aqui quando a viatura chegou?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí a viatura chegou e o senhor ficou conversando com eles?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso. Fui entregar o celular.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí, vocês dois... Então, o senhor e os soldados ouviram os estrondos juntos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ouvimos. Eles estavam dentro do carro, eu do lado de fora, então, eu ouvi primeiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A porta estava aberta, da viatura?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O vidro estava aberto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, é possível que o policial que estava... O senhor estava do lado do motorista ou do lado do carona?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava do lado do carona.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor estava do lado do carona?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava conversando com o policial do lado do carona?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava dentro da viatura?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A viatura parou nesse sentido aqui?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Nesse sentido.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí o senhor ouviu o estouro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ouvi o estouro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Com certeza, o senhor olhou para o lado e viu o fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O policial também com certeza deve...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Desceu da viatura de imediato também e gritando também.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, ele também teve acesso, visibilidade, à mesma cena?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, daqui o senhor viu um preso sentado na cama?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E dá para ver?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dá.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Um preso sentado na cama aqui?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dá pra ver.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí o senhor correu, quando chegou aqui perto da janela...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ele já tinha acabado de descer da cama.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Onde que eles estavam?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Um só estava ali perto da porta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Um estava aqui perto da porta?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Pegando fogo e ele lá perto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Pegando fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ele lá perto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ele estava sentado aí em cima. Ele desceu rápido, pegou o colchão e começava a apagar o fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E os outros foram para o lado esquerdo da cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Os outros também tentaram apagar o fogo também com pano e colchão.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor falou que mandou eles apagarem o fogo e eles falaram que não iam pagar, que era pra apagar...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dois presos falaram um para o outro: "Eu não vou apagar, porque não fui eu que coloquei". Como o fogo se alastrou rapidamente, todos se juntaram e começaram a tentar apagar o fogo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Todos juntaram e tentaram apagar o fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Todos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E, nesse período, o senhor ligou para o carcereiro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Liguei de imediato.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não tentou entrar aqui na porta da cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - A chama já estava forte já, principalmente perto da porta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eles estavam vivos ainda?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estavam. A fumaça era muito preta, e depois, quando eu escutei, não dava para mim ver mais nada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E aí o senhor continuou aqui na posição da janela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, foi de imediato que eu liguei para o carcereiro e fui pegar o balde de água.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí você foi pegar água?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Fui pegar água, chamei os albergues: pega balde, joga água.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O banheiro era desse lado aqui ou desse lado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Senhor?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O banheiro era desse lado ou desse?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Banheiro?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do lado esquerdo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Do lado de cá?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o outro também correu para cá, para o banheiro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Todo mundo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha água na cadeia, no dia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha água? O chuveiro estava aberto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não sei informar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eles... Não sabe se eles abriram o chuveiro na hora?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, não sei informar se estava aberto. O que eu sei dizer é que eu e os outros 2 policiais, os albergues, fizemos de





tudo, pegamos balde. Tinha uma torneira ali perto do poste aí, lá no albergue, pegamos balde, pegamos o negócio do lixo que estava lá, enchemos para jogar lá, porque já não enxergava nada e só vinha fogo, mais nada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas ninguém gritou?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Nem pediu socorro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. Não deu tempo direito. Deve ter sufocado, né?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Maria do Carmo e...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Cabo Sidney, tinha alguma mangueira lá na delegacia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do lado de fora, perto desse poste, tinha uma mangueira, mas não chegava lá.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Não foi usada mangueira?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Foi usada para encher os baldes.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - A outra coisa é o seguinte: como era dia 1º, 8 horas, por aí, qual era o movimento na rua?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O mínimo possível.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Tinha gente, tinha pessoas, porque era Ano Novo e tudo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, o mínimo de pessoas possível.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Tinha pessoas na rua, próximas, assim?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Muito pouco. Na proximidade, não.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Obrigada, Deputado.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, o depoente, no início, respondendo a V.Exa., disse que o telefone do carcereiro ele apanhou lá na mesinha. É isso, na mesinha onde o senhor ficava, na parte de dentro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor confirma isso, né?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não. O carcereiro, a gente já colocava já automático, né?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Mas o senhor, respondendo ao Presidente, falou que... quando ele perguntou pelo telefone do carcereiro, você disse que não sabia o número e que você foi apanhar lá, estava anotado num caderno, em cima da mesinha.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Pois é, porque, antes do fato, eu já tinha ligado para o carcereiro, porque um dos presos estava passando mal.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Então o senhor está retificando o que o senhor disse anteriormente?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava passando mal um dos presos. Estava passando mal. Já tinha ligado para ele.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Naquele dia?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Naquele dia.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - A que horas, mais ou menos?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não me lembro o horário.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - De tarde ou de manhã?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Depois...

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Não, o senhor entrou às 18h.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - 18h.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Então, foi...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu já tinha ligado para o carcereiro, ele já tinha ido na cadeia. Antes do fato, tinha uns 10, 15 minutos que ele tinha saído de lá, que ele falou que ia tomar um lanche lá no centro.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Então, só para não lhe prejudicar, porque o senhor tinha afirmado ao Presidente que não se lembrava do número do telefone do carcereiro, mas na anotação que o senhor tinha na mesinha, o senhor foi lá e apanhou.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, é porque eu já tinha ligado para ele antes. Então, automaticamente, quando eu disquei no orelhão — é só discar *redial* — e já caiu no número, o último número discado.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Está. Então, entre 18h, que o senhor entrou, e as 20h do fato, você ligou duas vezes para o carcereiro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Presidente, eu já solicitei a quebra do sigilo telefônico dos telefones.

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Ele já disse o número. O senhor poderia dar o número do seu telefone?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Oito-meia-cinco-cinco-sete-meia-nove-cinco.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor pode informar se a luz do corredor, a luz, estava apagada ou estava acesa?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava acesa.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Estava acesa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E a luz da cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Também ligada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A luz da cela estava acesa?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor falou já, várias vezes, que o fogo foi muito repentino. O senhor, depois, aqui, já confirmou que tudo isso levou aproximadamente 40 segundos e o senhor também afirmou que viu um preso sentado, ouviu um mandando apagar o fogo, este disse que devolveu para ele fazer o trabalho, e tudo isso em 40 segundos. Me diga o seguinte: como é que foi essa atitude desse preso? E qual era dos presos? Qual o preso que tentou apagar o fogo, que estava sentado e que depois pegou o colchão e tentou apagar o fogo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O que estava sentado na porta pulou da cama onde se encontrava.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Qual deles?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Me parece que foi o Donizete. É o Donizete, porque é a cama dele.



**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Porque também, aqui nos laudos, a morte dos presos foi decorrente da fumaça, não foi decorrente de fogo. Pelo que o senhor está dizendo, o fogo foi tão rápido, que houve apenas um preso que tentou apagar.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Todos os presos que estavam na proximidade da cela, da grade, tentaram apagar o fogo rápido. Depois que um falou para o outro que não ia apagar.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente, obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Alexandre Silveira.

Você quer tomar uma água, cabo, ou um café?

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não? Está bom.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Ouvindo o cabo Sidney, eu não posso deixar de rememorar alguns eventos durante os anos em que prestei serviço na área de segurança pública, aqui em Minas Gerais, e passei por momentos tão críticos ou até mais críticos que esse que o cabo Sidney está nos relatando. E sei bem o quanto são complexos e melindrosos esses momentos — momentos de rebelião no CERESP de Ipatinga. Antes do CERESP de Ipatinga, nós tirávamos os plantões 1 delegado — eu tirei vários plantões lá —, 1 escrivão e 1 detetive, em cima da que nós chamávamos de Cadeinha de Ipatinga: 3 celas, 140, 150 presos. Era muito comum. Eu poderia hoje, perfeitamente, estar... naquela época, ter sentado no mesmo lugar em que você está aí hoje, estar respondendo a essas mesmas perguntas. Não seria nada de se estranhar se isso tivesse acontecido conosco, já que o risco era sempre iminente, pelas precariedades infelizmente inerentes ao trabalho dos servidores da área de segurança pública como um todo. Por isso, eu acho que é justo que você conclua, tendo a oportunidade de registrar para nós, com a conexão de idéias e com a realidade que você está tentando expor, o evento; você relatar sintetizando, resumindo o acontecido no dia, para que você deixe registrada a sua versão oficial. Porque sei que ser inquirido é isto mesmo, é responder perguntas sem, às vezes, uma conexão de idéias. Então, é importante que você deixe registrada aqui a síntese do fato, o



que aconteceu naquele dia. Por isso, gostaria de voltar a palavra a você e ouvir de você o relato sobre o fato.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Sim, senhor. No dia do fato... Contar tudo de novo?

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Sintetiza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É porque nós fizemos várias perguntas é às vezes nas perguntas há desencontros. Então, eu queria que você rememorasse o que o Alexandre falou: os fatos, como aconteceu...

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Do momento em que você pegou... Porque 18h foi... Você pegou o serviço às 18h?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Dezoito horas.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - O fato foi...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Vinte e pouco, acho.

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Então é possível perfeitamente sintetizar, rapidamente, da hora em que você pegou no serviço até o evento.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Lembrar de todas as cenas que você... que passarem na sua mente.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Todas as cenas. Então, eu cheguei, assumi o serviço, normal, né? Quando foi por volta de 20h e alguns minutos, eu escutei... Eu já tinha ligado para viatura... ir lá buscar o celular na viatura. Quando eles chegaram lá, comecei a conversar com ele. De repente, escutei um estopim, provavelmente um curto. Foi quando eu olhei. Pelo lado de fora, eu já olhei para dentro e vi labareda de fogo pegando nas camas, nos lençóis.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Continua.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - No momento em que eu gritei com eles, determinando, falando: "Pelo amor de Deus, apaga esse fogo!", aí escutei 2 detentos falarem um para o outro: "Não fui eu que coloquei".

**O SR. DEPUTADO ALEXANDRE SILVEIRA** - Sidney, sem querer te interromper, mas tendo que interromper, no momento em que você pegou o serviço... Porque não teve evento até... Você pegou o serviço... Você falou que primeiro ligou para o carcereiro e tal. Então, pegou o serviço...



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso, peguei o serviço, conferi os presos, olhei cela por cela, olhei quantos presos... Porque, quando pega o serviço, a gente olha quantos presos que se encontram na cadeia, para gente colocar no nosso BOS. Por volta, não sei, 18h e pouco, 19h, um dos detentos falou que estava com muita dor de cabeça, que era o Juarez. Aí eu fiz contato com o carcereiro, que era o Expedito, e falei com o Expedito: “Tem um preso aqui que está passando mal. Você poderia deslocar até a cadeia aqui para ver se há possibilidade de levar no hospital ou dar algum remédio...” Porque, no caso, são só eles que ficam com os remédios dos detentos, que têm acesso aos remédios, ou até mesmo deslocar até o hospital. Ele falou assim: “Não, já daqui a pouco eu estou chegando aí já”. No momento em que ele chegou, foi lá em cima, na parte de cima da cadeia, abriu a sala dele, pegou o remédio e deu para o detento Juarez.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - De qual cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Da Cela 1. Em seguida, depois, passado certo momento, ele falou que ia para rua fazer um lanche. Foi fazer o lanche dele e foi quando aconteceu o fato. Eu liguei para ele, de imediato ele já chegou na cadeia. Fiz contato com o Sr. Capitão, de imediato...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eu não quero te interromper, não, mas depois que ele veio, buscou o remédio, deu, ele foi embora. Você continua narrando daí por diante até o momento do episódio tudo o que aconteceu. Tente lembrar de outras coisas que aconteceram nesse período também. Não chega logo no fogo, não. Antes.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Antes que aconteceu?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Depois que o carcereiro saiu. Tenta narrar depois que o carcereiro saiu, que foi embora. Tudo, até o momento do incêndio, o que foi que aconteceu.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eu me encontrava do lado de fora, fiquei do lado de fora da cadeia. Aí já não tive mais contato. Depois que ele deu o remédio para o preso, acabou: ele retirou-se da cadeia, desceu, falou que ia tomar um lanche e eu fiquei do lado de fora. Foi até nesse horário do fato que aconteceu o estopim lá dentro, que eu vi as...



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas antes do estopim o que aconteceu? Antes.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Antes do estopim não aconteceu mais nada, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não, você falou que ligou para a viatura. Esqueceu? Está esquecendo.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Ah, não. É, o celular do... Liguei para viatura, para que eles fossem lá pegar o celular, que fica dentro da viatura 24h.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Sim. Em quanto tempo a viatura chegou, depois que você ligou?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - O tempo aproximadamente não me lembro... Normalmente... Não me lembro, não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Sr. Presidente... Esse celular é o mesmo que você usou para comunicar o carcereiro e o capitão?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, eu usei o onze-dezoito, não é, se não me engano, do meu celular. E o cabo Mendes, me parece que ele ligou do celular da viatura também.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Esse que estava na viatura é outro, diferente?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você disse que, depois que o carcereiro saiu, você foi e ficou do lado de fora, correto?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O carcereiro saiu... Você falou que... A que horas o carcereiro saiu de lá? Sete horas, 7h20, 7h30?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não me lembro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não? Depois que o carcereiro saiu, você ficou do lado de fora?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Fiquei do lado de fora.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quanto tempo, mais ou menos?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, fiquei do lado de fora até que a viatura chegou, até a viatura chegar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando você saiu para o lado de fora, por que você lembrou de ligar para a viatura?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Por causa do celular.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Onde estava o celular?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Estava carregando.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava carregando. Você estava com o celular no bolso?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você tinha tirado o celular da tomada?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Quando eu saí para fora?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Já.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você já estava com o celular da viatura...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Da viatura.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - ... porque ele já estava carregado.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí você ligou para a viatura do seu celular?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, do 190. Porque a gente bina...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O que é o 190?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - É o onze-dezoito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você ligou de qual aparelho para a viatura?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do aparelho sem fio, do aparelho sem fio.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Do sem fio?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.





**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você ligou, então, do aparelho sem fio?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tem certeza?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Absoluta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você não está enganado?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, você ligou para a viatura do aparelho fixo?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do aparelho fixo eu liguei para o cabo Mendes.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Cabo Mendes?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí eles vieram?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Eles vieram buscar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Depois que eles vieram, você ficou conversando com ele e aconteceu o estouro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Depois que aconteceu o estouro, você não tinha a chave da cela?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí você precisou de chamar o carcereiro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O que você fez? Ligou de qual aparelho para o carcereiro?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ligou de qual aparelho?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ligou de qual aparelho?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Do onze-dezoito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Onze-dezoito é o fixo?



**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você falou que não tinha o telefone...

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Sem fio.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você falou que não tinha o telefone do carcereiro.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Porque eu já tinha, eu só apertei o *redial*.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você apertou o *redial*, mas a última ligação que você fez foi para o 190. Então, tinha que aparecer... A última ligação que você faz é que aparece no *redial*.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Não, primeiro eu liguei para o Expedito, porque ele foi na cadeia primeiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não, depois... Você ligou primeiro para o Expedito, depois você falou que saiu com o telefone sem fio e que você ligou para a viatura, para o 190?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso, isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, esse é o último telefone que estava gravado na memória do fixo.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Acho que sim.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Acha, não; é, sim. Quando você quis ligar para o carcereiro, você não tinha o telefone dele. Você usou o fixo de novo, você falou.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí você apertou o *redial*.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí, ao invés de tocar a última ligação... ao invés de o *redial* buscar a última ligação feita, que foi o do 190, buscou o seu que tinha feito anterior? Não tem como.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Foi por isso que eu falei: eu não me lembro se eu liguei do meu celular, se eu liguei do telefone fixo.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Foi por isso que eu te perguntei se você tinha certeza que tinha ligado do fixo.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você falou que tinha, várias vezes.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Porque na hora do fogo...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Porque quando você aperta o *redial*, vai buscar o último telefone que você ligou.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E você ligou... A última ligação que você fez não foi para o carcereiro, a última ligação que você fez foi para o 190.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, quando você apertou o *redial* tinha que buscar o 190 e não o do carcereiro.

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Com certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Com certeza, não é isso?

**O SR. SIDNEY EDUARDO DA PAIXÃO** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, está bom. Alguém mais quer fazer uso da palavra? (*Pausa.*)

Está encerrado o depoimento. (*Pausa.*)

Obrigado, está encerrado o seu depoimento.

(*Pausa.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Vamos ouvir o delegado e logo em seguida o perito. (*Pausa.*)

Sr. André Luiz de Freitas, boa noite.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Boa-noite, Excelência.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Queremos agradecer a presença de V.Sa. aqui. V.Sa. foi convocado para prestar esclarecimentos a respeito dos fatos ocorridos na cidade de Rio Piracicaba. Neste momento, eu solicito a V.Sa. que preste juramento a esta Comissão, conforme determina...



**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - *“Juro, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”.*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor é delegado de polícia há quanto tempo?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Há 1 ano e 7 meses, aproximadamente. Tomei posse em julho de 2006.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Antes de ser delegado de polícia, exercia qual função?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Eu era policial militar. Era sargento da Polícia Militar. Fui durante 11 anos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Serviu onde esses 11 anos?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Na maior parte desse tempo, no 21º Batalhão, em Ubá.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ubá. Ubá é próximo de Piracicaba ou não?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não. Qual é o seu salário como delegado da Polícia Civil?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Três mil e setecentos reais líquidos, porque eu consegui incorporar 2 quinquênios do cargo anterior de sargento.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor passou num concurso e foi designado para a cidade de Rio Piracicaba?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não. Eu passei num concurso e fui designado para a cidade de Alvinópolis, para a comarca de Alvinópolis, comarca essa que tem 3 municípios: o Município de Alvinópolis, o Município de Dom Silvério e o Município de Sem-Peixe, e lá permaneci até... Estou até hoje como titular da comarca de Alvinópolis. E somente em março de 2007 que eu fui designado para atuar em Rio Piracicaba, por ampliação de circunscrição administrativa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava... Mais algum delegado trabalhava com o senhor em Piracicaba?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Só o senhor?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Somente eu. A partir do momento que me designaram...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor estava presente todos os dias na delegacia ou não?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não estava presente todos os dias, porque não tínhamos condições de fazê-lo, né, Excelência?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Por quê?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Porque com 4 cidades, com 2 comarcas para responder, não dava para mim estar presente todos os dias.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quantos dias na semana o senhor ia a Piracicaba?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Eu ia na terça e na sexta-feira, isso toda semana, e ia também se por acaso ocorresse algum flagrante fora desses dias. Isso aí iria também.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor já tinha entrado dentro de alguma cela da cadeia de Piracicaba?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Dentro da cela não cheguei a entrar, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Nunca entrou?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Nunca entrei, mas todas as vezes que eu chegava na delegacia e na cadeia de Rio Piracicaba necessariamente eu passava próximo à carceragem e sempre um preso chamava, o carcereiro dizia que algum preso tinha alguma reclamação, alguma reivindicação e eu sempre ia nas celas que me solicitavam. Isso era todo dia, praticamente, que eu ia lá em... toda terça e sexta.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Dentro da cela o senhor nunca entrou, para fazer uma vistoria, dar um baculejo, saber se tinha droga, saber se tinha arma, saber se tinha algo? Nunca entrou?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não. Isso, de fato, nunca entrei, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor já designou, nesse período em que o senhor é delegado, alguma batida na cela lá pelos seus subordinados?



**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Essa batida na cela, ela era vistoriada aí por um período de uns 15 em 15 dias, um agente de polícia...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Os agentes vistoriavam automaticamente ou tinham que ter uma autorização do senhor?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Automaticamente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eles tinham autorização para entrar e eles mesmo darem o baculejo lá, dar uma geral, dar uma batida?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso, isso. Com o reforço da PM, eles sempre... Dessa forma, né, porque só tem um agente de polícia lá em Rio Piracicaba.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor sempre dava plantão na terça...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Na verdade, não dava plantão, eu ia em Rio Piracicaba na terça e na sexta-feira.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Nesse período em que o senhor atua como delegado de Rio Piracicaba, o senhor faltou alguma terça?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Olha, se faltei, foram muito poucas terças-feiras, isso se por acaso eu tivesse algum flagrante em Alvinópolis...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - No dia 1º de janeiro o senhor esteve em Piracicaba, na delegacia?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não. Estive depois do episódio, logo após.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não, no dia 1º, na terça, durante o dia, o senhor não esteve?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não. Durante o dia, não estive.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas era uma terça.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Mas era feriado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Era um feriado, tudo bem. O senhor estava com a família?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não. Eu estive com a família, né, porque foi um final de semana, assim, até prolongado, e depois foi para Alvinópolis, que é a comarca onde eu sou titular, onde eu resido.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor estava...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Estava em Alvinópolis.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava trabalhando em Alvinópolis.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor tomou conhecimento dos fatos, o senhor estava em Alvinópolis?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Em Alvinópolis.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem ligou para o senhor?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - O Expedito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O Expedito...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - O Expedito...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - ... é o carcereiro?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Carcereiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ele tinha o telefone do senhor?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Tinha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Na hora em que ele quisesse localizar o senhor, localizava?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Localizava.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor veio imediatamente?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Imediatamente. Imediatamente...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou, ainda estava pegando fogo a cela?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não, ainda estava com... tinha bastante fumaça ainda no local, mas fogo, não, porque, quando eu recebi o telefonema do Expedito, eu liguei para o meu agente de polícia de Alvinópolis, o Higino, porque ele estava com a viatura, e determinei que ele fosse imediatamente para Rio Piracicaba. Quando eu recebi o primeiro telefonema, o Expedito falou que estava pegando fogo na cela. Por isso que eu ainda não sabia se tinha alguém ferido, como é que estava



a situação, nesse primeiro telefonema. Então, eu determinei que o agente de polícia de Alvinópolis, com a viatura de Alvinópolis, caracterizada, fosse para Rio Piracicaba, para dar um apoio no socorro ou qualquer coisa assim nesse sentido e imediatamente fui no outro carro, que é o veículo Gol, descaracterizado, mas que pertence à delegacia de Rio Piracicaba e que ficava comigo para eu fazer o deslocamento entre Alvinópolis e Rio Piracicaba.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é o percurso desse deslocamento?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Trinta e três quilômetros.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Em quanto tempo, mais ou menos, faz-se esse trajeto?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Esse trajeto devo fazer em uns 35 minutos, porém, no dia... essa viatura é muito problemática, esse Gol, e ele não pegava de jeito nenhum. Gastei mais de 40 minutos para fazer ele pegar. Ele têm um problema crônico lá de acionar ele e fazê-lo funcionar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, o senhor recebeu a comunicação do fato pelo Expedito?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Imediatamente, o senhor tentou localizar uma viatura?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Eu localizei imediatamente uma viatura, do...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - de um soldado...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Do agente Higino...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - ... e mandou ele vir...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - E ele foi na frente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - ... e o senhor viria no Gol.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O Gol não quis pegar.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso, deu um problema para pegar. Por isso que eu demorei para ir.





**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Ficou 40 minutos para pegar?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Por aí, Excelência.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Qual é o problema: bateria, arranque?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Esse problema é um problema talvez de injeção eletrônica. Eu não conheço muito bem de veículo, não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Que ano é o Gol?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Ano 98.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Noventa e oito?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É o carro do delegado?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É o carro que eu uso para fazer o deslocamento de Alvinópolis para Rio Piraci...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O carro é do senhor ou do Estado?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Do Estado, doado pela empresa... Companhia Vale do Rio Doce.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Esse carro é doado pela Companhia Vale do Rio Doce.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o senhor não tem outro carro?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não, eu tenho, mas não uso...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Particular?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O carro que o Estado disponibiliza para o senhor trabalhar é um Gol 98, doado pela Companhia Vale do Rio Doce?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Esse carro está com problema...



**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - E em Rio Piracicaba eu tenho também a viatura Elba, lá, ano 98.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Noventa e oito, em Piracicaba?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o Gol estava com problema há muito tempo?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Já estava há bastante tempo. A gente tinha mandado para a oficina, para olhar...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando consertava?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - ...mas sempre que saía não conseguia identificar muito bem o problema. Porque esse problema, ele não surgia sempre, com freqüência. Os próprios policiais lá sabem disso, o Expedito, que às vezes ele dava essa pane: ele morre e não consegue...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou ao local ainda estava saindo fumaça das celas?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Sim.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O que foi que o senhor viu? O primeiro relato, assim, quem foi que, quando o senhor chegou, abordou o senhor primeiro para falar o que estava acontecendo? O Expedito?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não, eu subi e conversei com o Ernesto Magno, que é o funcionário...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor subiu aonde?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Até o... o andar de cima da delegacia.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou, estava pegando fogo...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não, ainda não estava.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estava só fumaça?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Devia ter muita gente na rua.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor subiu...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não estava enfumaçando ali no corredor? O senhor passou pela fumaça e foi lá para cima?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Tinha um pouco de fumaça, isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem estava lá em cima, na sala do senhor?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Lá estava a delegada, Dra. Ketlyn, o Expedito, o Ernesto Magno, o escrivão Márcio...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O que eles narraram para o senhor dos fatos? "Olha, aconteceu isso, dessa forma"... Como foi a narração? O senhor consegue se lembrar e só para passar para nós?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - O que narraram é que começou um fogo na cela e após esse fogo o carcereiro foi acionado, o Expedito, não conseguiu chegar no cadeado, porque as chamas eram muito intensas. E ele não conseguindo abrir a cela com a chave que ele portava, por isso foi necessário fazer o arrombamento da cela, por trás, utilizando até o lote vizinho.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou, os presos todos já tinham sido levados para o albergue, para o local dos albergados, os das outras celas?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou, a cela 1 ainda estava com o cadeado fechado?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Eu não... eu não... eu não me lembro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não? Mas quem narrou para o senhor os fatos narrou desta forma: começou um fogo, depois o carcereiro foi acionado, não conseguiu apagar...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso, isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou, já estava certo que estava... os 8 estavam mortos, da cela 1?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor chegou a entrar na cela para ver os corpos?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Depois eu entrei, depois de algumas horas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Entrou?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Ainda tinha muito fumaça na hora em que eu cheguei, então ficava difícil...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor foi o primeiro a entrar na cela?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não. Não, senhor.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem já tinha entrado, antes do senhor?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Já tinha entrado o pessoal que fez o arrombamento lá da parte de trás, né? E os peritos também já tinham entrado lá, peritos de João Monlevade.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Os peritos de João Monlevade?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E a narração que o senhor ouviu foi essa. O senhor ouviu comentário de que os presos que colocaram fogo?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Olha, tinha o comentário de que teria sido um curto-circuito. Surgiu esse comentário.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem comentou primeiro?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - O... o cabo Sidney tinha falado isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Que era um curto-circuito.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor conversou com o cabo Sidney? Porque ele foi o primeiro a ver.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É, conversei, mas...



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E ele disse o quê para o senhor?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Disse que tinha... Ele... ele estava do lado de fora da cadeia com outro policial militar e ele escutou um barulho, parecendo um curto-circuito, que ele teria... E ele, então, nesse momento, ele foi lá ver o que estava acontecendo e chegou lá tinha um fogo. Ele falou para apagar o fogo, parece, num primeiro momento. Aí, o que ele relata é que um... acho que ele falou foi com uma das vítimas, Anderson, para apagar. Aí o Anderson falou: "Não, não foi eu que coloquei o fogo." E falou para um outro. Aí o Anderson falava... Segundo a versão do Sidney, o Anderson tinha comentado com uma outra vítima que era para ela apagar o fogo e aí essa outra vítima falou: "Não, eu não vou apagar, porque não fui eu que coloquei também, não." Isso no início lá do foco do incêndio, antes de o fogo tomar dimensões aí incontroláveis, e o fogo foi se alastrando muito rápido. Segundo o Sidney, com uns 40 segundos já estava toda alastrada o fogo pela cela.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor não acha estranho um fogo alastrado e o cara morrer queimado, mas dizer: não vou apagar não, porque não fui eu que coloquei, vou morrer com você."

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É, nesse primeiro momento, o relato que eu escutei do Sidney foi esse, de que o detento teria falado isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o Sidney afirmou que era um curto-circuito?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Que ele teria visto um curto-circuito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quando o senhor chegou e entrou na cela, a lâmpada estava acesa ou apagada?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Apagada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A lâmpada da cela estava apagada?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Estava apagada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Da cela 1?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Apagada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor tem certeza ou o senhor... estava muito escuro assim, as paredes, e o senhor...



**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Eu acho que estava apagada, sim.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eu acho, não. Era de noite, não era?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Estava muito escuro. Então, ela estava apagada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não, mas o cabo Sidney disse que estava acesa a lâmpada.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É, eu... que eu me lembre, estava muito escura a cela.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não, estar escuro é uma coisa, porque, com a fumaça preta, as paredes ficam todas pretas mesmo, o teto, todo preto. Então, a cela pode estar escura, mas uma lâmpada, dá para identificar se a lâmpada estava acesa... Porque se eu entro numa cela escura a coisa que vai mais chamar a atenção é uma lâmpada. Aí estou perguntando ao senhor: a lâmpada estava acesa ou estava apagada?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Eu não tenho certeza.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, está bom.

Relator com a palavra. (*Pausa.*)

Deputado Alexandre Silveira, quer falar?

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Dr. André...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Sim, Excelência.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** -... eu, no interrogatório do cabo Sidney, eu fiz questão de verificar exatamente essa questão do Wanderson, que estava preso e que teria se negado a apagar o fogo e teria até dito que não tinha sido ele que tinha colocado fogo, portanto, ele não ia fazer nada. E eu estou procurando seguir nessa linha de investigação para verificar exatamente o que se deu nesse momento, se ele teria, por trás disso, alguma intenção de fuga ou se, por ventura, tinha, por trás disso, alguma intenção de vingança com outros detentos. E eu estou verificando que o senhor está confirmando o depoimento anterior. Quer dizer, nós pelo menos já temos uma sintonia de posicionamento entre o cabo e o senhor, que é delegado. Então, eu pude perceber nas palavras do cabo alguma certeza em relação a isso. E não quero aqui um juízo de valor de sua parte, porque



sei que o senhor não estava lá no momento, mas eu indago ao senhor se porventura o senhor está realmente convencido de que duas pessoas, correndo o risco de morrer com fogo, que estava se alastrando em questão de segundos, se elas estavam realmente determinados a verificar, a ver o pior possível, para se valer daquela situação e com aquela situação eles serem beneficiados com a fuga. Então, eu indago ao senhor se isso seria possível realmente, quer dizer, uma pessoa, naquela situação, com a cadeia pegando fogo, e ela esperando para ver o que acontece.

Seria possível — então, agora, a minha pergunta —, seria possível que eles estivessem ali na situação de torcer para que o fogo se alastrasse, para que eles, então, em decorrência disso, alcançassem a fuga? Isso é possível, na avaliação do senhor?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Eu acredito que sim, só que não avaliaram, talvez, corretamente, até que ponto eles teriam controle, domínio sobre as chamas.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - E o senhor, nas averiguações que fez, posteriores, pôde ter alguma informação sobre a conduta anterior do Wanderson como detento? Era preso de boa conduta?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Na verdade, Anderson, né?

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Anderson, desculpe.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Anderson Dornelles. Olha, ele tinha sido beneficiado para trabalhar pelo convênio da prefeitura e tinha dado um problema lá. Por isso, ele perdeu esse benefício de trabalhar junto à prefeitura.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Esse problema seria relacionado a alguma tentativa de fuga dele?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não, não, problema de questão administrativa lá, das questões de trabalho mesmo junto à prefeitura lá. Mas tirando isso, não tinha mais nenhuma intercorrência assim negativa contra ele, não.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O senhor sabe qual era o... que crime ele teria cometido para estar cumprindo a pena?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Me parece que seria furto ou roubo.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O senhor sabe quantos anos?



**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Estava perto de cumprimento de pena? Já tinha decorrido quanto tempo?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso eu não sei especificar ao certo, mas já estava no final do cumprimento de pena, pelo menos para fim de benefício.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Já estava no final do cumprimento de pena?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - E, nesse período em que ele ficou preso, ele demonstrou algum tipo de comportamento de liderança ou de contestação ou de anarquia ou algum tipo de coisa desse tipo?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não, nesse tipo de situação, eu não identifiquei nada nesse sentido, não.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Eu sei que o juízo de valor é uma questão muito delicada, mas eu gostaria de perguntar para o senhor se o senhor realmente está convencido ou não dessa hipótese que nós estamos avaliando, que é exatamente a tentativa de fuga decorrente de um incêndio provocado e com o comportamento ou a conduta desse preso, Anderson, de forma negligente, de forma indolente, exatamente para ver a cadeia pegar fogo, literalmente. O senhor acredita nisso? O senhor acha que isso é possível?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Acredito, sim, nessa hipótese. Acho a mais provável.

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - O senhor acha a mais provável. Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Domingos Dutra.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Dr. André, eu vou fazer poucas perguntas, bem objetivas, queria que o senhor também... O senhor comunicou a seus superiores o estado precário da delegacia?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Perfeitamente, Excelência. Assim que fui designado para responder lá por ampliação de competência, na verdade, ampliação de atribuições administrativas, eu fiz um relatório em março, logo no final do mês de





março. Eu assumi lá em março e, logo no final do mês de março, eu fiz um relatório bem minucioso para o delegado regional, Dr. Edmar, que é meu chefe imediato, relatando essas questões todas de Rio Piracicaba, incluindo cadeia pública e também a delegacia. Inclusive, com reação à cadeia pública, eu tocava nos aspectos precários das instalações físicas e estruturais e, principalmente, o que mais me preocupava, a questão de segurança da cadeia, devido à estrutura não permitir uma segurança adequada, já que as celas eram muito próximas da rua, como o senhor pôde perceber lá. E também o acesso muito colado com imóvel particular. Essas coisas todas.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Foi o senhor quem isolou o local após o incêndio?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não, Excelência, não fui eu.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Quem isolou o local?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não sei dizer.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor sabe quem mandou limpar a cela no dia 3 à tarde?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não sei dizer.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor não sabe. Me diga o seguinte: naquela delegacia, quem fazia os pedidos de busca e apreensão era sempre o comandante do batalhão? Busca e apreensão.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É, alguns eram ele. Eu, por exemplo, não fiz nenhum pedido.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Porque nós temos aqui vários, quase sempre era o capitão que comandava.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Perfeito.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor considera que isso é uma irregularidade, porque quem deveria fazer isso era a Polícia Civil?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Legalmente, seria atribuição da Polícia Civil.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor recebeu algum treinamento para ser lá diretor da cadeia?



**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Nenhum treinamento na Academia sobre isso, não. E nem depois.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Qual é o salário do Delegado?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Três mil e quatrocentos líquido, inicial.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor tem conhecimento se em algum momento entrava álcool, drogas no interior da cela?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Não houve nenhum comunicado?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor, pela sua experiência, acha razoável que o fogo, em aproximadamente 40 segundos, como declarou o Sidney, era capaz de tomar conta da cela sem ter um elemento acelerante externo?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Acredito que possa ter um elemento acelerante, sim.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Você tem alguma idéia do que possa ser?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Presidente, obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Maria do Carmo.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Dr. André...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** -... o senhor era delegado de Rio Piracicaba e de mais quantas cidades?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Mais três, duas Comarcas.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - A sede era em que local? O senhor ficava mais em qual?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Em Alvinópolis.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Alvinópolis?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É, porque eu fui designado primeiro para Alvinópolis, né...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - E depois respondia por outras comarcas.



**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - ...e depois que eu fui responder por Rio Piracicaba.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - O senhor ia quantas vezes a Rio Piracicaba? Por semana? Por quinzena? Por mês?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Habitualmente, às terças e sextas-feiras.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - E os presos que estavam lá eram a maioria de lá, de Rio Piracicaba? Eram de outras cidades?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não, a maioria não era de Rio Piracicaba. A maioria era de Bela Vista de Minas. Tinha preso de Alvinópolis...

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - É porque eles foram presos lá ou foram transferidos para lá?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Foram presos, os de Bela Vista, presos em Bela Vista de Minas, porque Bela Vista também faz parte da comarca; mas de Alvinópolis porque teriam sido presos em Alvinópolis e transferidos para lá, porque Alvinópolis não tem cadeia pública.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - O senhor... tem quantos anos que o senhor estava respondendo por essa comarca de Rio Piracicaba e pelas outras?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Desde março de 2007.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - O senhor tinha clareza de que os carcereiros que o senhor tinha eram da prefeitura?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Perfeitamente.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - E alguma vez o senhor pensou, se preocupou com isso?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso foi citado no meu primeiro relatório, que eu fiz para o delegado regional, dizendo que a cadeia pública só tinha 2 carcereiros e que eram funcionários da prefeitura.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Quantos presos o senhor, em termos das comarcas por que o senhor respondia, quantos presos tinha no total, lá em Piracicaba. São quantos?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - No dia do fato tinha 22.



**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - E nas outras? No total, quantos eram os presos?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Total de onde, Excelência?

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - O senhor responde por várias comarcas, por várias cidades.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Ah, correto.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Quanto é o total, a média pelo menos, o total dos presos por que o senhor responde?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Eram só... Porque a única cadeia que eu administrava, que estava responsável, era a de Rio Piracicaba.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Alvinópolis não tinha?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Alvinópolis não tem cadeia pública e é comarca.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - A cadeia é só em Rio Piracicaba?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Então são só os 22 presos?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso. No dia do fato, porque tinha 25 presos, três estavam de saída temporária autorizadas pela Justiça.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Por que no dia, ao chegar — o senhor já fez o relato de quando o senhor chegou, dos problemas que teve —, por que o senhor não isolou? Ou já estava isolado o local?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Já estava.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Por que o senhor não isolou?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Já estava isolado.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Já estava isolado?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Perfeito.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - O senhor sabe quem isolou?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não sei.



**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Esta pergunta também: se a única cidade que era comarca e que tinha cadeia, o senhor não residia nela; residia na outra, que não tinha. Nenhuma outra cidade por que o senhor é responsável tinha cadeia.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - E nem tinha preso nenhum.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - E quando foi indicado, o senhor foi indicado para Alvinópolis e foi depois para Rio Piracicaba?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso. Eu fui indicado para Alvinópolis em julho de 2007 e, em março... Aliás, Excelência, em julho de 2006 que fui designado para Alvinópolis. Assumi lá em julho de 2006, logo após a formatura, e somente em março de 2007 que foi ampliada provisoriamente, para que eu respondesse por Rio Piracicaba.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Estou fazendo pergunta de entendimento. Se não for o senhor a responder, depois pode a outra pessoa responder. Quando tem uma cadeia, necessariamente não tem que ter um delegado? Entendimento por falta de conhecimento.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Quando tem uma delegacia, tem que ter o delegado.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Tem que ter o delegado morando, residindo na cidade, é o que eu estou falando.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Eu não sei bem. Teoricamente, tem que residir na cidade, só que eu já era titular da Comarca de Alvinópolis e já estava estabelecido em Alvinópolis, não tinha por que eu mudar.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Está bom, obrigada.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Eu queria só perguntar ao delegado: o senhor, delegado, sabe que o art. 6º do Código de Processo Penal estabelece que é obrigação da autoridade policial, na ocorrência de fato criminoso, isolar o local, preservar os objetos... Por que o senhor, ao chegar, não tomou essa atitude? Ou houve alguma determinação superior para que o senhor não tomasse essa atitude e outra autoridade agiu em seu nome?



**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Já estava isolado o local. O perito da Regional já estava no local. Quando o perito chega, o local é do perito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Quem acionou o perito?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - O delegado regional, porque eu tinha ligado para ele.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Qual delegado?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Dr. Edmar Paula, da 27ª Delegacia Regional de João Monlevade.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O senhor ligou para o delegado antes de sair de casa?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Sim. Logo assim que eu recebi o telefonema do Exedito eu já liguei para o delegado regional.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o Delegado já mandou o perito para lá.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - De imediato?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Eu pergunto: há necessidade... Se não houvesse mortes no dia, se fosse só um incêndio na cadeia "Ah, está pegando fogo aqui!", o perito iria para lá assim mesmo ou ele só iria no caso de vítimas?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Iria mesmo se não tivesse vítimas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É padrão?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - É normal? Pegou fogo na cadeia, começou a pegar fogo, aí o perito já tem que ir para lá?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Ele é acionado para ir para o local.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, isso é padrão.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Independente se há vítimas ou não?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isto.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Paulo Abi-Ackel, deseja fazer uso da palavra?

**O SR. DEPUTADO PAULO ABI-ACKEL** - Estou satisfeito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Alexandre.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Deixa só eu completar.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Deputada Maria do Carmo.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - O senhor disse, Dr. André, que o senhor comunicou à Secretaria de Estado, aos órgãos competentes, as questões das situações da cadeia.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Perfeito.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - O senhor teve algum retorno quando o senhor comunicou? Foi procurado, ou por escrito... algum retorno?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Não, não tive nenhum retorno formal, não, porque em Rio Piracicaba o delegado regional já estava reunindo, anteriormente até eu assumir lá, ele já estava reunindo com o Judiciário, com o Prefeito para a questão da cadeia pública de Rio Piracicaba, que já tinha a ação civil pública em andamento. Então, já era uma preocupação da Polícia Civil essa questão da cadeia e também da delegacia de Rio Piracicaba.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO CARMO LARA** - Obrigada, Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Agradecemos ao delegado, mas gostaria de tirar uma dúvida. Não entendo muito dessa sistemática de funcionamento, então o senhor me desculpe se eu fizer alguma pergunta que não seja condizente com aquilo que o senhor possa responder.

Quando o senhor chegou o perito já estava?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - O de João Monlevade, sim.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - De João Monlevade a Rio Piracicaba é quanto tempo?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Quinze quilômetros.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, é pertinho.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - É mais perto.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Além do perito...



**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - O delegado da regional também já estava.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O delegado também é de João Monlevade?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Além do perito e do delegado estava mais alguém?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Tinha muito gente lá.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - De autoridade.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Estava a delegada de João Monlevade, que estava de plantão. Também foi para lá com o marido dela, que é o Dr. Wladimir.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aí de imediato já abre um inquérito, já coleta as informações?

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso. Naquela mesma noite já estávamos ouvindo... A delegada inclusive já estava ouvindo...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A delegada que conduziu os primeiros...

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - Isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O.k. Muito obrigado, então. Agradeço o depoimento de V.Sa. Estou satisfeito.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DE FREITAS** - À disposição, Excelência.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Está dispensado. *(Pausa.)*  
Convidamos o Dr. John Kennedy da Cruz. *(Pausa prolongada.)*

Dr. John Kennedy da Cruz.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Pois não, Excelência.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Dr. John Kennedy da Cruz Oliveira, boa-noite.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Boa-noite.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - V.Sa. foi convidado para prestar depoimento a esta Comissão sobre os fatos ocorridos na cidade de Rio Piracicaba a respeito da morte de 8 presos, na qualidade de perito criminal do Instituto de Criminalística de Minas Gerais.





Peço a V.Sa. que preste compromisso a esta Comissão.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - *“Termo de compromisso. Juro sob a palavra de honra a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”.*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o que o senhor sabe do caso?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Acionado pela Superintendente de Polícia Técnico-Científica, Dra. Elayne Lúcia Nogueira Cruz Oliveira, por volta das 22 horas do dia 1º de janeiro deste ano, me foi comunicado que havia outro caso de morte de presos numa carceragem do Estado de Minas Gerais, porque eu já havia participado dos acompanhamentos periciais de Ponte Nova. Inclusive tivemos a oportunidade de estar com V.Exa. no IML. E ela designou e determinou que uma equipe de especialistas da Capital fosse até Rio Piracicaba. Na oportunidade de Ponte Nova, o deslocamento foi feito por uma equipe de plantão do Instituto de Criminalística, por terra. E, no dia 1º de janeiro, fomos de helicóptero, eu, como perito e respondendo como Diretor do Instituto de Criminalística, o perito Rodrigo, que é especialista na área de engenharia legal e especialista em incêndios, e 2 médicos legistas. Então, chegando à cidade de Rio Piracicaba, logo que a aeronave aterrizou, fizemos alguns questionamentos para nos inteirarmos do que estava acontecendo, antes mesmo de chegar até a delegacia. E disseram, falaram: parece que foi um problema com um incêndio no interior de uma cela e que os presos estão mortos no interior do banheiro. Quando nós chegamos lá, o aparato já estava formado e, a partir daí, o local devidamente preservado, e teve início o procedimento pericial, porque... V.Exa. deve ter conhecimento disso, mas existem pessoas que não entendem que a perícia só chega depois do fato ocorrido. A perícia não previne. Ela pode até trabalhar em instituições educacionais para poder colaborar na prevenção da criminalidade, mas é finalidade da perícia atuar após o ocorrido. As paredes ainda estavam muito quentes, porque haviam acabado de ser debeladas as chamas e ter sido feito o rescaldo. Inicialmente, eu pedi ao Rodrigo que me acompanhasse para que nós, sob a ótica da perícia, fizéssemos uma interpretação do local. Bem diferente a situação de Rio Piracicaba daquela encontra em Ponte Nova — Ponte Nova com proporções bem maiores. E fizemos uma análise



inicial, partindo do ambiente imediato para o mediato, ou seja, de fora para dentro, e passamos a observar detalhes, vestígios. Por exemplo, a porta da cela, o portão gradeado da cela, se apresentava sem o sistema de trancamento, ou seja, o trinco externo associado ao cadeado havia sido rompido — depois a gente constatou — com a utilização de uma marreta que estava lá. Então, isso foi arrancado na tentativa, com certeza...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Isso da porta que dá acesso para a rua?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Não, senhor. Da porta que dá acesso do *hall* interno para a cela. E o trinco metálico, com o cadeado trancado, se encontrava junto ao pé do portão, encostado na parede. Fizemos a análise de tudo e...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Só para eu entender, o trinco estava junto com o cadeado. O cadeado estava trancado?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Estava trancado. O trinco é um trinco corrediço, onde existe aquela parte que parece um L, e fixo tem aquela outra estrutura, que chamamos de orelha, lingüeta, que tem aquela abertura, por onde se passa o cadeado, prendendo o L ali.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O cadeado continuava fechado?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Fechado, com o trinco arrancado e caído sobre o piso. Então, como é o procedimento, Excelência, de uma perícia de incêndio, só para resumir e ser bastante didático? Quando ocorre um incêndio com vítima fatal, o perito vai até lá com a finalidade primordial, não só de determinar a causa do incêndio, mas de liberar a vítima fatal, quando tem a vítima fatal. E lá a gente procedeu da mesma forma. Primeiro... A nossa primeira intenção foi liberar os corpos. Então, fizemos uma análise inicial, fotografamos, iniciamos a descrição e partimos para os cadáveres que se encontravam, ao contrário de Ponte Nova — em Ponte Nova eles estavam aglomerados —, em Rio Piracicaba eles estavam amontoados. Por quê? Porque o banheiro tinha 1 metro de largura por 3 de comprimento na sua porção mais longa. E esse banheiro estava sob a escada de acesso ao segundo pavimento da delegacia. Então, eles foram buscando oxigênio



ali e foram se amontoando uns aos outros num instinto claro de sobrevivência. E lá, sim, em Rio Piracicaba, eles estavam amontoados. Encontravam-se chamuscados. Algumas partes do corpo chamuscadas, algumas partes das vestimentas chamuscadas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Vocês entraram pela porta, então?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Pelo portão.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Você usou algum candeeiro, algum lampião para entrar na cela?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Nós usamos uma extensão que foi... Em virtude do incêndio, houve o desarme da chave disjuntora que alimenta esse lado da delegacia. Eram 2 as alimentações, uma partindo do posto policial, que alimentava, a gente estando de frente, o lado esquerdo, e esse outro disjuntor alimentava o lado direito. Por um problema que nos foi informado posteriormente, essa chave continuava alimentando o lado direito, estando o observador de frente, em virtude de problemas que ocorreram, internos, na tubulação, fiação embutida, e passou-se a alimentar o lado esquerdo, repito, estando o observador de frente, através da instalação elétrica do posto policial, que é ao lado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A lâmpada da cela estava acesa ou apagada?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Não, a fiação toda existente dentro da cela estava carbonizada e foi puxada uma extensão da parte que tinha energia elétrica.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Sim, mas a lâmpada da cela estava acesa ou apagada?

*(Segue-se exibição de imagens.)*

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Não, inclusive houve a perda de substância da boquilha. Então, a gente tem ali, atrás do senhor, a gente tem essa abertura. Aqui no caso é um *plafon*, porque está rebaixado. Então, lá a gente tinha na laje a abertura, a caixa, mas a boquilha não existia em nenhum dos 2 pontos. E o fio que estava ali, o revestimento do fio, que era de tecido, não era fiação plástica,



ele se encontrava completamente carbonizado, estando só a parte metálica exposta. Então, dentro da cela, não existia energia elétrica.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O.k.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - A gente trouxe... A gente, não, minto. Já haviam procedido a uma extensão com a boquilha e uma lâmpada, e essa boquilha e lâmpada utilizamos para entrar e fazer os exames. Dando continuidade, depois de iniciar as fotografias, a descrição, as medições da via de acesso, esse portão gradeado, 1 metro de largura por 2 metros e meio de altura, uma grade localizada na mesma parede do portão de entrada à cela, com 1 metro e 50 por 1 metro e 60. Então, uma grade e um portão. Ao fundo, na parede posterior... Porque, didaticamente, a perícia utiliza o seguinte procedimento: nós adentramos no imóvel, procuramos saber onde fica a via pública, voltamos para a via pública e a partir do momento em que a gente se volta para a via pública, tudo aquilo que está a nossa frente é anterior, tudo aquilo que está atrás é posterior, à direita, lateral direita, e à esquerda, lateral esquerda. Então, só para que o senhor entenda, estando o observador, não na posição do perito, mas na posição de fora para dentro, na parede posterior, existia uma abertura na parede, gradeada, com as dimensões de 60 por 1 metro. E na parede anterior, entre o *hall* e a parede que faz limite com a via pública, existia uma grade de 1 metro e 60 por 1 metro e 50 e o portão, por onde se tinha acesso à cela, com 1 metro por 2 metros e 50. Então, procedidas essas medições, a constatação da carbonização da fiação e de alguns dos móveis existentes dentro da cela... porque nós tínhamos 1 beliche, 2 beliches, 3 beliches em material metálico, sendo utilizados para eles, esses 3, os colchões. E detectamos os restos de um outro móvel que mais tarde a gente veio a saber que era um beliche em madeira. Então, 8 lugares na cela: 3 beliches metálicos e 1 beliche em madeira. Esse beliche em madeira localizado, estando o observador de frente, logo que se transpunha o portão de entrada, esse beliche... nós tínhamos 1 beliche metálico, o local onde teria existido o beliche de madeira e, ao fundo, outro beliche metálico. E, do lado esquerdo de quem entrava na cela, outro beliche metálico. Certo? Então, todos os colchões dos beliches que estavam, estando o observador de frente para a cela, todos os colchões que estavam à direita foram completamente carbonizados, do beliche metálico, do beliche de madeira e do beliche do fundo. E do beliche que



estava à esquerda, onde, inclusive, existia uma televisão sobre uma pequena estante — e se supôs ter sido um curto-circuito partindo dessa televisão —, o colchão superior desse beliche se encontrava ainda com um pouco de espuma e o colchão inferior também. Então, se tivesse sido ali, Excelência, o que nós chamamos de foco inicial, teríamos tido a carbonização total desses beliches. Inclusive, na parede ao lado desse beliche, existiam aquelas fotografias com mulheres nuas — a gente presume que seja —, comuns nos estabelecimentos prisionais, e esses papéis não chegaram a carbonizar por completo.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Do lado esquerdo?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - De quem?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Estando da rua para...

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Isso, isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Os beliches do lado de cá, onde estava a televisão...

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - O beliche do lado esquerdo...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - ...onde tinham 2 colchões, o colchão não estava totalmente queimado.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Perfeito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Aqui estava próximo da porta.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - É. A porta é do lado direito, Excelência, de quem está olhando de frente. O acesso à cela é pelo lado direito. Para acesso ao *hall* passa-se por essa porta e vira-se à direita. Então, tem outro portão metálico.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O.k.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - A mesma coisa do lado esquerdo. E, na parte central, passando por essa porta que o senhor tem aí na frente, o um pequeno *hall* e a escada para levar ao segundo pavimento. Então, procedeu-se a todo o exame pericial...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Só para eu tirar uma dúvida aqui. Quando entra na delegacia, do lado direito tem uma cela e do lado esquerdo tem outra?



**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Quando o senhor entra na delegacia, onde tem, parece, uma pessoa em pé aí, não é isso, tem um pequeno *hall* e, logo em seguida, uma escada. Se o senhor virar à direita, o senhor vai encontrar uma porta metálica, um portão metálico — não semelhante ao da cela —, com trabalhos artesanais. Ali o senhor vai ter um portão metálico e um *hall* externo à cela. Do lado esquerdo, a mesma coisa. Então, do lado direito, Excelência, o senhor tem a cela 1, que foi o palco do trabalho, inicialmente, porque toda a cadeia foi vistoriada. Então, cela 1, à direita de quem está de frente, celas 2, 3 e 4 à esquerda. É isso. Elas estavam vazias. Já tinham sido retirados dali os presos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Então, essa cela é separada também dessa entrada aqui por...

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Por um portão.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Por um portão de grade?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Não, a gente chamou de gradeado, mas para não ter interpretação dúbia... Um portão metálico.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - A fumaça daqui vinha para cá naturalmente.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Perfeitamente, é passagem. Nenhuma obstrução que vedasse a fumaça de fazer a transposição.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Tinha alguma saída no fundo, alguma abertura no fundo dessa cela?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Na parede posterior, uma abertura com 1 metro por 60, gradeada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - O.k.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - E distante do piso...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E o banheiro era do lado esquerdo dessa cela?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - O banheiro do lado esquerdo da cela. Entrando à esquerda, no fundo, à esquerda. Então, procedeu-se a todo o levantamento e priorizou-se, em virtude de comoção social, a liberação dos corpos. Então, nós pegamos um colchão... inclusive o Excelentíssimo Sr. Deputado Federal Domingos Dutra esteve lá. Inclusive até comentei com ele na oportunidade que parte



da minha família também tinha Dutra, e ele disse que na oportunidade estava montando uma árvore genealógica. A memória do perito é boazinha. Então, pegamos um colchão em outra cela e, apesar de serem detentos e mortos, seres humanos. Então, a gente retirava o corpo de dentro do banheiro, colocava sobre esse colchão para fazer o exame perinecrocópico, o exame de hábito externo dos cadáveres, para poder saber se ele tinha alguma jóia, para saber se ele tinha alguma lesão, alguma fratura, para descrever as vestes, para descrever os ferimentos ocasionados possivelmente por um Chuço, por um projétil de arma de fogo, por uma pancada, um objeto contundente. Só que todos os cadáveres, os 8 cadáveres, foram examinados e apresentavam chamuscamentos, em virtude das labaredas, e parte das vestes também carbonizadas, parcialmente, bem diferente de Ponte Nova. Então, procedemos a todos os exames. A Polícia Militar, junto com a comunidade, fez uma abertura nessa parede posterior da cela para poder prestar socorro. E, na cela 2, cuja parede era comum ao banheiro da cela 1... Porque a cela 2 estava do lado esquerdo de quem observa, só que o banheiro da cela 1 estava sob a escada. Então, a parede da cela 2 era comum à cela 2 e ao banheiro. Então, por ali também a Polícia Militar tentou abrir um orifício para poder prestar socorro às vítimas. Não concluiu a abertura desse buraco, mas no fundo da cela 1, que é o imóvel vizinho, eles conseguiram abrir um buraco — as dimensões eu não recorro precisamente, mas acredito que mais ou menos 1 metro por 1 metro.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Mas o senhor acredita que o curto-circuito começou, então, do lado direito e não do lado esquerdo?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Não, Excelência. Ficou caracterizado após os exames no dia 1º, no dia 2 e no dia 3, oportunidade em que nós pudemos estar lá com o Deputado Domingos Dutra, que não houve curto-circuito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Não houve curto-circuito.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Não houve curto-circuito. O que caracteriza o curto-circuito numa instalação elétrica? É a pérola de fusão. Nós não encontramos a pérola de fusão. Nós vistoriamos todas as instalações externas e inclusive aquelas que são denominadas de gambiarras. Por que não existiam



boquilhas nas caixas no teto? Porque provavelmente a boquilha teve um problema, em data passada, e dali se tirou a gambiarra para poder clarear a cela.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - E a conclusão da perícia a respeito do fogo é qual?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - A perícia conclui que o foco inicial foi no beliche de madeira. Então, vamos reforçar...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Neucimar Fraga) - Do lado direito de quem entra...

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - ... o posicionamento. Do lado direito de quem entra na cela, entre o primeiro beliche metálico e o último beliche metálico. Ali estava o beliche de madeira. Ele carbonizou por completo, ficando algumas peças dele carbonizadas e num tamanho maior. Os colchões se carbonizaram por completo, as vestes dos detentos que por ali estivessem também foram totalmente carbonizadas, os calçados, a roupa de cama. E é uma praxe comum, V.Exas. têm percorrido as carceragens... Os detentos fazem cortinas utilizando ou lençol ou cobertor. Então, ali teve início o incêndio. Por que é que as chamas se propagaram fazendo uma espiral e se propagando para frente? Porque para que haja a chama, a gente precisa da presença de oxigênio. O oxigênio é o comburente que vai fazer com que a chama se propague. Como o volume de oxigênio na região anterior da cela era maior, em virtude das aberturas que ali existiam, e na região posterior uma pequena abertura, o fogo fez esse movimento, estando o observador de fora para dentro. Ele começou no beliche de madeira, propagou para o fundo da cela, rodeou, porque ele pegou o outro beliche, depois ele foi em direção ao banheiro — a gente tinha ao lado da entrada do banheiro uma estante, que foi também atingida pelas chamas, mas não foi completamente decomposta, apesar de ser de madeira — e veio para frente. Por quê? Mais oxigênio, mais possibilidade de o fogo crescer. Então, ele cresceu para frente.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Dr. Kennedy.

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Pois não.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Eu estive vendo aqui as fotografias. Por que o senhor também na pensa na possibilidade de o fogo ter





começado pelo beliche do lado esquerdo de quem entra, já que a televisão está queimada, a mesinha do mesmo jeito, há muito material queimado?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Sim.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - E já que o Sidney, o Cabo, diz que foi muito rápido, esse fogo poderia ter começado por ali, e o elemento que o senhor afirma, no seu convencimento, de ter começado pelo de madeira, porque queimou tudo, não poderia ter tido o mesmo resultado em função de ter chegado ali e ter um material mais acessível à combustão, que é a madeira?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Excelência, se o fogo tivesse tido início nesse beliche do lado esquerdo, a televisão não teria explodido, e ela explodiu, o tubo de imagem explodiu. Se ali tivesse tido início o fogo, todos os colchões desse beliche teriam sido consumidos pelo fogo. A mesinha de madeira em que a televisão estava em cima teria também sido totalmente consumida. E em virtude de existir uma área vaga entre esse beliche e a estante de madeira que estava ao fundo, bem como à direita desse beliche, as chamas não teriam como saltar desse beliche para os demais. Então, o fogo, se fosse ali, seria controlado pelos detentos e se extinguiria em virtude de pouco material combustível.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O que levou o senhor a afirmar no laudo que o fogo foi intencional e que teriam sido os detentos? E eu perguntaria: esta é a linguagem correta numa perícia desse porte?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Se foi intencional?

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Foi intencional, foi doloso e já apontar quem teria sido?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - A autoridade policial que preside o inquérito, através da Corregedoria de Polícia, quesitou a perícia a respeito dessa colocação de V.Exa. Lá em Ponte Nova sabemos que o fogo foi posto e introduzido na cela. Quais seriam as possibilidades de isso ter acontecido em Rio Piracicaba? Praticamente nenhuma. Por quê? A pessoa, tendo um portão gradeado, cujo braço passa com facilidade, não precisaria arremessar qualquer material combustível e inflamável na direção do beliche de madeira. Se fosse a intenção dela colocar fogo na cela, ela tinha colocado fogo no beliche metálico primeiro da direita ou no primeiro à esquerda. Ela não gastaria o tempo de arremessar para dentro da



cela, porque ela teria muita facilidade, a um metro da mão dela, de atear fogo. Então, por que se colocou a questão de terem sido os detentos. A perícia trabalha materializando a prova, a prova material. A perícia levanta a prova material. Mas a perícia também trabalha com a informação subjetiva.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Então, essa sua conclusão é subjetiva?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Não, senhor, ela é técnica, em virtude da intensidade das chamas que levaram à exaustão completa do beliche de madeira.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - O senhor afirma aqui que houve um elemento em combustão de boa *performance*. Eu pergunto: qual seria esse elemento que fez com que a cela pegasse fogo com uma rapidez tão grande que 8 homens não tiveram condição de enfrentá-lo? Qual é esse elemento acelerante?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Sim. Ao contrário de Ponte Nova, nós não encontramos em Rio Piracicaba nenhum líquido inflamável que pudesse acelerar o processo. Inclusive, em Ponte Nova, nós fizemos simulações para poder saber qual seria a margem de propagação do fogo, das chamas, no colchão de espuma de borracha. E vimos perfeitamente que ateando fogo ao colchão de espuma de borracha, em uma das extremidades, a chama se propagaria de forma muito lenta, apesar da fumaça tóxica ser muito intensa e o calor ser muito intenso.

**O SR. DEPUTADO DOMINGOS DUTRA** - Então, nos colchões, a propagação é muito lenta?

**O SR. JOHN KENNEDY DA CRUZ OLIVEIRA** - Não posso afirmar categoricamente, no caso de Rio Piracicaba, porque não sei o lote do colchão que foi encaminhado para Rio Piracicaba. Nos colchões de Ponte Nova, após ter ateado fogo e crescido ali o elemento combustível, que era o álcool iodado, utilizado para poder curar as dermatoses, a chama se propagava com muito mais velocidade. Lá em Ponte Nova, 99% dos colchões...